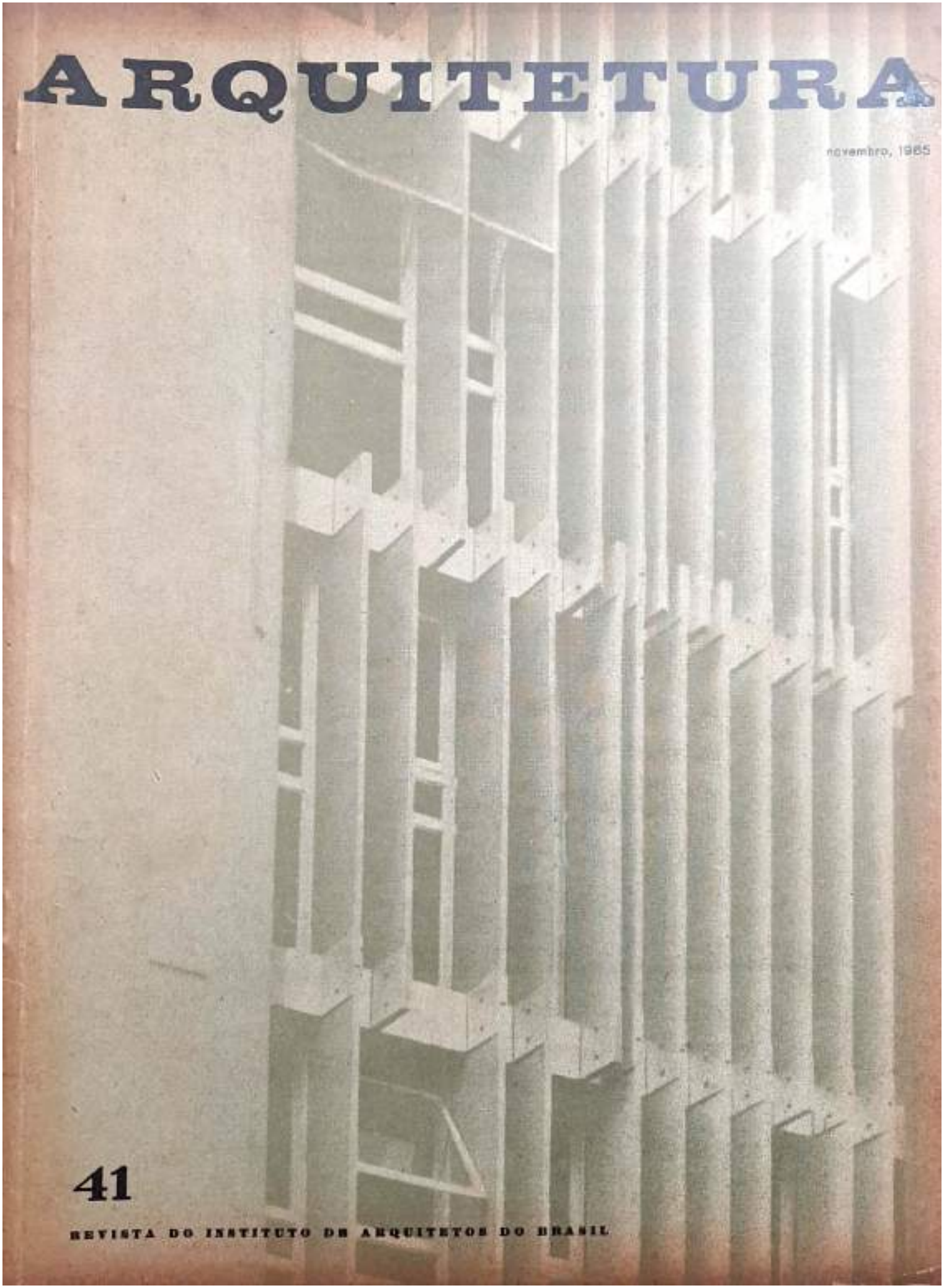
ARQUITETURA

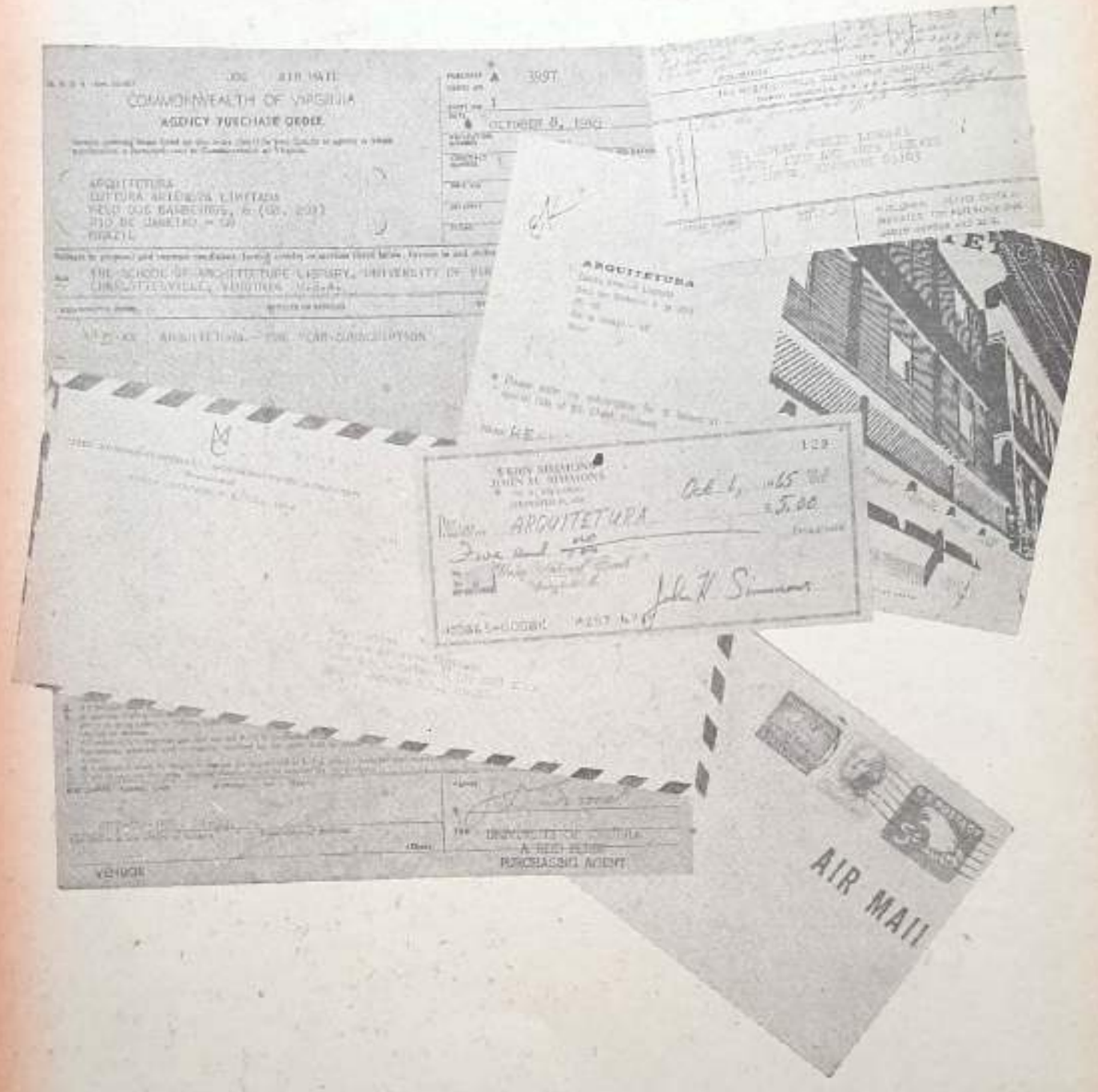
novembro, 1965



41

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL

UMA NOVA DIMENSÃO PARA O SEU ANÚNCIO



ARQUITETURA é a única revista brasileira colecionada de fato por arquitetos e construtores.
E porque é o órgão oficial dos arquitetos brasileiros e também o veículo oficial de divulgação da arquitetura brasileira, o interêsse por ela ultrapassou nossas fronteiras.
Publicada simultâneamente em inglês e francês, está conquistando um nôvo público categorizado fora do Brasil.
A cada dia estamos recebendo novos pedidos de assinaturas de arquitetos e entidades culturais da América Latina, dos Estados Unidos e da Europa.
Dentro dêsse ritmo, atingiremos brevemente 5.000 assinaturas para o estrangeiro, que é o objetivo inicial de nossa campanha.
Sem falar na distribuição mensal feitas às Embaixadas brasileiras no exterior. E também através delas.
É uma nova dimensão acrescentada ao seu anúncio. E sem lhe custar nenhum aumento.

SE O SEU OBJETIVO É ATINGIR ARQUITETOS E CONSTRUTORES, NÓS LHE GARANTIMOS ESSA PENETRAÇÃO NO BRASIL. E, NO ESTRANGEIRO, ACRESCENTAMOS PRESTÍGIO AO SEU ANÚNCIO

QUALIDADE

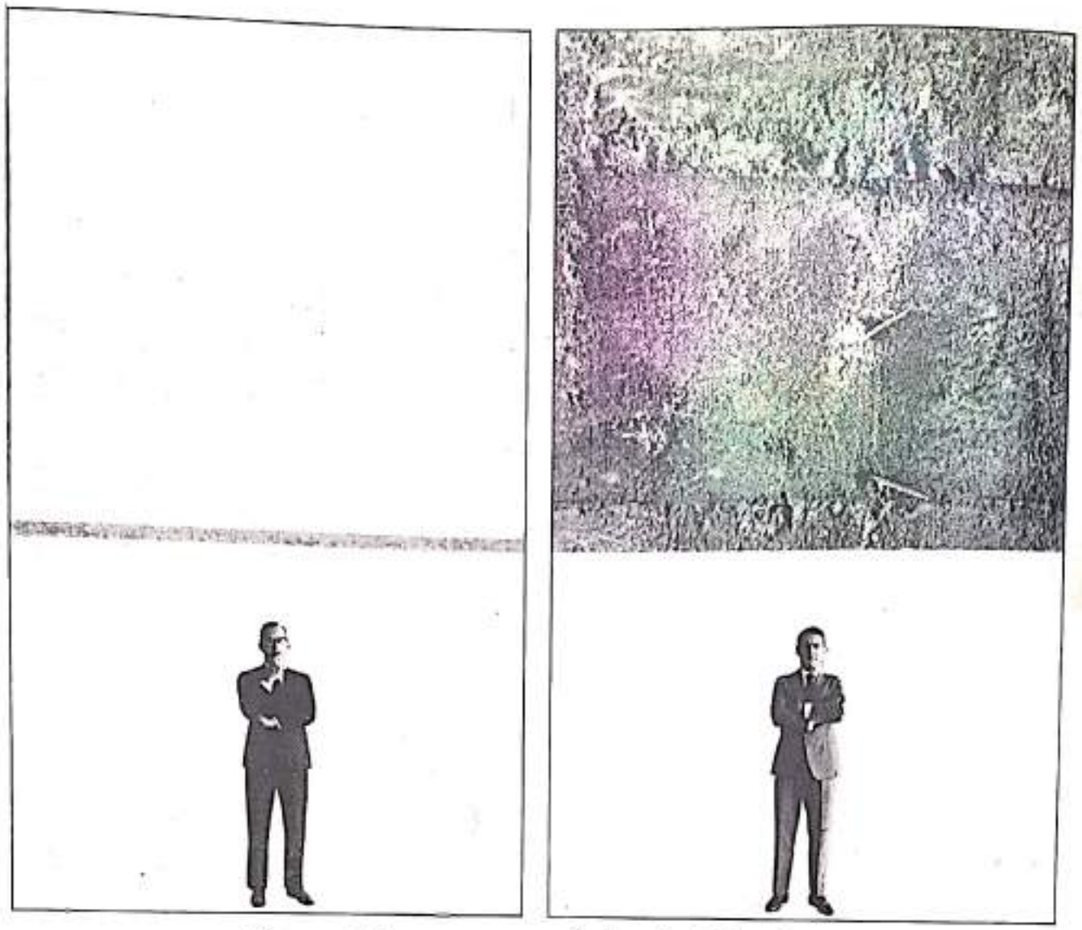
FORMI PLAC



PAREDES-DIVISÓRIAS FORMIPLAC
Sede do
INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DO ESTADO DA GUANABARA - IPEG
Arquitetos:
AFFONSO EDUARDO REIDY
FRANCISCO BOLONHA

O desenvolvimento técnico da arquitetura é paralelo ao progresso da indústria. A arquitetura contemporânea atua sôbre a produção industrial, e as conquistas da tecnologia revelam novos caminhos para a construção. Há uma reciprocidade no processo evolutivo, acentua-se a interdependência. O arquiteto atualizado conhece os novos recursos postos à sua disposição pela indústria, e a indústria de vanguarda orienta suas pesquisas para atender às melhorias exigidas pelo arquiteto. A Cia. Química Industrial de Laminados, fabricante de Formiplac, aceitou êsse compromisso. Desde que foi fundada colabora com os grandes nomes da arquitetura e da construção. Mantém um Departamento Técnico, onde continuamente são pesquisadas novas possibilidades, novas soluções, novos acabamentos. Os produtos resultam de um objetivo equacionamento dos problemas técnicos, econômicos e funcionais. As pesquisas constituem o elo entre a fábrica e o arquiteto. Essa maneira de trabalhar visa a qualidade. Qualidade prática, qualidade objetiva, qualidade baseada na pesquisa, nos requisitos funcionais, nas possibilidades da mão-de-obra, na facilidade de colocação, nas vantagens de conservação, na rapidez da execução, na boa manutenção, na economia global representada pelo emprêgo de um bom material. As qualidades da arquitetura são acentuadas pelo correto emprêgo de um material de alta qualidade. A Cia. Química Industrial de Laminados, fabricante de Formiplac, através de seu Departamento Técnico, estabelece o indispensável convívio entre a arquitetura e a indústria.

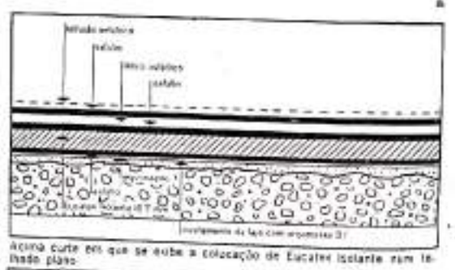
CIA. QUÍMICA INDUSTRIAL DE LAMINADOS
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO • BRASÍLIA



Para obter a mesma isolação térmica proporcionada por 2 cm de Eucatex Isolante, V. teria que construir uma laje de concreto com 90 cm de espessura.

(Um pouco demais de concreto para um telhado plano, não acha?)

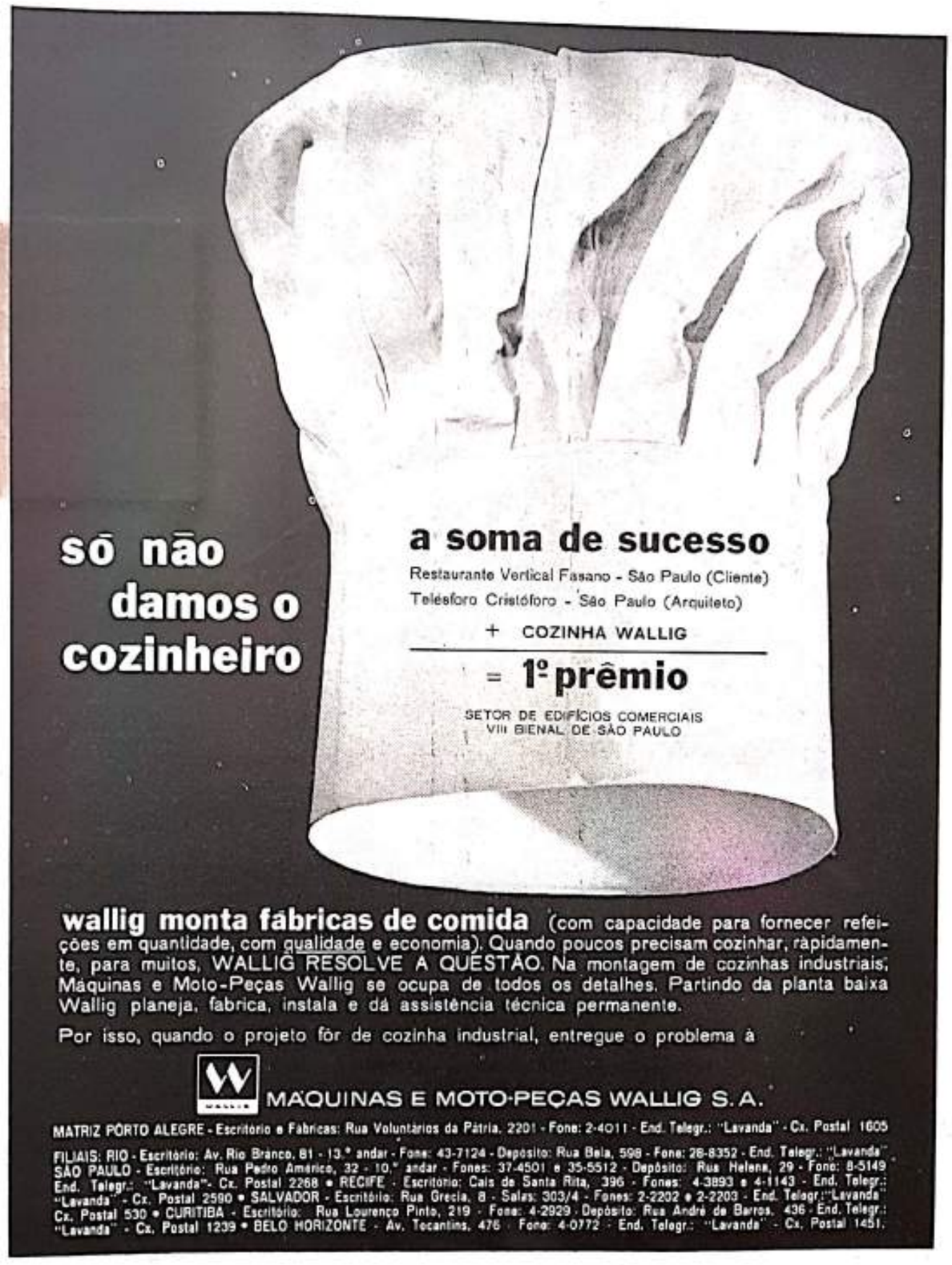
Eucatex Isolante é feito para isolar, como diz a palavra.
Isola o ambiente contra as variações de temperatura,
porque seu coeficiente de condutibilidade térmica é baixíssimo:
λ = 0,043 Kcal. m/m². H°C. Este é um fator de suma importância,
bastando lembrar que Eucatex isola
45 vêzes mais do que o concreto!
A isolação de calor faz com que a laje permaneça em temperatura estável,
evitando o trincamento da laje e da camada impermeabilizante.
Com isso, desaparece qualquer problema:
o telhado plano sempre se mantera perfeito.
Como se coloca? Aplicam-se as chapas de Eucatex Isolante
diretamente sobre a laje que constitui o telhado plano,
recebendo por cima a impermeabilização normalmente utilizada
(asfalto, feltro asfáltico, lâmina impermeabilizadora, pedrisco, pintura etc.)
O material é facílimo de serrar,
não apresenta nenhuma dificuldade para o manejo.
É fornecido em chapas nas medidas de 1,22 x 1,22 m e 1,22 x 2,44 m,
nas espessuras de 12,7 e 20 mm.
Outras medidas e espessuras sob consulta.
Se é caro? Não senhor.
Pergunte a qualquer Revendedor Eucatex ou procure-nos.

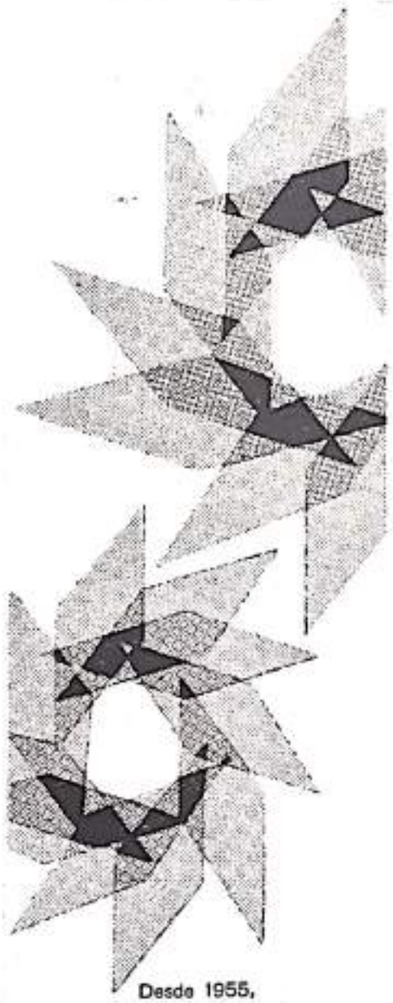


Acima corte em que se evibe a colocação de Eucatex Isolante num telhado plano

EUCATEX - chapas para isolação térmica de telhados planos

A Eucatex S. A. Indústria e Comércio
Avenida Francisco Matarazzo, 530 — Caixa Postal 1163 — São Paulo
Quero receber outros informes sobre Eucatex Isolante
Nome .....
Profissão .....
Endereço .....
Cidade ..... Estado .....
A R Q I



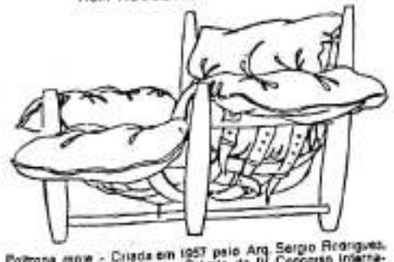


Desde 1955,
criando e executando
o móvel brasileiro
de prestígio internacional

10 anos

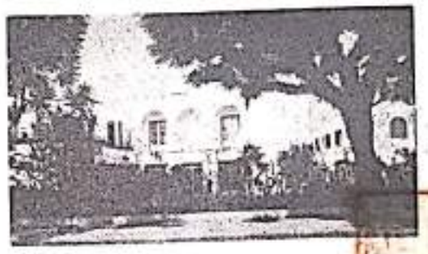
oca

RUA JANGADEIROS, 14-C - GB
RUA AUGUSTA, 1058 - SÃO PAULO



Poltrona oca - Criada em 1957 pelo Arq. Sergio Rodrigues, Diretor-Técnico da Oca. 1.º Prêmio do IV Concurso Internazionale del Mobile Cantù, Italia

RESIDÊNCIAS DE ESTILO



RESIDÊNCIAS MODERNAS



RESIDÊNCIAS CLÁSSICAS



São projetadas para serem construídas mais depressa e com maior economia com as versáteis e mais práticas

colabor

LAJES VOLTERRANA

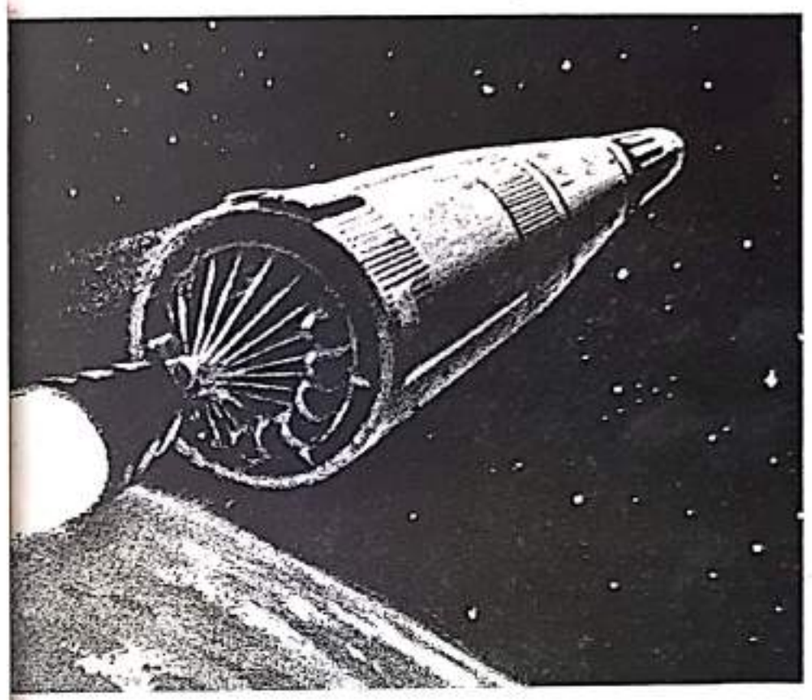
Lajes pré-fabricadas para fôrros e pisos
— fornecemos cálculos e orçamentos.

São Paulo:	Rua Barão de Itapetininga, 151 - 11.º s/115 - Fones: 37-7282 - 35-7245
R. de Janeiro:	Rua da Lapa, 180 - 5.º - s/510 - Fones 22-5470 - 42-3504
B. Horizonte:	R. S. Paulo, 893 - c/807 - Fone: 4-1326
Recife:	Rua Floriano Peixoto, 760 - s/214 - Fone: 43-765
Niterói:	Av. Amaral Peixoto, 370 - s/1.116 - Fone: 2-6491
Goiânia:	Rua 23, s/loja do Cine Goiânia - Fone: 6-1430
Fortaleza:	Rua Floriano Peixoto, 1.142
Rib. Prêto:	Rua Alvares Cabral, 576 - s/53 - Fone: 3-701
Santos:	Praça Mauá, 29 - 3.º - s/311 - Fone 2-7687
Campinas:	Rua Campos Salles, 890 - 12.º-s/1.204 Fone: 8-3929
Araçatuba:	Rua Pinheiros, 176 - Fone: 3-351

Se você ainda não conhece o Lambris Madeirit, pegue esta amostra e veja como é fácil revestir até um lápis!



LAMBRIS
Madeirit
REVESTE TODO O AMBIENTE, SEM EMENDAS, RESSALTANDO A BELEZA NATURAL DA MADEIRA



O QUE INTERESSA – THE TARGET

OMO, EM INGLÊS, DENOMINAM OS CIENTISTAS
US FOGUETES.

hor, que fabrica ou vende materiais de construção,
coração, a palavra certa é objetivo.
tingir com o seu anúncio. Que é, evidentemente,
nder o seu produto.
o só será atingido se a sua mensagem chegar a quem
ou pode comprar os seus materiais e serviços.
tos e construtores. Quem especifica e compra
strução, arquitetura e decoração.

O senhor, por certo, não o atingirá mandando foguetes à lua. Mas, talvez possa atingí-lo publicando o seu anúncio num veículo destinado ao público em geral, de larga circulação.

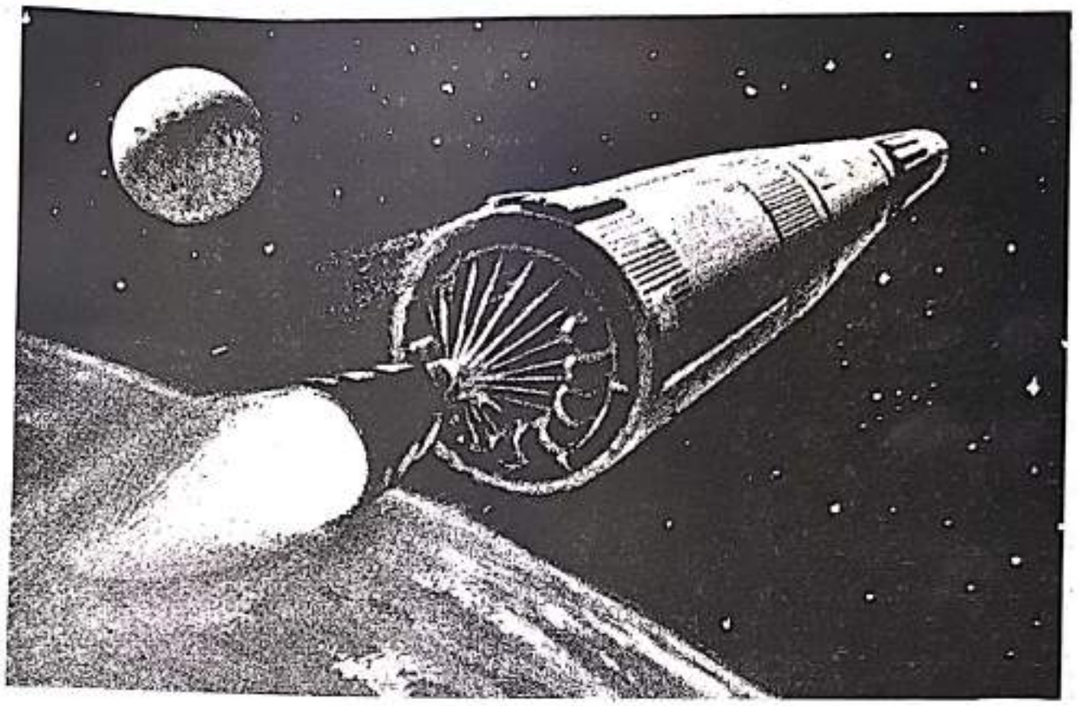
É uma hipótese que lhe custa caro. Porque o senhor vai pagar para sua mensagem ser lida por quem lhe interessa (talvez) e por quem não lhe interessa — e não se interessa por ela.

Para atingir quem interessa, o seu cliente de verdade, só mesmo uma revista especializada. E revista especializada que atinge exclusivamente arquitetos e construtores, com a dupla garantia do Instituto de Arquitetos do Brasil e do Instituto Verificador de Circulação, é a Revista **ARQUITETURA**, órgão oficial dos arquitetos brasileiros.

ARQUITETURA ATINGE SÓ A QUEM LHE INTERESSA.

É uma certeza que lhe custa barato. E que rende. Consulte a nossa tabela de preços. E a das revistas de circulação mais ampla.

E veja como é mais barato e mais seguro atingir de fato, e sem desperdícios, o que lhe interessa. O seu objetivo. Arquitetos e construtores.



ATINGIR O QUE INTERESSA – THE TARGET

TARGET É COMO, EM INGLÊS, DENOMINAM OS CIENTISTAS O ALVO DE SEUS FOGUETES.

Mas, para o senhor, que fabrica ou vende materiais de construção, arquitetura e decoração, a palavra certa é objetivo.
O objetivo a atingir com o seu anúncio. Que é, evidentemente, promover ou vender o seu produto.
Mas êsse objetivo só será atingido se a sua mensagem chegar a quem precisa conhecer ou pode comprar os seus materiais e serviços.
Ou seja, arquitetos e construtores. Quem especifica e compra materiais de construção, arquitetura e decoração.
O senhor, por certo, não o atingirá mandando foguetes à lua. Mas, talvez possa atingí-lo publicando o seu anúncio num veículo destinado ao público em geral, de larga circulação.
É uma hipótese que lhe custa caro. Porque o senhor vai pagar para sua mensagem ser lida por quem lhe interessa (talvez) e por quem não lhe interessa — e não se interessa por ela.
Para atingir quem interessa, o seu cliente de verdade, só mesmo uma revista especializada. E revista especializada que atinge exclusivamente arquitetos e construtores, com a dupla garantia do Instituto de Arquitetos do Brasil e do Instituto Verificador de Circulação, é a Revista **ARQUITETURA**, órgão oficial dos arquitetos brasileiros.

ARQUITETURA ATINGE SÓ A QUEM LHE INTERESSA.

É uma certeza que lhe custa barato. E que rende. Consulte a nossa tabela de preços. E a das revistas de circulação mais ampla.
E veja como é mais barato e mais seguro atingir de fato, e sem desperdícios, o que lhe interessa. O seu objetivo. Arquitetos e construtores.



“ responda depressa: por que esta casa é tão òbviamente moderna? ”

Porque o telhado não é "quadrado". É feito com meios-tubos Eternit. Definitivamente moderno. Não tem aquêle célebre formato dos telhados antigos, um V de cabeça para baixo.

Eternit combina com as portas de correr, com os janelões abrindo para o jardim. Combina com tudo o que é moderno. Mas ao pensar em Eternit não considere apenas suas vantagens decorativas.

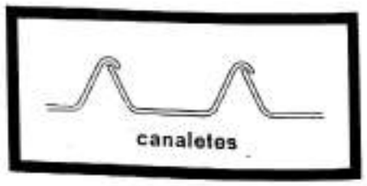
Pois Eternit é econômico, além de tudo. Economiza no madeiramento, na colocação, no transporte. Eternit é bonito e bom. Especialmente se sua casa fôr de bom gôsto.

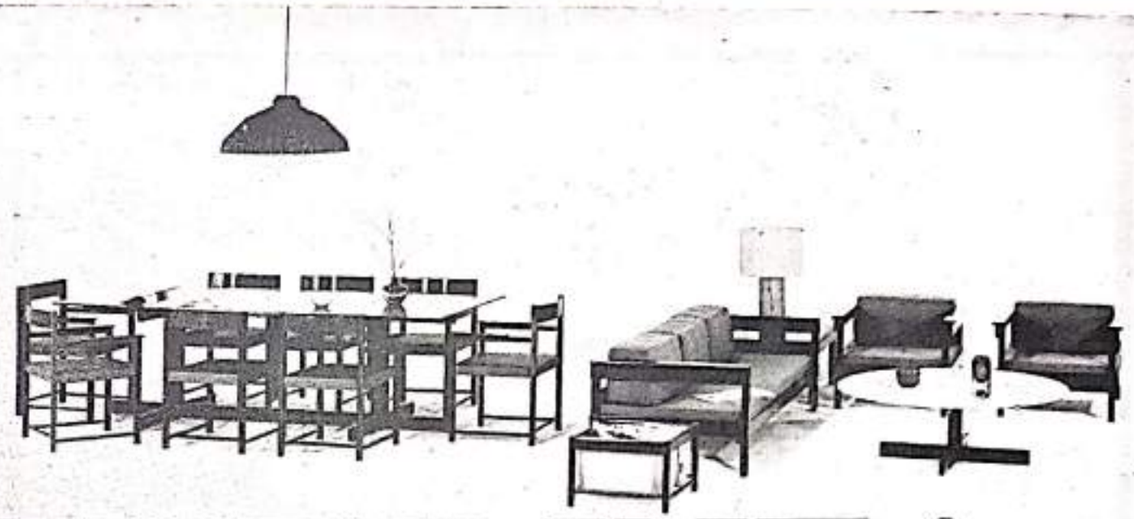


coberturas horizontais

Eternit

— mais de 60 anos de experiência na fabricação de produtos de cimento-amianto.

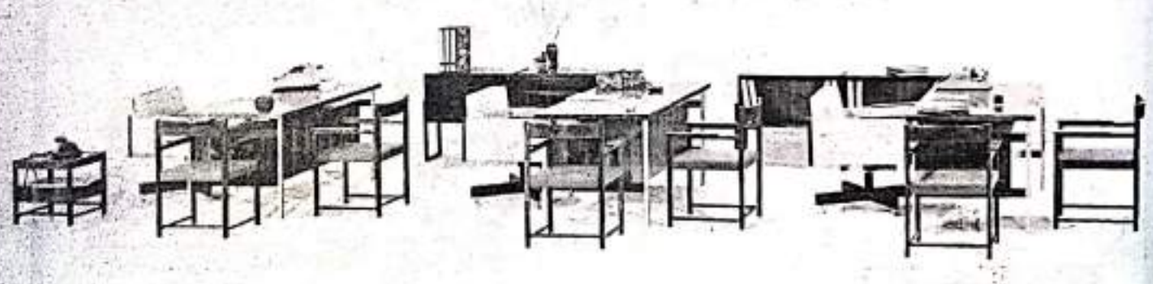




MOBILINEA S.A.



MOBILINEA S.A.



• móveis para escritório • rua são luis, 258 • tel 34-0393



tempo é dinheiro

Vulcapiso é assentado mais depressa do que qualquer outro tipo de piso. E exige muito menos mão de obra. Por isso é mais econômico. Esta é uma das qualidades de Vulcapiso. Outras você mesmo descobrirá ao especificá-lo em sua próxima obra. Vulcapiso é realmente o mais resistente: 100% vinílico, não quebra, não racha, nem descasca. Nunca!

TRÊS PADRÕES: MÁRMORE, LISO E TERRAZZO. Dimensões: placas de 35 x 35 cm e 75 x 75 cm, com 3 mm de espessura para o padrão Mármore; de 25 x 25 cm e 50 x 50 cm, com 2 mm de espessura para os padrões Liso e Terrazzo. Variedade: 33 belíssimas côres permitem criar os mais originais desenhos de piso, lambris, colunas, etc. Colocação: rápida e simples. Não precisa calafetar. Vulcapiso não requer raspagem nem polimento. Vantagens extras: excelente isolante termoacústico. Atrito amortecido. Côres inalteráveis. Espessuras uniformes.

Para maiores informações técnicas consulte nosso Departamento de Revestimentos.



vulcapiso

Um produto VULCAN MATERIAL PLÁSTICO S.A.

Av. Rio Branco, 156 - 20.º andar - Rio de Janeiro,
Av. Ipiranga, 1267 - 9.º andar - São Paulo.
Filiais e Representantes em todo o Brasil.

R. J. de Mello 60.110



peça nosso catálogo:
dezenas de alternativas
para uma
decoração completa

dormitórios
móveis componíveis
salas de estar
quartos para criança
salas de jantar
escritório

móveis l'atelier s.a.

móveis l'atelier s.a.

são paulo
rua augusta, 1791
telefone 80 21 81 Ramal 91

rio de janeiro
loggia/ l'atelier
rua hilário de gouveia, 57-A
copacabana

curitiba
paulo valente decorações
e desenhos técnicos ltda
rua senador alencar guimarães, 175

salvador
móveis ralf ltda
av. 7 de setembro, 249

porto alegre
manlio gobbi & cia. ltda
rua dr. flores, 383

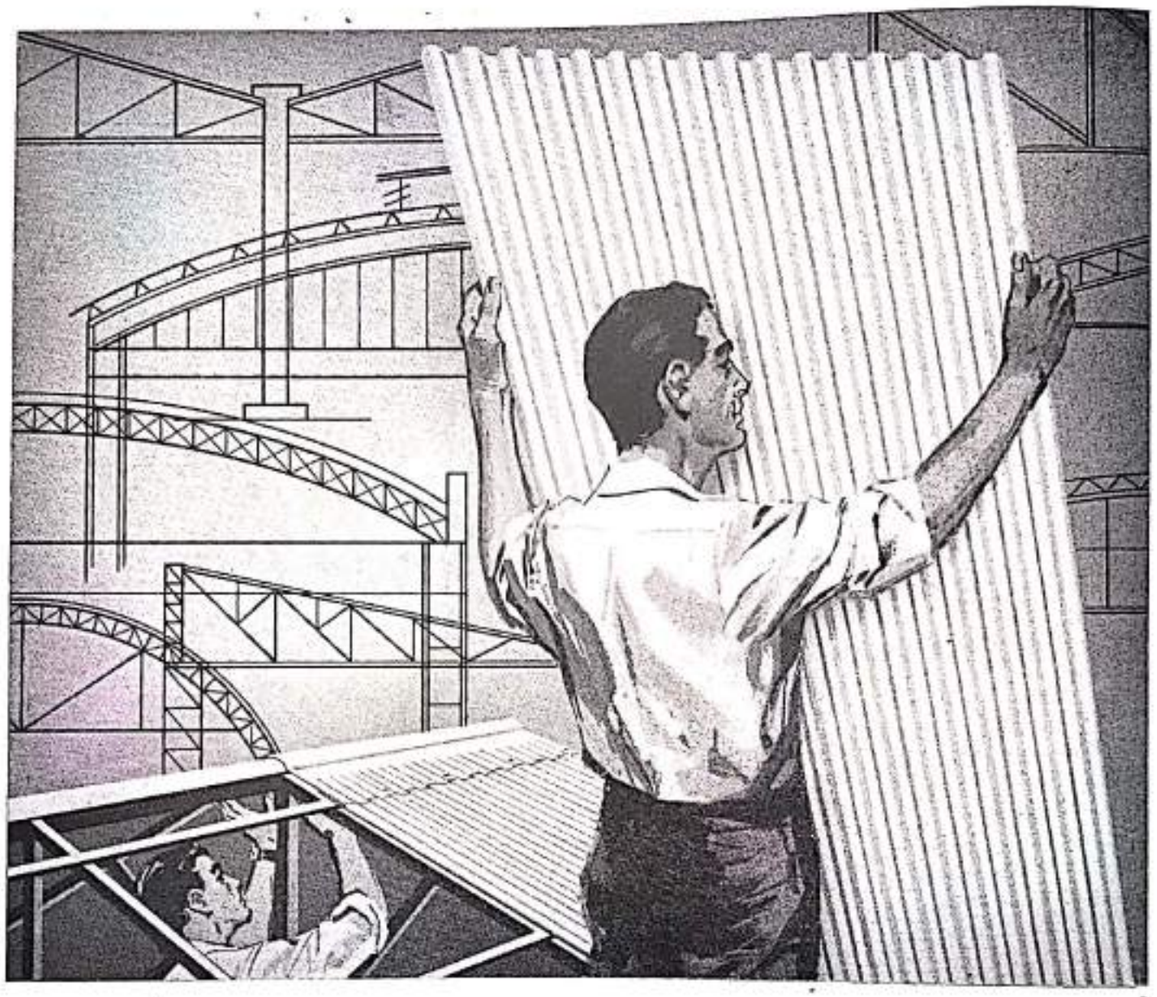
recife
bel lar móveis e decorações ltda
rua da imperatriz, 50

fortaleza
j. d. hollanda s. a.
rua dr. pedro borges, 59/63

nova york
l'atelier
940 - 3rd avenue

vancouver b.c.
l'atelier
4195, west 14th. ave.





A mais moderna solução para todos os problemas de cobertura

ondulados ELVIC EM PVC RÍGIDO

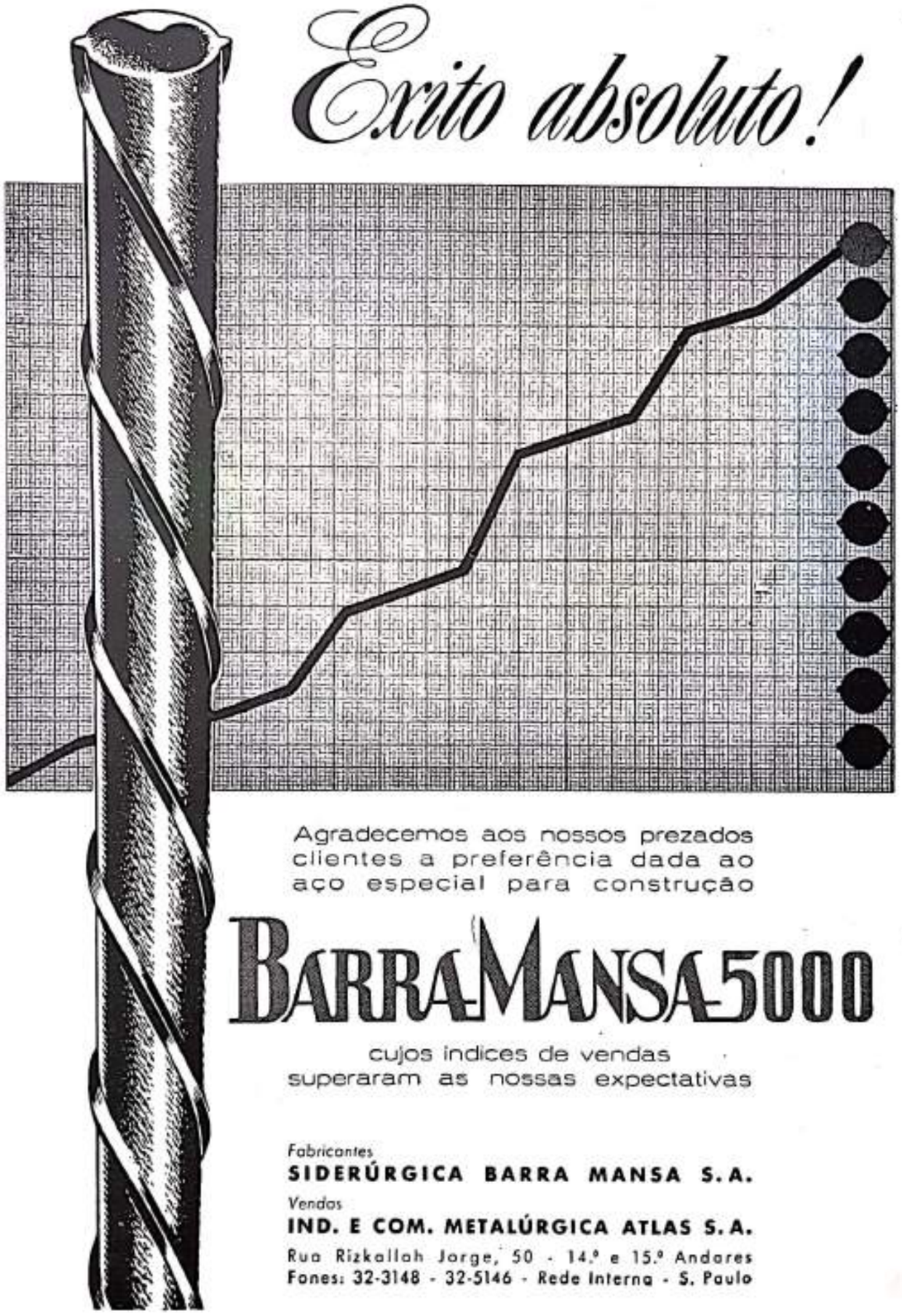
– moderno material de cobertura!

Veja estas características!

- Leves, 2,2 kg por m²
- Sólidos, suportam um pêso de 500 kg uniformemente distribuídos por m²
- Fornecidos em qualquer comprimento
- Fabricados em 5 côres translúcidas e 5 opacas
- Não inflamáveis (classificados como material de segurança)
- Inalteráveis à ação de agentes químicos ou atmosféricos
- Altamente resistentes a impactos
- Fáceis de colocar

um produto ELCLOR
MARCA INTERNACIONAL "ORGANIT"

INDÚSTRIAS QUÍMICAS ELETRO CLORO S. A.
RUA XAVIER DE TOLEDO, 123 • 8.º ANDAR • TEL. 37-0516 • SÃO PAULO
AV. ALM. BARROSO, 91 • 3.º ANDAR • CONJ. 304 • TEL. 22-0080 • RIO DE JANEIRO



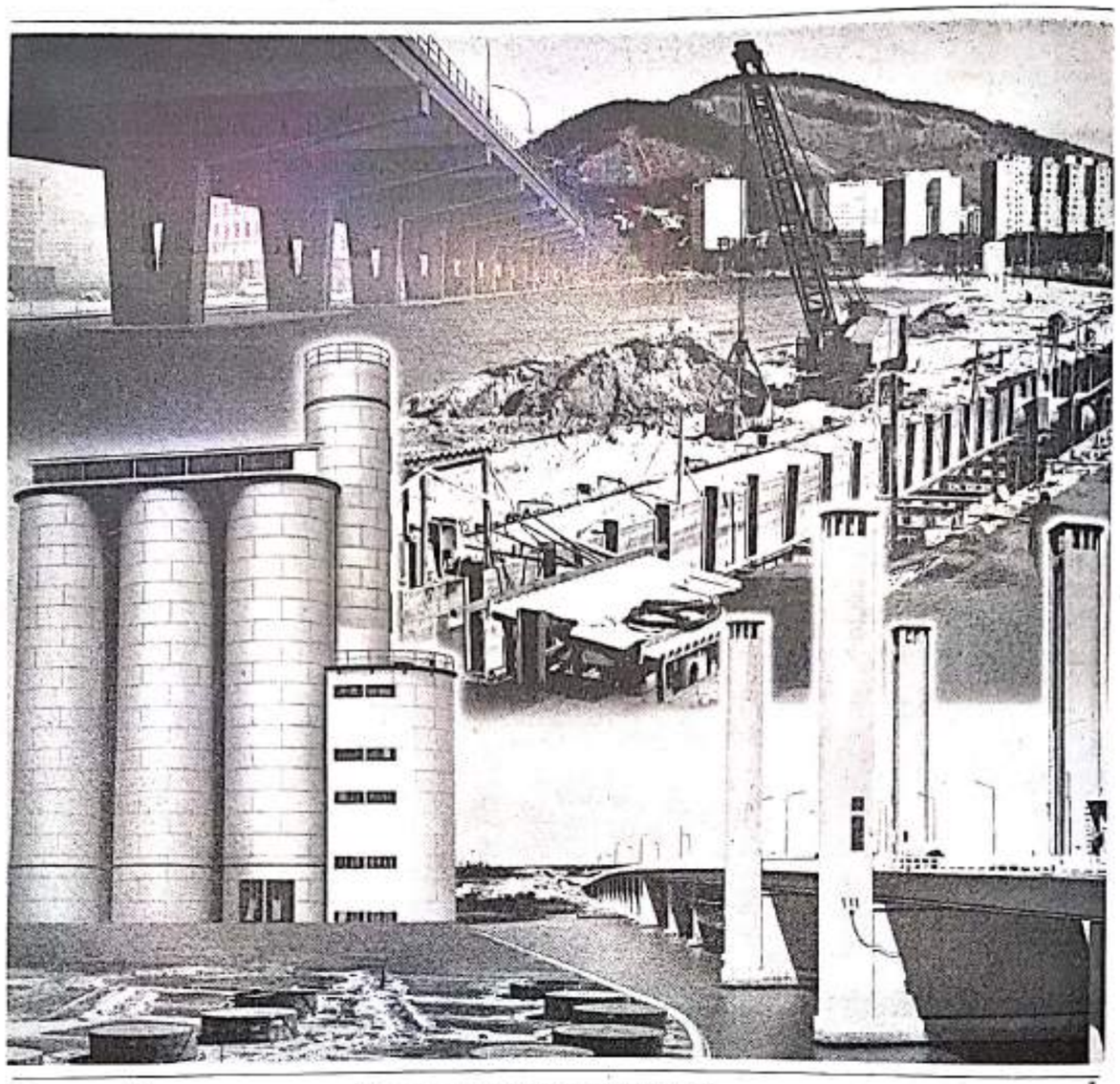
Exito absoluto!

Agradecemos aos nossos prezados clientes a preferência dada ao aço especial para construção

BARRA MANSA 5000

cujos índices de vendas superaram as nossas expectativas

Fabricantes
SIDERÚRGICA BARRA MANSA S.A.
Vendas
IND. E COM. METALÚRGICA ATLAS S.A.
Rua Rizkallah Jorge, 50 - 14.º e 15.º Andares
Fones: 32-3148 - 32-5146 - Rede Interna - S. Paulo



Quem disse que só fazemos fundações para arranha-céus?

Não somos especializados em determinado tipo de construção. Somos é especialistas em fundações e infra-estruturas. Fundações para qualquer tipo de construção: de arranha-céus ou casas populares, de pontes e viadutos a túneis e barragens, de cais de atracação a refinarias e usinas siderúrgicas. No Brasil todo, nesses nossos 30 anos de trabalho, realizamos as fundações para todos êsses variados tipos de obras. Gigantescas e diminutas. Tôdas precedidas de acurado estudo técnico, tôdas executadas com conhecimento de causa.

Estacas Franki Ltda.
Matriz: Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 311 - 10.º - Telefones 22-7630 e 52-6659
Sucursal: S. Paulo: Rua Marquês de Itu, 266 - 5.º - Telefone 36-3790
Filiais: P. Alegre, Curitiba, B. Horizonte, Brasília, Salvador e Recife.

30 Há 30 anos, o especialista em fundações no Brasil.

FRANKI fundações ■ infra-estruturas

ambiente - spazio

spazio móveis e decorações limitada
concessionário exclusivo para a guanabara
de ambiente indústria e comércio de
móveis s. a.

uma linha completa de móveis para
escritório e residência desenhados por
arquitetos de renome internacional.

disponíveis em jacarandá-da-baía e
aço cromado para entrega imediata.

Consulte sem compromisso nosso departamento de planejamento
rua barata ribeiro 200, loja f, tel: 37-6637 rio - gb



ambiente - spazio

spazio móveis e decorações limitada
concessionário exclusivo para a guanabara
de ambiente indústria e comércio de
móveis s. a.

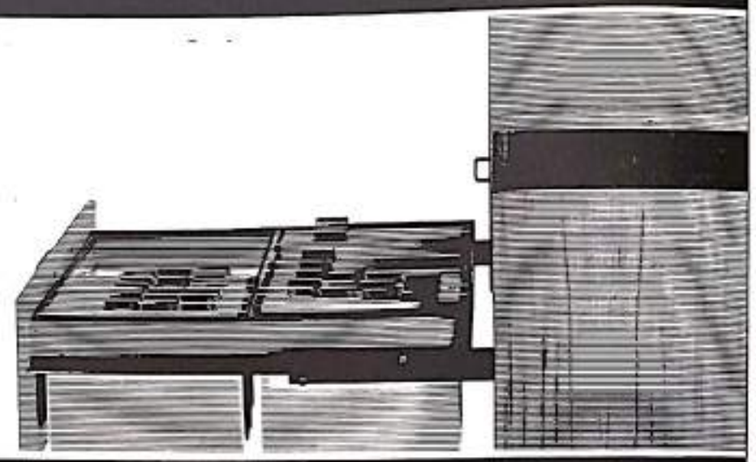
uma linha completa de móveis para
escritório e residência desenhados por
arquitetos de renome internacional.

disponíveis em jacarandá-da-baía e
aço cromado para entrega imediata.

Consulte sem compromisso nosso departamento de planejamento
rua barata ribeiro 200, loja f, tel: 37-6637 rio - gb

pensando em
escritório?

brafor tem os móveis e
técnicos para
organizar seu escritório



brafor

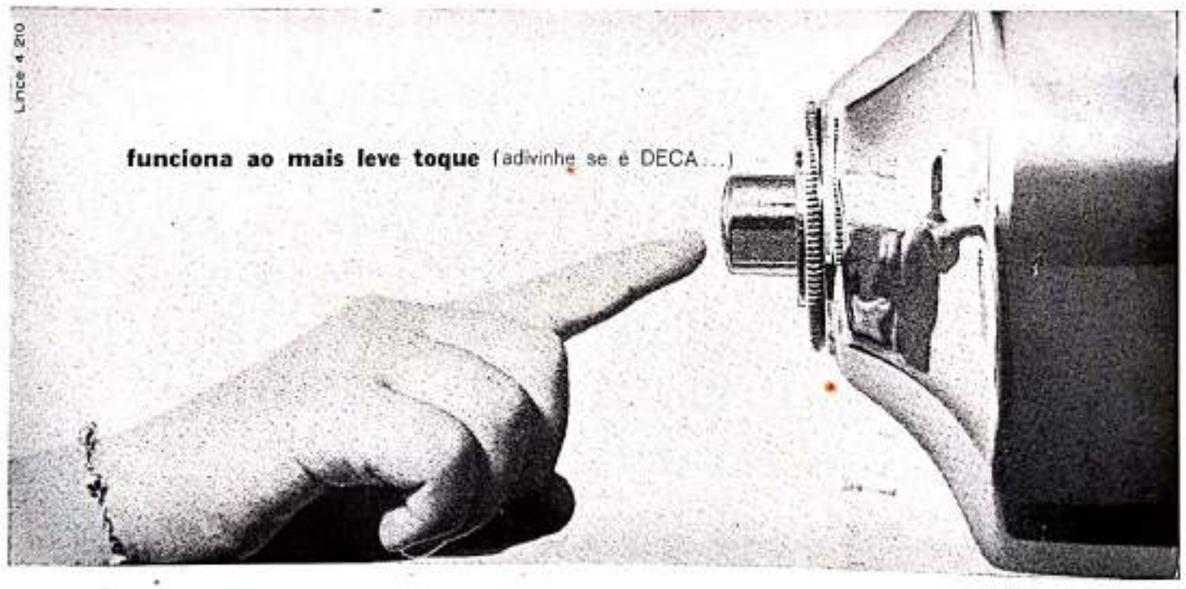
FABRICANTES ESPECIALIZADOS DESDE 1912

CLASSE
INTERNACIONAL
EM MÓVEIS
DE ESCRITÓRIO

São Paulo: Praça Roosevelt, 159
Tel.: 34-6665 e 35-4454
Rio de Janeiro: Rua México, 21-A
Tel.: 22-0180 e 32-7178

Lince 4.210

funciona ao mais leve toque (adivinhe se é DECA...)



A válvula DECA tem comando automático de duplo estágio. É tôda de bronze. Mas o êmbolo é de nylon (exclusividade DECA) e dura muito mais. Funciona com a mesma eficiência sob qualquer pressão de água. Em 3 modelos: liso, facetado e italiano. Atualize seu banheiro. Instale DECA. Beleza e qualidade inalteráveis. Renove com DECA.

artefatos de metal DECA s.a.



ARQUITETURA

N° 41 — Novembro — 1965

Órgão oficial do Instituto de Arquitetos do Brasil — Revista mensal do IAB-GB — Av. Rio Branco, 277, grupo 1.301 — Publicação da Editôra Artenova Ltda. - Beco dos Barbeiros, 6, Grupo 201 - GB

Conselho de Redação: Mauricio Roberto, presidente; Edgar Graeff, Ernani Vasconcellos, Henrique E. Mindlin, Ícaro de Castro Mello, Jorge Machado Moreira, Marcos Konder Netto, Oscar Niemeyer, Paulo Antunes Ribeiro, Paulo Ferreira Santos e Sílvio de Vasconcellos.

Conselho de Direção: Alvaro Pacheco; Alfredo L. Britto — IAB; Maurício Nogueira Batista — IAB.

Conselho de Representantes: Alberto Xavier — IAB-RGS; Jorge Wilhelm — IAB-SP; Vital Maria Pessoa de Mello — IAB-PE; Odilon Santos Neto — IAB-BA; Almir Fernandes — IAB-PR; Elio Vitunna — IAB-ES; José Armando Perin — IAB-CE.

Editor:

Alvaro Pacheco

Redação: redator-chefe — Maurício Nogueira Batista — IAB; secretário — Alfredo L. Britto — IAB.

Colaboradores: Alberto Vieira de Azevedo (IAB) — Alex Nicolaeff (IAB) — Cleber Ribeiro Fernandes — Fernando Abreu (IAB) — Pereira Guilar — José Guilherme Melquior — Jota — Leandro Tocantins — Luís Miranda Corrêa — M. Cavalcanti Proença — Marcelo Olmos Dias (IAB) — Versões: John Knox (inglês); France Knox (francês).

Editôra Artenova Ltda. — Diretores: Alvaro Pacheco, Odyla Costa, filho — Beco dos Barbeiros, 6, Gr. 201 - GB

Redação: IAB-GB — Av. Rio Branco, 277, grupo 1.201 — tel. 22-1793 — Rio.

Administração, Publicidade e Assinaturas: Beco dos Barbeiros, 6 — grupo 201 — tel.: 31-2841; Rio — GB.

Representante em São Paulo: REPRENAEN — Rua 7 de Abril, 261 — 5.° andar — tel.: 32-3512.

Esta publicação é recebida por todos os arquitetos no exercício da profissão no Brasil (4.650), firmas construtoras (2.231), escritórios técnicos de urbanismo, engenharia e arquitetura, decoradores e lojas de móveis e decorações, instituições de ensino superior brasileiras e estrangeiras, repartições públicas ligadas à arquitetura, à engenharia e à construção em geral.

Venda avulsa em livrarias e bancas especializadas: preço do exemplar: Cr$ 100,00; número atrasado Cr$ 1.000,00; exterior US$ 1; assinaturas: 1 ano — Cr$ 4.000,00; exterior; US$ 10;

Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Composição e Impressão: EDIGRAF — Editôra e Gráfica Ltda. — Pç. Orsa Vermelha, 3-A — Rio.

Capa: Rest. Vert. Fasano - S. Paulo

ARQUITETURA É FILIADA AO IVC

SUMÁRIO

Editorial

4 O IAB e os arquitetos.

5 **Arquitetura na 8.ª Bienal**

Medalha de Ouro — Prêmio Presidente da República

6 Edifício para fins de ensino.
Museu Nacional de Antropologia — México.
Arq.º Pedro Ramirez Vazquez

Medalha de Prata

9 Edifício para fins comerciais.
Restaurante Vertical Fasano — São Paulo
Arq.º Telesforo Cristofani

Diplomas e Menções

Habitação individual

12 Residência Cunha Lima — São Paulo
Arq.º Joaquim Guedes

14 Residência Fragoso Pires - Gb.
Arq.º Marcelo Acciolly Fragelli

15 Residência Rosa Okubo — S. Paulo
Arq.º Rui Ohtake

Habitação Coletiva

16 Apartamentos em Teresópolis - R. J.
Arq.º Ricardo Bataliha Menescal

17 Apartamentos na Penha — São Paulo
Arq.º Marcelo Acciolly Fragelli

18 Apartamentos em Budapeste, Hungria.
Arq.º Lajos Schmidt

Edifícios para fins industriais.

19 Fábrica de Fibra Sintética "Piana" - Torum, Polônia.
Arq.ºs Henryk Marconi, Jerzy Romanski e Stanislaw Turczynowicz

Imperial Oil Limited — Toronto, Canadá.
Arq.º John B. Parkin Associes

Edifício para fins comerciais.

Supermercado em Varsóvia.
Arq.ºs Maciej Krasinski, Jerzy Hrynkiewiecki e Ewa Krasinska

Edifício para fins de recreação

20 Cinema Korbanya — Budapeste, Hungria.
Arq.ºs Peter Molnar e Istvan Muhlbacher

Edifício para fins de ensino

Escola de Arte — Toronto, Canadá.
Arq.ºs Robert Fairfield e Macy Dubois

Edifício para fins de saúde

Casa de Repouso — Puskás, Hungria.
Arq.º Lászlo Ivanyi

Edifício para fins religiosos.

Sala Mortuária — Szeged, Hungria.
Arq.º Bela Boruendey

21 Capela da Polônia Francesa — São Paulo, Brasil.
Arq.ºs Jeronimo Bonilha Esteves e Israel Sainovski

Problemas vários

22 Pavimentação de Praças — GB - Brasil.
Arq.º Renato Primavera Marinho

Pavilhão para Exposições — Suíça.
Arq.º Jacob Zweifel

Pavilhão transportável para exposições — Polônia.
Arq.ºs Jerzy Romanski e Aleksander Szwejkowski

23 **Salão Especial de Arquitetura.**

24 Salão Hors Concours
Arq.ºs Oswaldo Arthur Bratke, Carlos Milan e Vilanova Artigas

Charge

25 *Fortuna*

Artigos

26 As razões da PNB - 140
Arq.º Maurício Roberto

27 Um roteiro de pesquisas para o planejamento urbano - I
Arq.º Francisco Whitaker Ferreira

31 Arquitetura e Paisagismo na Amazônia.
Leandro Tocantins

35 Casa ecológica da Amazônia consagrada na Bienal de São Paulo.

39 **Destaque**

41 **Notícias**

Architecture at the eighth Biennial

This year São Paulo welcomed fifty-four countries to this two-yearly magnum opus in which paintings, engravings, sculptures, books, graphic arts, stagecraft and jewelry give the unwary visitor a startlingly kaleidoscopic effect as he wanders with mingled fascination and repulsion through a maze of form and colour, matter and materials, mobility and immobility. So varied a display arouses no less a variety of sentiments, which tends to numb his faculty of logical reasoning and he may well dismiss the whole show with either a "wise crack" or an intellectual harangue; in vain the arts endeavor to overcome the dull stagnation of an indifference that nothing can stir.

This review, however, is more particularly interested in the part played by Arquitecture in this international exhibition. In the special divisions, in the general division, and in the works entered for the international competition among schools of Architecture, the following countries are represented: Brazil, Canada, Colombia, Czechoslovakia, Finland, Germany, Hungary, Japan, Korea, Mexico, Norway, Poland, Sweden, Switzerland, the United States and Venezuela.

The Jury on Awards, comprising architects Ícaro de Castro Mello, João Vilanova Artigas and Jorge Wilhelm, all of the São Paulo chapter of the Institute of Brazilian Architects, Luis Garcia Pardo, of Uruguay and Mauricio Nogueira Batista, of the Guanabara chapter, meeting on 31 August last, expressed deep regret at the passing of Le Corbusier and suggested to the authorities that an award, to be known as "Le Corbusier Grand Prize", be given every two years in his honour to the architect from anywhere in the world who has made an outstanding contribution to the development of architecture, either by the value or importance of his own architectonic achievements, or by the range and impact of his work in teaching, in the formulation of basic principles ("doctrine"), in research, to public service, or in any other field whereby a relationship is established between the architect and his environment. Thus a worthy tribute would be rendered to Le Corbusier, not only as architect and creative artist, but also to the extent that his work, his ideas and his personal acquaintance with Brazilian architects has influenced contemporary architecture in this country.

After judging the works exhibited, the Jury awarded the Gold Medal, offered by the President of the Republic to Mexican architect Pedro Vasques for his "National Anthropology Museum", in which technical progress is blended with tradition, bringing culture home to the people with spatial dignity, and the Silver Medal of the Biennial to Brazilian architect Telesforo Cristofani for his "Vertical Restaurant", a brilliant solution to the problem of securing plastic and spatial integration on a restricted site.

Diplomas (D) and honourable mentions (M) were accorded to architects in various categories as follows: Individual Housing: D. to Joaquim Guedes, Bra zil, for the daring of formal research shown in his "Cunha Lima residence", M. to Marcelo Acciolly Fragelli and Ruy Ohtake, both Brazilians. Collective Housing: D. to Ricardo Bataliha Menescal, Brazil, for the clarity and simplicity of the solution and the intelligent use of constructive elements in his design for "Apartments in Teresópolis, M. to Lajos Schmidt, Hungary, and Marcelo Acciolly Fragelli Brazil. Commercial Bldg.: D. to Telesforo Cristofani, Brazil, for his "Vertical Restaurant" (see above), M. to the Polish team Maciej Krasinski, Jerzy Hrynkiewiecki and Eva Krasinska for a Warsaw supermarket. Industrial Bldg.: D. to Polish team Henryk Marconi, Jerzy Romanski and Stanislaw Turczynowicz for the good layout of a chemical and industrial complex in "ELANA Synthetic Fibre Plant", M. to John B. Parkin Associates Canada, for the Imperial Oil Ltd. Toronto plant. Educational Bldg.: D. to Pedro Ramires Vasquez, Mexico, for his "National Anthropology Museum" (see above), M. to Robert Fairfield and Macy Dubois, Canada, for "Toronto Art School". Health Bldg.: D. to László Ivanyi, Hungary, for simplicity of treatment and correct use of materials in "Tomas Puskás Council Rest Home". Recreation Bldg.: D. to Peter Molnar Hungary, for the correct, tasteful solution applied to Budapest "Cinema Kobanya". Religious Bldg.: D. to Jeronimo Bonilha Esteves and Israel Sainovski, Brazil, for the São Paulo "French Colony Chapel", which unpretentiously stresses the religious atmosphere through spaces created by architectonic elements. M. to Bela Borsendey, Hungary, for a "Mortuary Chamber" at Szeged. Miscellaneous Problems: D. to Jacob Zweifel and collaborators Willi Christen and Hu Ruber, Switzerland, for their design for a temporary "Land and Forest Exhibition", in which excellent integration of indoor and outdoor spaces, homogeneity of layout and lightweight structure were obtained, M. to Renato Primavera Marinho, Brazilian, for "Plaza Parking and Landscaping" in Rio de Janeiro, and to Jerzy Romanski, Aleksander Swejkowski, Zenon Zielinski and Tadeusz Zielkowski Poland for "Take-down Pavilion for Exhibitions".

Three special rooms were set apart for architectural exhibitions of "New Churches" (German), "Wavilla Embassy" (Polish) and "Visionary Architecture" (U.S.). The first was on view at the Rio de Janeiro Modern Art Museum this year while the last, prepared by the New York Museum, of Modern Art, was held for the first time in that city in 1960 and comprises 45 projects of more than 30 architects from 7 nations: France, Germany, Great Britain, Japan, Netherlands, Russia and the United States. The visionary project is held to be a combination of social criticism and a strong personal preference for certain forms: although today practically anything an architect imagines can be carried out technically, the social process, apart from financial resources, determines whether it is visionary or not. Among the designs exhibited are "Marina City", by Kiyonori Kikutake, Buckminster Fuller's pendant dome for Manhattan Island; Le Corbusier's combination road and building for Rio de Janeiro and Algeria; Frank Lloyd Wright's mile-high building; City Centre by Louis Kahn; studies by Sant'Elia and many others.

One of the "Hors concours" rooms is assumed to Carlos Milan as a posthumous tribute to the architect, whose last work—residence in São Paulo—has been criticised, especially in Europe, as a Brazilian form of "brutalism". According to Vilanova Artigas, however Milan does not select as in Europe, "haphazard moments of emotion from the anarchy of technical solutions"; rather is his use of bare and deliberately simple materials a pre-vision of technical advancement, guided and governed by the forms he creates. Oswaldo Arthur Bratke's projects for the Amazon region, presented by architect Lauro Bastos Birkholz, occupy another room and show the direct influence of soil and climate on the design for housing units to be built far from the great cultural, commercial and industrial centres, and representing the start of territorial planning for the general development of the area. Finally Flavio Motta introduces the third "hors concours", Vilanova Artigas, a São Paulo architect born in Curitiba: his works may often be bluntly cut off from a sometimes inhospitable world, his interiors, increasingly reached by inviting approaches, have their grandeur, and every structural and constructional solution is meticulously thought out, historically, individually, socially and rationally, as a product of experience.

Guidelines of research for urban planning — I

Francisco Whitaker Ferreira,
architect

Planning, looked upon as the triple process of forecasting, rational orientation and reviewal of the action required to obtain a given result, naturally requires a thorough grasp of the reality in which it is proposed to intervene and the means available for this intervention. Research, as a means of compiling the necessary data, is therefore an essential tool for the planner, whatever his field of action. Teams of social and economic planners, especially when of various callings, must base their methods of research on a practical knowledge of the various social sciences, applied with flexibility to keep pace with circumstantial developments, while bearing in mind that economic limitations should restrict data to a minimum consistent with objectivity. In the first phase the analysis of reality by successive approximations of increasing accuracy leads to an apprehension of what is necessary, timely or even merely feasible, then just what alternatives are open to the planner, and finally where and how far to intervene; the second phase concerns the foreseeable results obtainable; while the third consists in verifying the actual results obtained and the soundness of each choice of an alternative. Thus in the first and third phases an attempt is made to grasp the situation as a whole, before and after the intervention, by means of what might be called "assessment research", whereas in the second a study of the implements and variables to be handled may be summed up as "pre-action research".

The schedule outlined in this article is applicable to pre-action research, i.e. research carried out by whoever is going to intervene, as preparatory to intervention, once it has been decided that it is necessary to do so. Reality is to be considered the socio-economic pattern of life of a population and the action prepared by research the economico-social alteration whereby it is hoped to obtain a higher standard of living for that population. Planning research, however, must itself be planned within a frame of reference corresponding to the system of values adopted whence the conclusion was reached that the existing situation had to be modified.

This schedule, these guidelines, are divisible into four phases: overall contact, research proper, compilation of data for choice of an alternative, and finally for designing the actual projects to be carried out. The first two phases are discussed in Part I of this article, leaving the remaining two for publication in a coming issue of ARQUITETURA.

Overall contact corresponds to exploratory or pilot research with a two-fold end in view: to give the researcher as complete a grasp as possible of the whole reality it is proposed to modify, or in other words the aspects in need of an intervention. For such a thorough grasp to be obtained, the facts to be ascertained are: 1) Geographical location of the area, centres of attraction, land occupancy and land use patterns, relief, climate and the pros and cons of these and other features as regards human settlement. 2) Main functions of the area as a whole in relation to the surrounding complex (external functions) and those developing within the analysed area (internal functions), their basic qualitative and quantitative characteristics, origin and evolution, existing plans for same and foreseeable prospects 3) Fundamental physical characteristics of material elements existing in the area in terms of dimensions, components, maintenance, etc., present data, evolution to date and foreseeable in the future, plans for same and development to meet functional requirements. The methods to be employed consist in compiling documentary evidence, visiting the area informally and questioning local leaders and residents, and compiling all data of specific interest to an overall view of the situation in the area, i.e. overall contact.

Research proper should be conducted along more formal lines and involves a series of tables, examples of which are given in the text. Table I, establishing the frame of reference for identifying the aspects in need of intervention, carries the following running heads from left to right: 1st column: "Item in the list of conditions to be obtained" (heading at the end of this article); 2nd: "Conditions needing intervention in the case analysed"; 3rd: "Identification of the areas or population groups affected by conditions listed", subdivided into "Urban areas" and "Rural areas"; 4th "Identification of the variables interfering in the listed conditions". This table can be expanded into four according to internal and external functions. In the present situation and as they may evolve in the future. When the first three columns have been filled in, the variables (column 4) must be considered which condition the sub-standard situation and, in fact, are to be effectively manipulated in the process of intervention designed to remedy that situation. In the case of physical space planning, seven variables may be defined: accretion or acculturation of uses, structure of linkage and attractions (polarizations), localization of uses, dimensions of areas or use patterns, road system, and finally the third dimension of space: landscape. This is explained at length at the end of the article. Objectivity and rapidity are achieved by reducing the list of conditions in need of intervention to the aspects to be considered in planning a given type of intervention, in which variables specific to a given field of action are to be manipulated.

Table II has three columns, the first headed as in Table I "Item in the list of conditions to be obtained", the second "Data to be compiled", and the third "Compilation process and form of presentation". Certain data can only be built up from the prior compilation of other data, and therefore these two kinds of information may be known as

"end" or final data and "means" or background data. In Table II, final data are written starting from the beginning of the columns, whereas background data are indented, with subsidiary background data in brackets. Column 3 completes the schedule for the work involved in compiling data.

L'architecture a la huitième Biennale

Cette année, 34 pays participent à la Biennale de São Paulo et cherchent à atteindre ce que ne peut le langage conventionnel. L'impact de cette immense recherche semble parfois, au visiteur, chaotique et inutile, fascinant et repoussant. Les arts représentés — peinture gravure, sculpture, reliure et arts graphiques, bijoux, décors de théâtre et costumes — essaient de relever la lourde atmosphère d'une indifférence que rien n'arrive à vaincre.

Cette revue, cependant, s'intéresse davantage au rôle de l'Architecture à cette exposition. Dans les salles spéciales, dans la salle générale et dans les travaux présentés au concours international des écoles d'architecture, 16 pays sont représentés: Allemagne, Brésil, Canada, Colombie, Corée, Etats-Unis, Finlande, Hongrie, Japon, Mexique, Norvège, Pologne, Suisse, Tchécoslovaquie et Venezuela.

Le jury de distribution des prix, composé des architectes Icaro de Castro Mello, João Vilanova Artigas et Jorge Wilheim, tous de la section de São Paulo de l'Institut d'architectes brésiliens, Luis Garcia Pardo, de l'Uruguay, et Mauricio Nogueira Batista, de la section de Guanabara, réuni le 31 août dernier, a exprimé son profond regret de la disparition de Le Corbusier et suggéré à la Fondation de la Biennale d'instituer un "Grand Prix Le Corbusier" qui serait octroyé, lors de chaque Biennale, à l'architecte de n'importe quel pays au monde qui se ferait remarquer par son œuvre ou son activité en faveur du développement de l'architecture, soit par la valeur et l'importance de sa propre œuvre architectonique, soit par son action dans l'enseignement, la doctrine les recherches, le service public ou tout autre aspect des relations entre l'architecte et le milieu ambiant. Ainsi, le tribut dû à Le Corbusier lui serait rendu non seulement pour ses qualités essentielles d'architecte et d'artiste créateur, mais aussi pour son œuvre, sa doctrine et sa manière d'être personnelle avec les architectes brésiliens et qui a tant fait pour le développement de l'architecture contemporaine au Brésil.

Après avoir examiné les travaux exposés, le jury accordait la médaille d'or du président de la République à l'architecte mexicain Pedro Vasquez pour son "Musée national d'anthropologie" où le progrès technique se confond avec la tradition mettant la culture à la portée du peuple avec la dignité de l'espace, et la médaille d'argent de la Biennale pour le "Restaurant vertical" de Telesforo Cristofani, architecte brésilien, qui réussit brillamment sur un petit terrain une grande intégration plastique et spatiale.

De plus, il a accordé des diplômes (D) et des mentions (M) aux meilleurs architectes dans les différentes catégories, comme suit: Habitation individuelle: D. à Joaquim Guedes, Brésil, pour la audacité de la recherche formelle montrée dans sa "Résidence Cunha Lima". M. à Marcelo Accioly Fragelli et Ruy Ohtake, tous deux brésiliens. Habitation collective: D. à Ricardo Batalha Menescal, Brésil, pour la clarté et la simplicité de la solution et l'emploi intelligent des éléments de la construction dans son projet "Appartements à Teresópolis". M. à Lajos Schmidt, Hongrie, et Marcelo Accioly Fragelli, Brésil. Edifice commercial: D. à Telesforo Cristofani, Brésil, pour son "Restaurant Vertical" (voir ci-dessus). M. à l'équipe polonaise de Maciej Krasinski Jerzy Hryniewiecki et Eva Krasinska pour un super-marché à Varsovie. Edifice industriel: D. à l'équipe polonaise de Henryk Marconi, Jerzy Romanski et Stanislaw Turczynowicz pour le bon agencement d'un complexe industriel, "Fabrique de fibre synthétique ELANA". M. à John B. Parkin Associates, Canada, pour l'usine de Toronto de l'Imperial Oil. Edifice d'enseignement: D. à Pedro Ramirez Vasquez, Mexique, pour son "Musée national d'anthropologie" (voir ci-dessus). M. à Robert Fairfield et Mary Dubois, Canada, pour leur "Ecole d'arts de Toronto". Edifice de santé: D. à László Ivanyi, Hongrie, pour la simplicité du traitement et l'emploi correct des matériaux de sa "Maison de repos du conseil Tomas Pavlita". Edifice de récréation: D. à Peter Molnar, Hongrie pour la solution correcte et de bon goût donnée au "Cinéma Kobanya" de Budapest. Edifice religieux: D. à Jeronimo Bonilha Esteves et Israel Sanoovski, Brésil, pour la "Chapelle de la colonie française" de São Paulo, où l'atmosphère religieuse est renforcé grâce aux espaces créés par les éléments architectoniques. M. à Bela Borsvendeg, Hongrie, pour une "Chambre mortuaire" à Szeged. Problèmes divers: D. à Jacob Zweifel et ses collaborateurs Willi Christen et Ulf Huber, Suisse, pour leur projet de montage d'une "Exposition Terre et Forêt" caractérisé par une excellente intégration des espaces intérieurs et extérieurs, homogénéité de tracé et légèreté de structure. M. à Renato Primavera Martinho, Brésil, pour "Parque de plaças, étude paysagiste" destiné à Rio de Janeiro et aussi à Jerzy Romanski, Aleksander Swiekowski, Zenon Zielinski et Tadeusz Zielkowski, Pologne, pour leur "Pavillon démontable pour expositions".

Trois salles spéciales ont été réservées aux expositions de "Nouvelles églises" (Allemagne), "Ambassade à Brasilia" (Pologne) et "Architecture visionnaire" (Etats-Unis). La première était montrée cette année au Musée d'art moderne de Rio de Janeiro et la dernière, préparée par le Musée d'art moderne de New York, avait lieu pour la première fois dans cette ville en 1955 et comprend 45 projets de plus de 20 architectes originaires de 7 pays: Allemagne, Etats-Unis, France, Grande Bretagne, Hollande, Japon et URSS. Le projet visionnaire est une combinaison de critique sociale avec une forte préférence personnelle pour certaines formes; bien qu'aujourd'hui presque tout ce que l'architecte imagine peut se réaliser techniquement, le progrès social, en dehors des ressources financières, détermine si c'est visionnaire ou non. Parmi les projets exposés il y a la ville marine de Kiyonori Kikutaki, la coupole géodésique de Buckminster Fuller, la construction de route et édifice de Le Corbusier pour Rio de Janeiro et l'Algérie, l'édifice d'un kilomètre et demi de hauteur de Frank Lloyd Wright, le centre urbain de Louis Kahn, études le Sant'Elia et bien d'autres.

Une des salles hors concours est dédiée à Carlos Millan en hommage posthume à l'architecte dont les derniers travaux — résidences à São Paulo — ont été critiqués, surtout en Europe, comme une forme brésilienne du "brutalisme". Selon Vilanova Artigas, cependant, Millan ne cherchait pas, comme en Europe, les moments d'émotion surgis au hasard de l'anarchie des solutions techniques; son emploi de matériaux nus et délibérément simples est plutôt une privation d'avancement technique, guidé et gouverné par les formes qu'il crée. Les projets d'Oswaldo Arthur Bratke pour l'Amazonie, présentés par l'architecte Lauro Bastos Birkholz, occupent une autre salle et montrent l'influence directe du sol et du climat sur les plans de construction de ces unités de logement qui seront construites loin des grands centres culturels, commerciaux et industriels, et représentent le début de la planification territoriale et mise en valeur de la région. Finalement, Flávio Motta présente le troisième bon concours, Vilanova Artigas, un architecte de São Paulo, né à Curitiba; quoique ses travaux soient souvent comme isolés dans la gravité rude d'un monde parfois inhospitalier, ses intérieurs montrent de nouvelles grandeurs et chaque solution de structure et de construction est méticuleusement pensée, au point de vue historique, individuel, social et rationnel, comme un produit d'expérience.

Un programme de recherche pour la planification urbaine — I

Francisco Whitaker Ferreira, architecte

La planification, envisagée comme le triple procédé de prévision, d'orientation rationnelle et de révision des activités nécessaires à l'obtention d'un résultat déterminé, demande naturellement une compréhension totale de la réalité dans laquelle elle doit intervenir et les moyens disponibles à cette intervention. La recherche, comme moyen de réunir les données nécessaires est donc indispensable au planificateur, quel que soit son champ d'action. Des équipes de planificateurs sociaux et économiques, surtout quand il y a multiplicité de matières, doivent baser leurs méthodes de recherches sur la connaissance pratique des différentes sciences sociales, appliquée avec flexibilité pour se tenir au courant des développements circonstanciels tout en considérant que les limitations économiques doivent restreindre les données à un minimum objectif. Dans la première phase l'analyse de la réalité par approximations successives de plus en plus exactes conduit à une compréhension de ce qui est nécessaire, opportun ou simplement réalisable et indique les alternatives ouvertes au planificateur et exactement où et comment intervenir; la seconde phase concerne la prévision des résultats qui peuvent être obtenus; et la troisième le contrôle de ceux-ci et la justesse du choix des alternatives. Ainsi dans la première et la troisième phases on cherche à comprendre la situation dans son ensemble, avant et après l'intervention, par ce qui peut être dénommé "recherche d'évaluation", alors que dans la seconde une étude des instruments et variables intervenant dans les opérations de calcul s'appellerait "recherche de pré-action".

Le plan esquissé dans cet article est applicable à la recherche de pré-action, c'est-à-dire à la recherche réalisée par celui qui doit intervenir, comme préparatoire à l'action une fois celle-ci décidée. La réalité doit être considérée le cadre vital socio-économique d'une population et l'action, préparée par la recherche, l'altération économico-sociale par laquelle on espère obtenir un standard de vie plus élevé pour cette population. La recherche de planification, cependant, doit elle-même être planifiée d'après le système de valeurs qui détermine la nécessité de modifier la situation existante.

Ce programme se divise en quatre phases: contact global, recherche proprement dite, réunion des données pour le choix d'une alternative et, finalement pour préparer les projets définitifs. Deux phases sont circulées dans la première partie de cet article, laissant les deux autres pour un prochain numéro d'ARQUITETURA.

Le contact global correspond à la recherche d'exploration préalable ou pilote ayant deux objectifs: fournir au chercheur autant de connaissances possibles sur la réalité à étudier et identifier les aspects de cette réalité qu'on propose de modifier ou, en d'autres termes, qui a besoin d'intervention. Pour obtenir cette connaissance complète, les faits sont: 1) Situation géographique du terrain, centres d'attraction, occupation du sol, types et intensité de l'occupation et de l'utilisation du sol, relief, climat et le pour et le contre de tous traits concernant le peuplement humain. 2) Fonctions principales du terrain comme un tout en relation au complexe d'environnement (fonctions externes) et celles qui se développent sur le terrain analysé (fonctions internes), ainsi que leurs caractéristiques qualitatives et quantitatives de base, origine et évolution, plans existants et perspectives. 3) Caractéristiques physiques fondamentales des éléments matériels existants et évolution prévisible, adéquation aux fonctions déterminées. Les méthodes à employer consistent à compulser l'évidence documentaire, visiter officieusement les emplacements, questionner les leaders et résidents locaux et réunir toutes les données d'intérêt spécifique à une vue d'ensemble de la situation sur le terrain, c'est-à-dire contact global.

La recherche proprement dite devrait être menée suivant des lignes plus définies et comprendre une série de Tableaux. Le premier, établissant le cadre de référence pour identifier les aspects nécessitant l'intervention, se présente avec pour titres de gauche à droite: Colonne 1): "Détails de la liste des conditions à obtenir" (voir à la fin de l'article); 2): "Conditions existant l'intervention dans les cas analysés"; 3): "Identification des régions ou groupes de population exposés aux conditions de la colonne 1", subdivisée en "régions urbaines" et "régions rurales"; 4): "Identification des variables qui interviennent dans les conditions indiquées". Ce tableau peut être subdivisé en quatre selon les fonctions internes et externes auxquelles il a trait. Quand les trois premières colonnes sont remplies on doit considérer les variables (colonne 4) qui conditionnent la situation sous-standard et, en fait, entrent en jeu dans le processus d'intervention désiré pour remédier à celle-ci. Dans le cas de planification de l'espace physique, on peut définir seize variables: séparation ou agglutination des utilisations du sol, structure de liaison et d'attraction (polarisations), circonscription des utilisations, dimensions des zones ou complexes d'utilisation et, finalement cette troisième dimension de l'espace: le paysage. Ceci est expliqué plus longuement à la fin de l'article. L'objectivité et la rapidité sont obtenues en réduisant la liste des conditions nécessitant l'intervention aux aspects qui doivent être considérés en planifiant un type donné d'intervention dans lequel des variables spécifiques à un champ d'action donné doivent concourir.

Le Tableau II a trois colonnes: la première, comme celle du Tableau I, a pour titre: "Détails de la liste des conditions à obtenir"; la deuxième: "Données à relever"; et la troisième: "Procédé de relevé et forme de présentation". Certaines données peuvent seulement être établies par la réunion préalable d'autres données et ces deux sortes d'informations doivent donc être connues comme "données-fin" ou définitives et "données-moyen" ou de base. Au Tableau II, les données définitives sont inscrites en partant du commencement de la colonne alors que celles de base sont en retrait avec des données subsidiaires entre guillemets. La colonne 3 complète le plan du travail compris dans la réunion des données.

Editorial

O IAB e os arquitetos

Transcorrem êste mês de novembro as eleições gerais dos departamentos e demais órgãos locais do Instituto de Arquitetos do Brasil.

Em todo o país os arquitetos escolherão seus dirigentes locais e os delegados que elegerão os membros dos órgãos de direção nacional: o Conselho Superior e a Assembléia Nacional.

É preciso sublinhar e ter presente a importância dêste acontecimento. O Instituto de Arquitetos do Brasil, fundado em 26 de janeiro de 1921, é uma das poucas entidades profissionais brasileiras de âmbito nacional. A esta feição federativa — que faculta o exame simultâneo da situação local e nacional de arquiteto brasileiro — devemos a coesão, a firmeza e a unidade de pontos de vista que já se constituiram na marca e na tradição da classe dos arquitetos em sua atuação em favor do exercício profissional, na luta pela ampliação do mercado de trabalho e da difusão cultural arquitetônica.

Êste detalhe da organização do Instituto de Arquitetos do Brasil, aliado ao espírito de sacrifício, ao devotamento aos princípios arquitetônicos e ao dinamismo dos colegas que neste quase meio século se sucederam na direção do IAB, e ao fato de jamais terem êles estado dissociados do movimento renovador da arquitetura brasileira, contribuia de forma decisiva na consolidação da profissão do arquiteto, no seu crescente prestígio social e no incessante incremento da participação desta categoria profissional na formação da cultura brasileira.

Muitos foram os resultados da atuação do Instituto de Arquitetos nestes seus 44 anos de existência. A tabela de honorários profissionais, uma das mais antigas de que se tem notícia no Brasil, data de 12 de junho de 1925. O regulamento de concursos é também bastante antigo. Outros procedimentos e normas testadas pelo tempo e pela prática vêm tendo paulatinamente editados, como é o caso do código de conduta profissional, a introdução na tabela das condições para remuneração dos serviços relativos a planejamento urbano, o anteprojeto de tabela para serviços de arquitetura de interior.

A par desta atividade de caráter estritamente normativo, a atuação do IAB se tem feito notar de forma marcante em outros setores de absoluto interêsse profissional. A edição da revista ARQUITETURA veio preencher uma lacuna de há muito sentida. Era indispensável que um veículo de informações técnicas, de divulgação de conceitos e princípios, aproximasse os arquitetos brasileiros dando-lhes a oportunidade não só de expressar os seus pensamentos como mostrar suas obras, por-se em dia com o que outros colegas pensam e fazem, não só no Brasil como no exterior. Atingindo êste mês o seu 41.º número, ARQUITETURA é hoje um marco de referência para os arquitetos brasileiros.

A constituição das premiações anuais dos departamentos e da premiação bienal do IAB, a se realizar pela primeira vez no próximo ano, é outra iniciativa de grande alcance e de fundamental importância na divulgação da obra arquitetônica e na revelação dos valôres novos de nossa arquitetura e na confirmação do talento dos arquitetos já consagrados.

A esfôrço pioneiro desenvolvido junto as autoridades públicas por um correto equacionamento dos problemas habitacionais e urbanos consumiu muito do trabalho de todo IAB, — dos departamentos à direção nacional — e acrescentou ao órgão de classe dos arquitetos uma outra dimensão, pois a contribuição por êle trazida tem sido inegàvelmente das mais positivas.

Muitos outros fatos poderiam ser citados, muitas ações poderiam ser relatadas, muito trabalho mais poderia ser computado. Por outro lado em muitos outros pontos a ação, o trabalho, o esfôrço poderiam ter sido mais eficientes, é certo, mas se isto aconteceu, não se pode deixar de consignar que muitos dos integrantes da classe se omitiram.

ARQUITETURA ao fazer êste pequeno apanhado da ação do IAB tem em mira lembrar a responsabilidade dos colegas que, agora, quer como novos dirigentes quer como continuadores, assumem a direção do órgão de classe.

A tradição, a unidade e a continuidade de ação do IAB deve estar acima de quaisquer desavenças ou diferenças ocasionais ou pessoais. Os pleitos disputados são uma prova inequívoca da vitalidade da classe e de sua disposição de encaminhar corretamente os seus problemas, suas reivindicações sua consolidação e seu aprimoramento cultural. O que deve ser combatido não é o que luta, o que se opõe, o que concorre e sim o que se desinteressa, o que se omite e o que não participa. □

Arquitetura na 8ª Bienal

Cada dois anos, a Fundação Bienal de São Paulo realiza no Parque Ibirapuera uma das mais consideráveis mostras de arte do mundo. Artistas de 54 países estão êste ano representados e procuram através da côr, da forma, do movimento, do sinal, do objeto, atingir aquilo que a linguagem convencional não alcança.

O impacto desta imensa busca, desta violenta luta por apreender o sensível, pode parecer ao homem que caminha por entre os painéis algo caótico, inútil. Este mundo mudo cheio de côres, eriçado de formas, coalhado de matérias e materiais inertes e móveis, fascina-o e repele-o simultâneamente. É certo que, muitas vêzes, êle cortará a angústia nascente com uma piada ou uma tirada intelectual. Numa lógica atitude de defesa, tentará verbalizar o que não se verbalizou para manter inteira a apreensão. Em outras, deixará que ela flua e talvez alcance um instante de comunhão. Rechaçará aquêle mundo que chega através de sucessivas apreensões fragmentárias, negando-o violentamente, com as mais absurdas agressões, ou incorporando-o a sua estrutura discursiva. Seu ódio, sua náusea, sua depressão, seu medo, ou sua alegria, seu amor, seu algo inexprimível que lhe aperta a garganta ou lhe traz uma indefinível sensação ao estômago, no entanto, prevalecem sôbre as racionalizações a que se obriga.

Pinturas, gravuras, esculturas, livros e artes gráficas, cenários e figurinos, arquitetura e jóias, mostrados maciçamente na Bienal, tentam vencer a atmosfera pesada e viscosa de uma indiferença que nada consegue vencer.

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA

Nas salas especiais, na sala geral e nos trabalhos apresentados ao concurso internacional de escolas de arquitetura 16 países estão representados: Alemanha, Brasil, Canadá, Colômbia, Coréia, EUA, Finlândia, Hungria, Japão, México, Noruega, Polônia, Suécia, Suíça e Tchecoslováquia.

LE CORBUSIER

O Juri de Premiação, composto pelos arquitetos Icaro de Castro Mello, IAB-SP, João Vilanova Artigas, IAB-SP, Jorge Wilheim, IAB-SP, Luis Garcia Pardo, Uruguai, e Mauricio Nogueira Batista, IAB-GB, ao se reunir no dia 31 de agôsto passado, registrou o pesar de seus membros pelo falecimento de Le Corbusier e sugeriu à Fundação Bienal de São Paulo a instituição de um "Grande Prêmio Le Corbusier". Em sua proposta, o Juri afirmou: *"Êste prêmio a ser conferido por ocasião de cada uma das exposições internacionais de arquitetura da Bienal de São Paulo, converter-se-á em uma constante presença e permanente homenagem ao grande criador, vinculando seu nome a uma das mais importantes manifestações da vida artística brasileira. O Prêmio Le Corbusier será outorgado ao arquiteto de qualquer parte do mundo que se tenha destacado por sua obra ou sua atividade em favor do desenvolvimento da arquitetura, quer através do valor e da importância de sua própria obra arquitetônica, quer por sua ação no ensino, na doutrina, no estudo, no serviço público ou em outro aspecto das relações entre o arquiteto e o meio em que êle vive. Assim, prestar-se-á a Le Corbusier o tributo devido não só às suas qualidades intrínsecas de arquiteto e artista criador, como também ao que sua obra, sua doutrina e o seu convívio pessoal com os arquitetos brasileiros significaram para o desenvolvimento da arquitetura contemporânea no Brasil"*.

PREMIAÇÃO

Feitas estas considerações, o Júri examinou os trabalhos selecionados para figurarem na Exposição Internacional de Arquitetura e após resolver, de acôrdo com o item I do artigo 18 do Regulamento da Bienal, só levar em consideração para julgamento as obras já concluídas, conferiu os seguintes prêmios:

Prêmio Presidente da República, Medalha de Ouro, ao arquiteto mexicano Pedro Ramirez Vasquez por sua obra "Museu Nacional de Antropologia", "pela interpretação adequada que deu ao tema, na qual a utilização dos aspectos mais avançados da tecnologia se harmonizam com a tradição cultural mexicana, conferindo dignidade aos espaços, que ensejam excelente contato entre povo e cultura".

Prêmio Bienal de São Paulo, Medalha de Prata, ao arquiteto brasileiro Telesforo Cristofani, por sua obra "Restaurante Vertical" "que traz uma contribuição válida ao tema, solução brilhante para um terreno restrito, tendo conseguido grande integração plástica e espacial".

Além dêstes dois grandes prêmios o Júri concedeu nas diversas categorias diplomas e menções, a seguir relacionados:

Habitação Individual — Diploma ao arquiteto Joaquim Guedes, pelo seu trabalho "Residência Cunha Lima", "pela audácia de uma pesquisa formal que atinge desde as soluções técnicas até a organização espacial". E menções aos arquitetos Marcelo Accioly Fragelli — residência Tasso Fragoso Pires, na Guanabara — e Ruy Ohtake — residência Rosa Okuso, São Paulo.

Habitação Coletiva — Diploma ao arquiteto Ricardo Batalha Menescal pelo seu trabalho "Apartamentos em Teresópolis", "pela clareza e simplicidade da solução e inteligente uso dos elementos construtivos". Menções aos arquitetos Lajos Schmidt, da Hungria, pelo seu trabalho "Edifício de Apartamentos em Budapeste" e Marcelo Accioly Fragelli, "Apartamentos na Penha", São Paulo.

Edifício para Fins Comerciais — Diploma ao arquiteto Telesforo Cristofani por sua obra "Restaurante Vertical", a qual foi conferido também o Prêmio Bienal de São Paulo. Menção à equipe integrada pelos arquitetos Maciej Krasinski, Jerzy Krynlewiecki e Ewa Krasinska, da Polônia, pelo supermercado "Supersan", em Varsóvia.

Edifício para Fins Industriais — Diploma aos arquitetos Henryk Marconi, Jerzy Romanski, e Stanislaw Turczynowicz, da Polônia, pelo trabalho "Fabrica de Fibra Sintética ELANA", "no qual conseguiram bom resultado no agenciamento de complexo problema químico-industrial". Menção aos arquitetos John B. Parkin, Associes, do Canadá, pela obra "Imperial Oil Limited", em Toronto.

Edifício para Fins de Ensino — Diploma ao arquiteto mexicano Pedro Ramirez Vasquez por sua obra "Museu Nacional de Antropologia", a qual foi conferido o Prêmio Presidente da República. Menção aos arquitetos Robert Fairfield e Mary Dubois, do Canadá, pela "Escola de Arte em Toronto".

Edifício para Fins de Saúde — Diploma ao arquiteto László Ivanyi, da Hungria, pelo Trabalho "Casa de Repouso do Conselho Tomas Puskas", "pela simplicidade do tratamento dado ao programa e correta utilização dos materiais".

Edifício para Fins de Recreação — Diploma ao arquiteto húngaro Peter Molnar pelo seu trabalho "Cinema Kobanya", em Budapeste, "uma solução correta e de bom gôsto".

Edifício para Fins Religiosos — Diploma ao arquiteto brasileiro Jerônimo Bondiha Esteves e Israel Sancovski pela "Capela da Colônia Francesa", em São Paulo "que sublinha de forma despretensiosa a atmosfera religiosa, através de espaços criados pelos elementos arquitetônicos". Menção ao arquiteto húngaro Bela Borvendeg por uma "Câmara Mortuária" situada em Szeged.

Problemas Vários — Diploma ao arquiteto Jacob Zweifel, da Suíça, e seus colaboradores Willi Christen e Uli Huber pela exposição "A Terra e a Floresta", "excelente solução para uma construção de caráter temporário, na qual se obteve boa integração entre espaços internos e externos, homogeneidade de partido e leveza estrutural". Menção ao arquiteto Renato Primavera Marinho, com "Pavimentação de Praças, Estudo de Paisagismo", no Rio de Janeiro; e aos arquitetos Jerzy Romanski, Aleksander Szwejkowski, Zénon Zielinski e Tadeusz Ziolkowski, poloneses, com o "Pavilhão Desmontável para Exposição". □

Prêmio Presidente da República

Medalha de Ouro

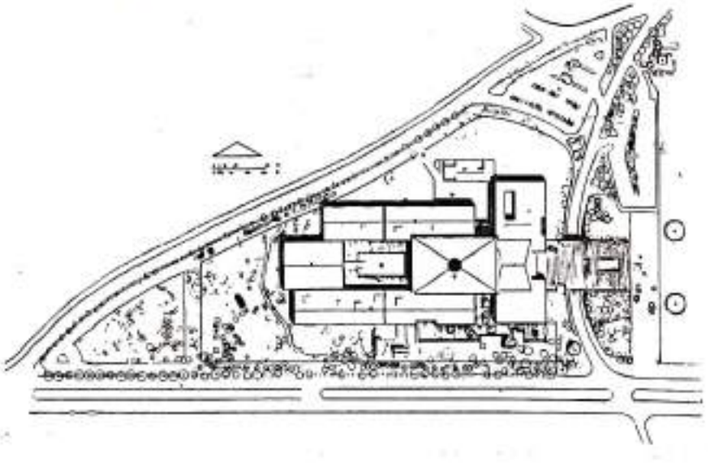
Edifício para fins de ensino

Arq.º Pedro Ramirez Vasquez

Museu Nacional de Antropologia – México



1



6

A necessidade de difundir o que até agora se conhece das antigas culturas pré-hispânicas através da arqueologia e da etnografia, forma o problema medular do programa arquitetônico do Museu Nacional de Antropologia do México.

Para atingir êste objetivo o projeto do Museu foi regido, em todos os seus aspectos, pelo propósito de converter o Museu numa lição permanente para o povo; fazer dêle ensino e espetáculo que mostra o passado, não para que a êle se adira simplesmente, mas para apreender sua lição e obter a inspiração e o alento necessários para fixar o futuro.

As considerações básicas do partido arquitetônico foram:

O propósito de que as 25 salas do Museu pudessem ser visitadas indistintamente de forma contínua ou isolada, para obter um maior aproveitamento do tempo do visitante, menos interrupções em sua atenção e maior liberdade para percorrê-lo, obrigou a adotar a solução de um espaço central distribuidor que, em forma de pátio, desse acesso independente a tôdas as salas. Para que êste pátio pudesse ser igualmente útil durante as temporadas das chuvas, projetou-se uma cobertura que abrange uma superfície de 82 por 54 metros e que repousa sôbre um só apoio central.

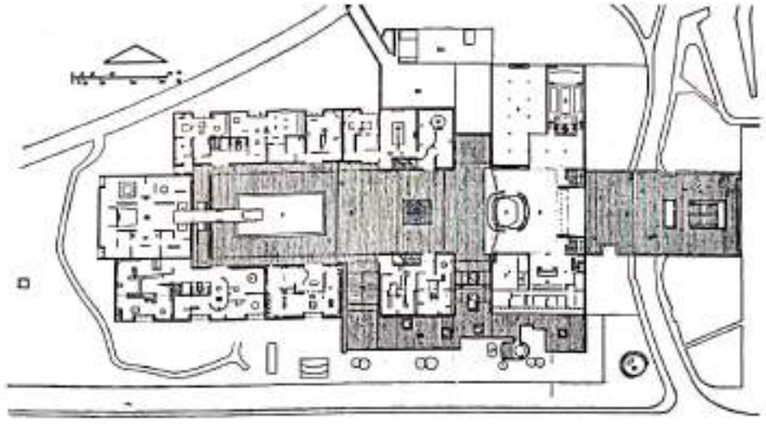
Esta solução foi adotada para manter independente a cobertura dos volumes que formam o espaço criado no pátio e não quebrar sua unidade e, por outro lado, pelo caráter monumental que deve prevalecer em todos os aspectos de uma obra que representa a dignidade nacional como é o caso dêste Museu.

O tratamento da grande área do pátio, sóbria e sem elementos que cortem sua magnitude, trata de criar a mesma sensação espacial dos grandes espaços pré-hispânicos.

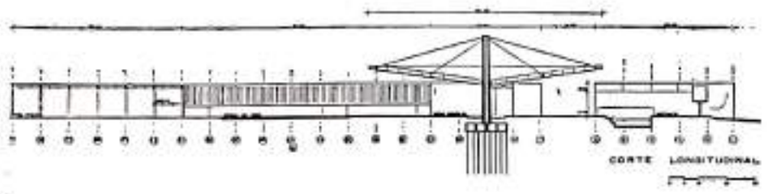
A superfície coberta de 30 mil metros quadrados, destinada exclusivamente às necessidades de exibição das 25 salas que formam o Museu, serve no térreo às salas de arqueologia e, no andar superior às de etnografia.

O acesso às salas de arqueologia não só pode ser feito independentemente, como foi prevista a condição de que jamais o visitante percorra mais de duas delas sem ser obrigado a chegar ao pátio central, para descansar. O mesmo acontece nas salas de etnografia onde se é obrigado a observar a vista do pátio antes de prosseguir visitando as demais salas.

O Museu está equipado com todos os modernos requisitos da museografia e conta, nos seus 5 quilômetros de exibição, de condicionamento e purificação do ar, alarmas contra roubos e incêndios, equipamento transmissor para radiojula eletrônico, etc. Tôdas as instalações elétricas foram concebidas dentro de sistema de grande elasticidade, tanto no piso quanto no teto.

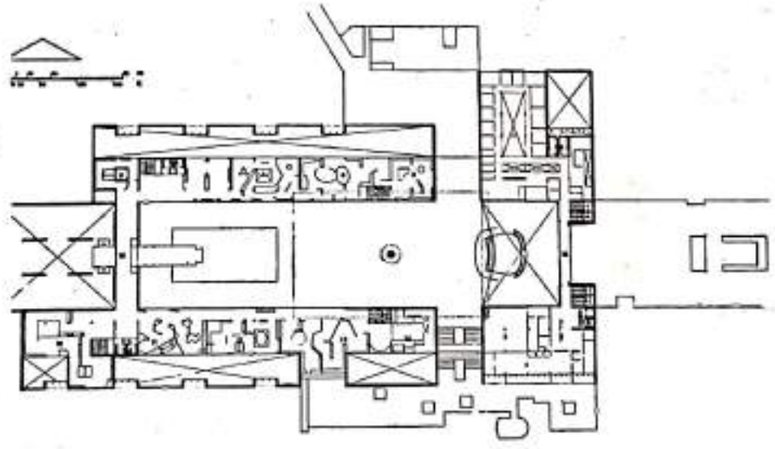


2



3

1 — Planta do conjunto
2 — Pavimento térreo
3 — Corte
4 — Pavimento superior



4

O Museu, tendo sido concebido como um organismo didático e dinâmico, dispõe de oficinas, laboratórios, salas de estudo e escritórios de pesquisas, que ocupam uma área de 6 mil metros quadrados; sala de exposições temporárias com 1,5 mil metros quadrados; auditório para 350 pessoas, com equipamento teatral, cinematográfico e de tradução simultânea; sala de leitura; uma escola de antropologia para 500 alunos; serviços escolares infantis e um restaurante com capacidade para servir 400 pessoas.

A preocupação de utilizar tanto os adiantamentos técnicos contemporâneos como os valôres artesanais ainda em uso levou ao emprêgo preferencial da pedra — comum nas diversas etapas da arquitetura mexicana.

É função da arquitetura criar os espaços em que se desenvolve a vida do homem segundo a aplicação da técnica da época e respeitando os valôres estéticos tradicionais.

Essa preocupação levou a preservar os valôres da arquitetura pré-hispânica que se têm conservado invariàvelmente nas realizações mexicanas do Vice-reinado e da época contemporânea. Um dêsses valôres apóia-se na generosidade dos espaços; as praças, pátios e quadrângulos da arquitetura pré-hispânica, as praças e átrios do séc. XVI e os grandes conjuntos contemporâneos assim o testemunham.

No aspecto formal, sem decalcar formas, sem repetir soluções, conservou-se no pátio a mesma proporção e o mesmo critério estético da arquitetura mais: um rés-do-chão sóbrio e tranqüilo, um andar superior contrastado com volumes que proporcionam luz e sombra. Na superfície, a simplicidade e a sobriedade de Teotiuacã. No vestíbulo, a presença do barroco nos tratamentos da madeira.

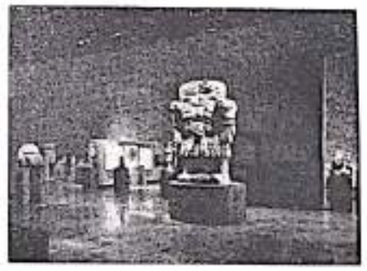
7

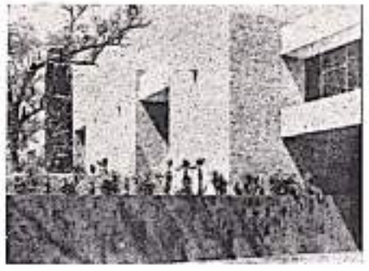
8

Medalha de Ouro

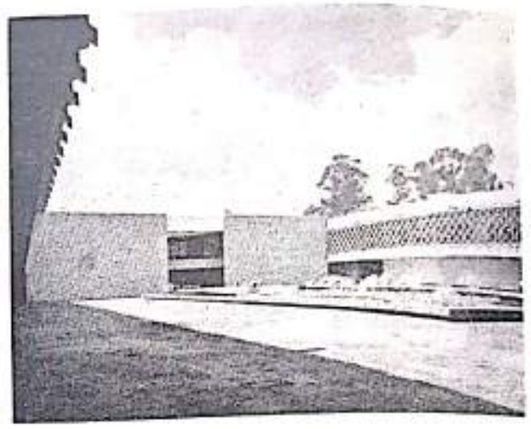
Museu Nacional de Antropologia



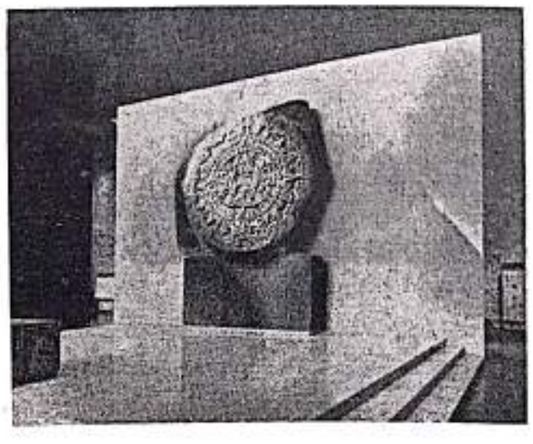










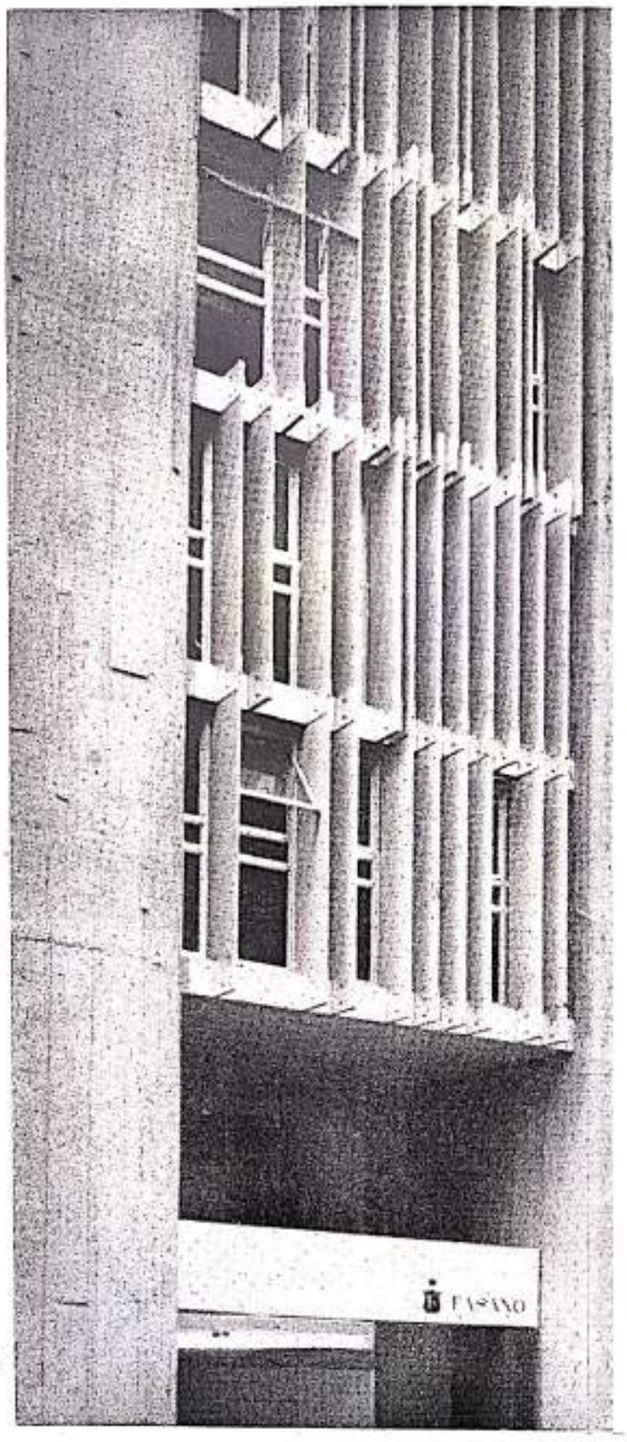


Gravando nos muros suas melhores expressões, incorporou-se à arquitetura, como elemento ornamental, o alto valor do pensamento indígena.

Na realização arquitetônica estêve sempre presente o firme propósito de aplicar com tôda a fidelidade a técnica mais pura, de conseguir a função mais precisa e clara e manter o máximo respeito tanto pelas culturas mortas como pelo atual povo do México, pois foi planejado para sua educação, recreio, estímulo e inspiração e também para fazer-lhe sentir o valor de sua herança cultural.

O Museu foi concebido e realizado com a dignidade e a amplitude que permitem no mexicano contemplar com orgulho o gênio de seus antepassados, com a habilidade com que, com suas próprias mãos, milhares de artesãos, conscientes de sua raiz indígena, trabalharam intensamente 19 meses para nesse lapso de tempo lograr sua construção e instalação total. □

Bienal de São Paulo
Prêmio Medalha de Prata:



Edifício para fins comerciais

Arq.º Telesforo Cristofani, IAB - SP

Colaborador Roberto Loeb

Estrutura Hugo Tedeschi e Yukio Ogata

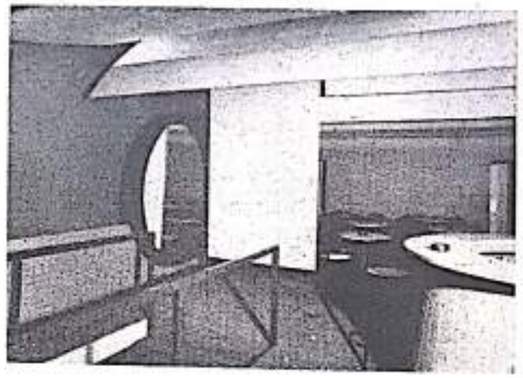
Instalações Giovani Negres

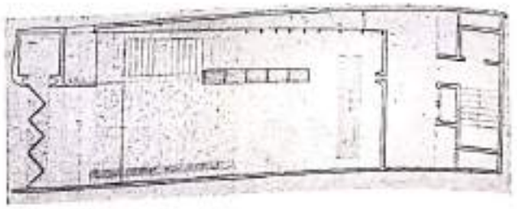
Restaurante vertical - São Paulo - Brasil

As exigências do programa: confeitaria, estar, bar, salão de chá e restaurante, para um mesmo complexo hoteleiro, e a exigüidade do lote, altamente valorizado em têrmos imobiliários, determinaram a solução vertical para ambientes superpostos em pisos, culminando pela cozinha cuja cobertura contem a maquinaria necessária ao variado equipamento.

Procede-se a circulação vertical para o público pela frente, por meio de tubo de elevador e escada, e da mesma forma, pelos fundos para o serviço, acompanhado de montapratos em copas de distribuição, deixando assim os salões de permeio.

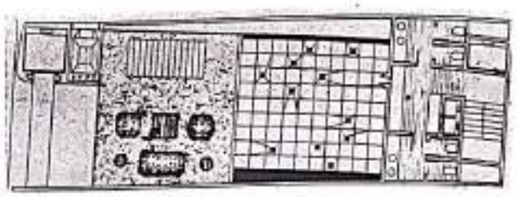
A técnica construtiva e o aspecto formal resultaram da necessidade de permitir a execução da obra em prazo muito curto, préviamente estabelecido, contando com à dificuldade de canteiro e acesso, sem recorrer à mão-de-obra especializada. Daí a textura de concreto aparente da estrutura, a escada pré-fabricada de chapa de ferro, as placas em concreto pré-moldado compondo a elevação frontal etc. □





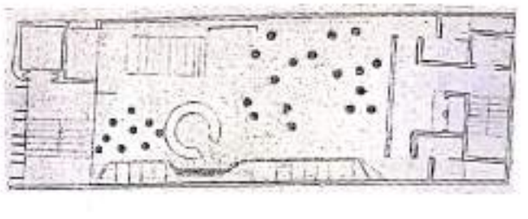
1

2

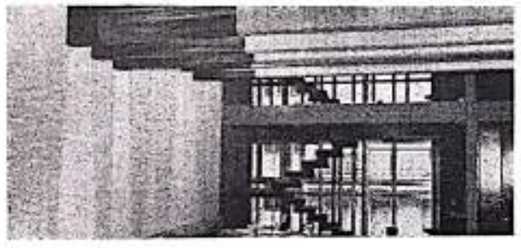


3

1 — Pavimento térreo.
2 — Mezzanino.
3 — 2.º pavimento.
4 — 3.º e 4.º pavimentos.
5 — 5.º pavimento — cozinha.
6 — Cobertura.
7 — Fachada.
8 — Corte.



4

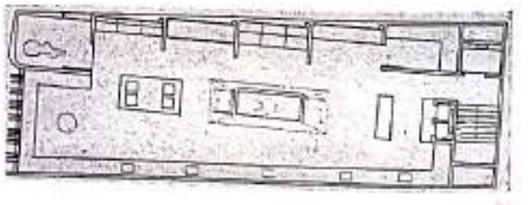




5

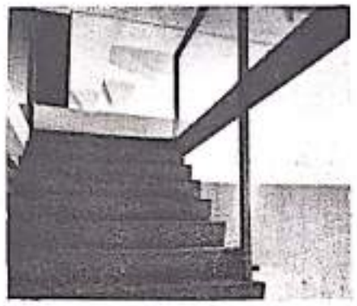


10



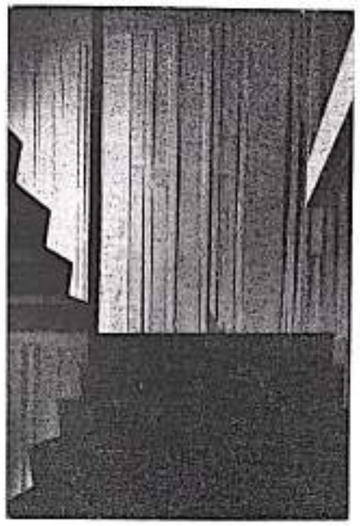
6

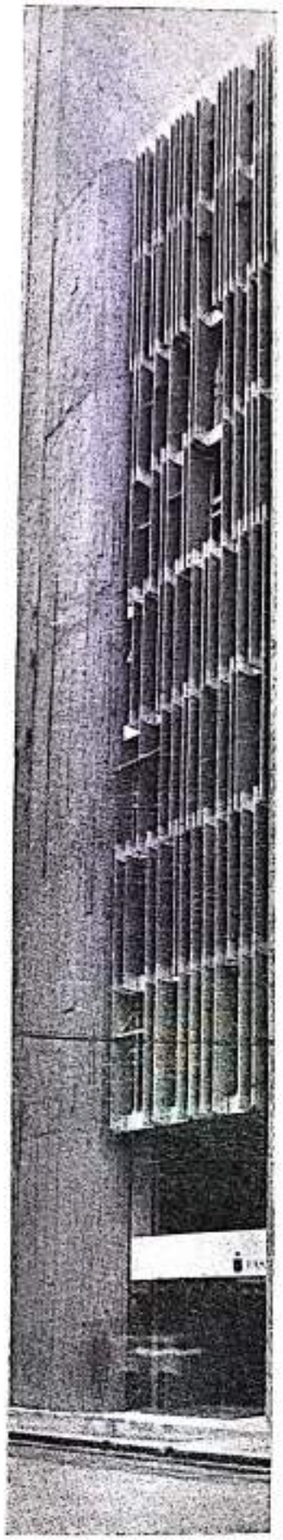




Medalha de prata

Restaurante vertical

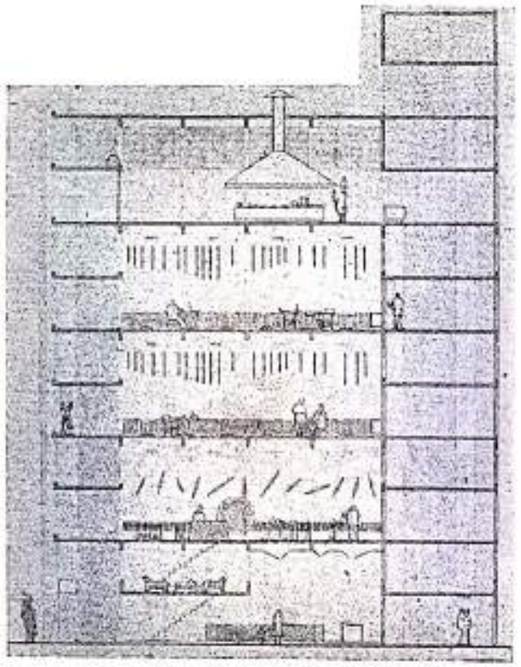




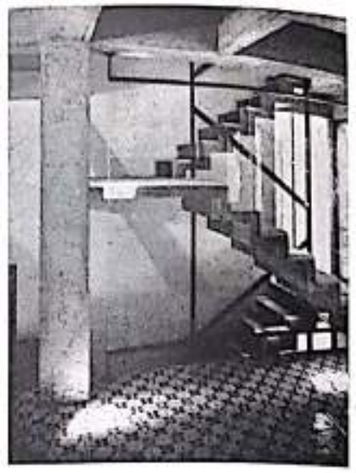
7



8







Habitação individual

Diploma: Arq.º Joaquim Guedes

Residência Cunha Lima – São Paulo – Brasil

Residência Cunha Lima

Em vista do grande declive, não era possível construir volumes que estivessem ao mesmo tempo ao nível da rua e apoiados no chão, o que proporciona acesso fácil e contato direto com os jardins. Para o volume elevado do solo, desenhamos uma estrutura que funciona como a de uma ávore. Ela assume uma configuração correspondida exclusivamente com a constituição do espaço, sugerindo um desenvolvimento da forma e uma similar independência do formalismo.

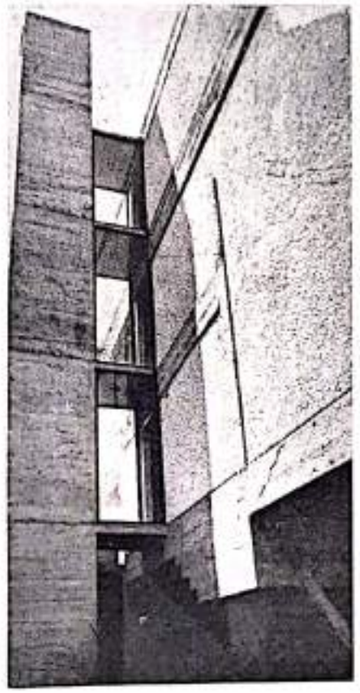
O volume útil da casa, comunicando desligado do solo e vinculado, à rua, é suportado por quatro pilares centrais que se engalfam para apoiar os planos mais pesados, ligando como um tronco desse volume ao terreno.

Os volumes livres resultantes, são uma livre expressão de uma organização de espaços, de uma função na paisagem e de uma estrutura, entendendo-se por estrutura não apenas o sistema de sustentação do edifício, mas um elemento capaz de gerá-lo e ordená-lo.

P. S.: O elevador, a acréscimo de cozinha, o sistema de ar-condicionado, etc., foram integrados à construção, posteriormente. O grelli que aparece na face noroeste não é de projeto.

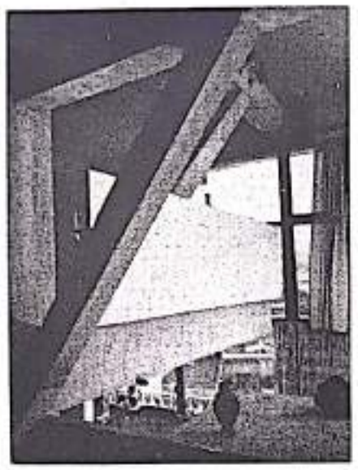
11

12



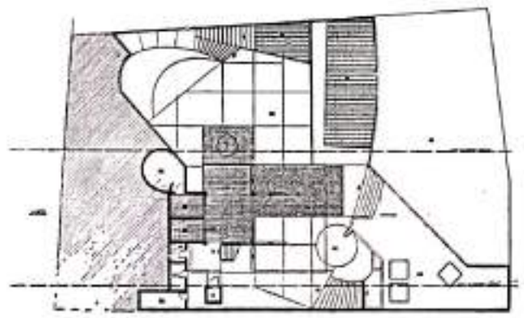




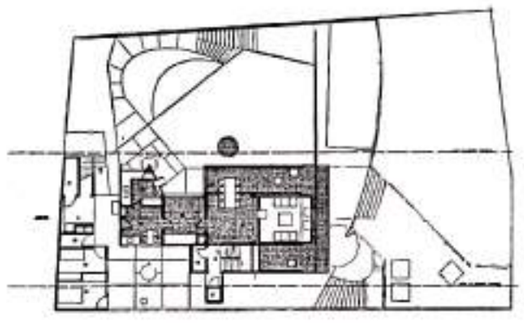


1 — Planta na cota — 5.70 m.
2 — Planta na cota — 2.65 m.
3 — Planta na cota + 0.11 m.
4 — Planta na cota + 2.65 m.
5 — Corte.

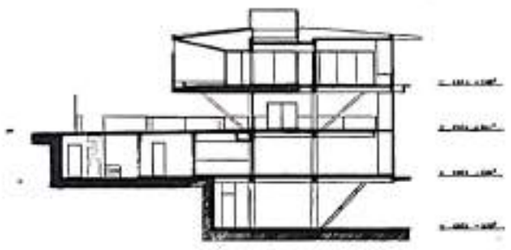
1



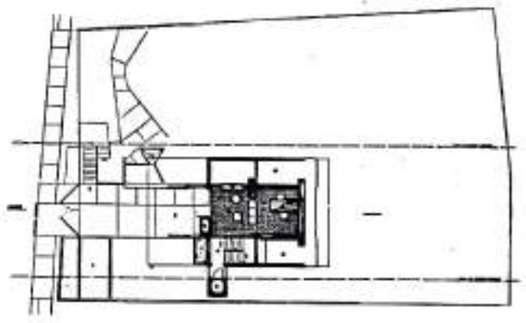
2



5



3





4

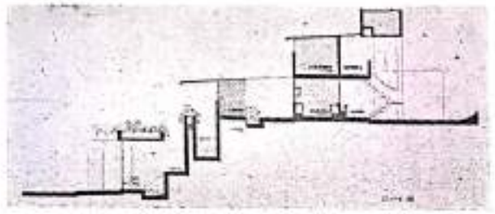


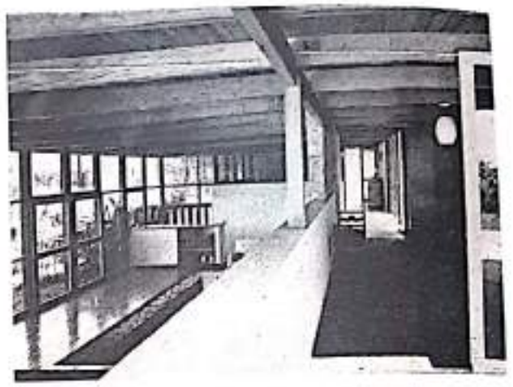
Habitação Individual

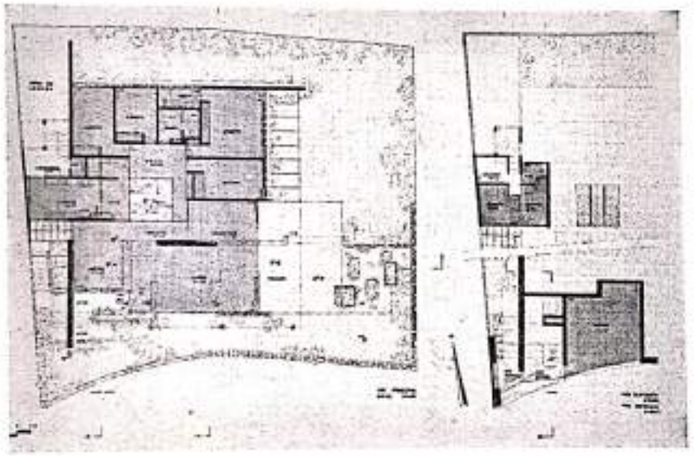
Menções:

Arq.º Marcelo Accioly Fragelli

Residência Fragoso Pires, GB. – Brasil







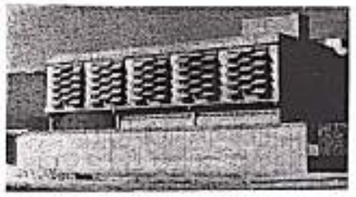


Residência destinada a um casal jovem, com duas filhas e previsão para mais dois. Projetada em 1959/60, construída de 60 a fins de 61. Muro de arrimo, anterior ao projeto, e outras paredes novas, construídas com a pedra retirada do terreno e deixada aparente em tôdas as faces. No lago à entrada, aparece o fundo, uma laje, da pedra, em seu estado original. A garagem e as entradas são cobertas com uma placa de concreto aparente suportando um jardim que prolonga o "plateau" social. Todo o terreno foi rebaixado, para reduzir a altura sôbre a rua, criando-se dois níveis, a 4.15 e a 5.15 m da calçada (N = 10.00 e N = 11.00 m). A modulação da planta decorreu do intervalo de 1.05 m do vigamento e dos pilares, todos de peroba-do-campo deixada ao natural, encerada ou, quando externa, envernizada. Sôbre as vigas de 3" x 9" ou 3" x 6" repousam: um tabuado de frisos encaixados, de 15 x 10 cm, da mesma madeira, uma camada de 1½ de Eucatex termoisolante e as mantas de feltro asfáltico e alumínio da impermeabilização. A periferia da cobertura é arrematada com chapas de cobre ao natural, sendo que as calhas, nas linhas inferiores, desaguam livremente, por buzinotes, sôbre caixas circulares de concreto, com seixos, no jardim. As colunas, com 3" x 6 ou 3" x 4", conforme a altura, além de sustentarem a cobertura, estruturam as esquadrias, integrando-as, as partes móveis ou não-estruturais das esquadrias externas são de cedro, pintado a óleo em tom pastel de azul-cinza. Portas internas em peroba encerado, paredes de tijolo revestidas e pintadas de branco. As jardineiras do lago, no pátio interno têm azulejo antigo, de demolição em fazenda da família, da tom de tijolo queimado. A pedra é côr de ferrugem. Devido à inflação, foi adiada a construção do lago externo e da parede de pedra contígua. □





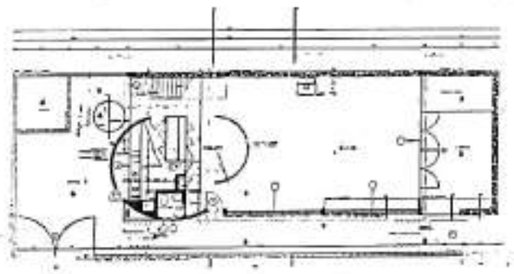


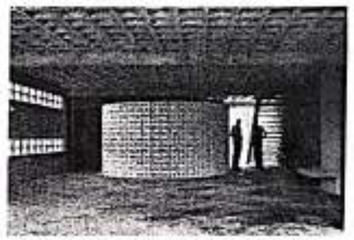


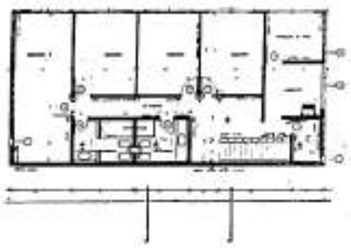
Menção:

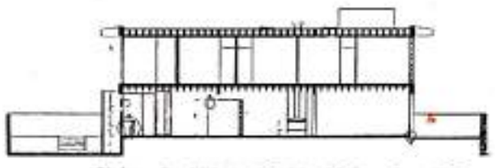
Arq.º Ruy Ohtake

Residência Rosa Okubo - São Paulo - Brasil







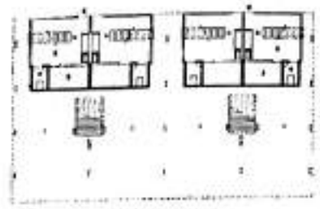












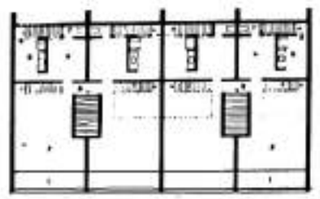
Habitação Coletiva

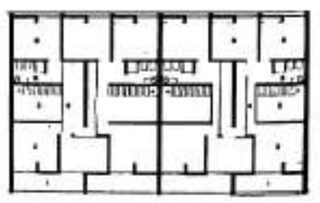
Diploma:

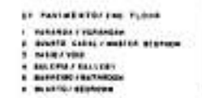
Arq.º Ricardo Batalha Menescal

Apartamentos em Teresópolis - R. J. - Brasil







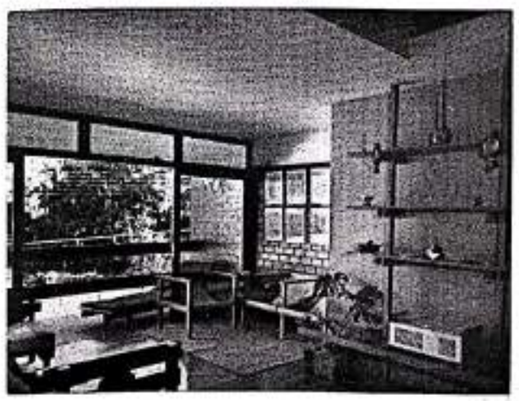


O programa solicitava uma implantação em absoluta equidade para quatro apartamentos de veraneio pertencentes à proprietários aparentados. O terreno mede 25 de frente por 27 de fundo.

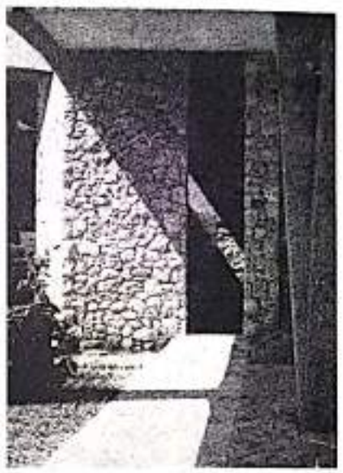
O arquiteto dispôs as quatro unidades geminando-as numa faixa de 5 m para cada uma. Reservou o terreno para jardins, parqueamento, residência do zelador e quatro zonas de serviço fechadas (lavanderia, quarto e banho de empregadas); o segundo pavimento abriga os *livings*, varandas, jantares, cozinhas e *toilettes* e no último pavimento, para cada unidade: varanda, 3 quartos e banheiro.

A solução encontrada para respeitar a modulação de 5 m da fachada, foi dispor em cada duas unidades, uma com dois quartos de frente e um de fundos, e a outra ao contrário.

A aplicação de materiais na sua aparência originária: madeira envernizada, tijolo à vista, cobertura feltro-asfáltica em fôrro macho-fêmea, pilares de ferro e estrutura destacada, dão a característica marcante da obra. O elemento côr entra com a substituição de vidros por acrílico amarelo-claro em certas partes das esquadrias. □







Habitação Coletiva

Menção: Arq.ª Marcelo Acciolly Fragelli

Apartamentos na Penha, São Paulo - Brasil

Inicialmente foi concebido o projeto para se deixarem aparentes o concreto da estrutura e o tijolo da alvenaria externa. Ainda em fase de anteprojeto, foi determinado o revestimento de tôdas as partes, devido ao veto dos incorporadores.

A intenção do arquiteto foi procurar efeito plástico apenas no uso e exploração dos elementos constitutivos do prédio. Assim, foi procurada uma definição volumétrica bem nítida entre os blocos da garagem, dos apartamentos, e da circulação, o que, aliado à necessidade de planta, permitiu um jôgo de volumes nas fachadas laterais, principalmente na de serviço, onde os terraços, valorizados pela estrutura, acentuam o ritmo dos planos.

Nos planos das fachadas foi confiado unicamente aos elementos de sustentação, de vedação e de abertura o papel da fazer a plástica.

A necessidade orçamentária de usar materiais comuns e baratos, de usar esquadrias normais, se inscreveu, não prejudicou, a intenção formal do projeto.

A forma elaborada das colunas livres na parte frontal do pavimento térreo procurou explorar as possibilidades dinâmicas oferecidas pela disposição variada das mesmas ante o percurso do observador, mas também foi levada em conta a vantagem de ser a dimensão mínima na secção quadrada que ocorre a meia altura (total de 6 metros) onde é maior o momento fletor. Foram reveladas e mesmo buscadas as miúdas estruturais, como fator de enriquecimento formal e de integração na plástica das colunas.

A coluna central do pavimento térreo é formada pelo agrupamento interpenetrante, de quatro colunas iguais as demais, formando quadro com elas, através das vigas no teto.

As paredes envolventes dos "hall" são construídas — e não revestidas — com pedra calcárea de Santos, castanha, assim como o muro de arrimo no alinhamento, a escada de acesso principal e outras duas paredes nos dois primeiros pavimentos. Foi acentuado nestas paredes, o seu aspecto puramente de vedação, deixando-se aparentes ao seu redor, emoldurando-as, os pilares e vigas de concreto.

O piso das entradas é de arenito de Itacolomi, cortado em esquadro, para destacar do piso de calcáreo irregular das zonas de recreação.

A cobertura do bloco da garagem é tomada com jardim, para evitar a reverberação de um telhado junto aos primeiros pavimentos residenciais, valorizando-lhes a vista.

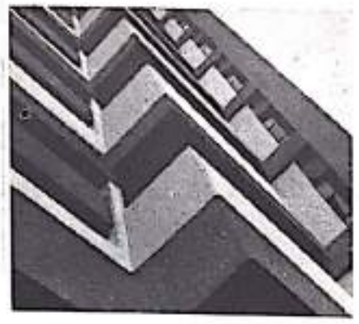
No pavimento acima do térreo há um recreio coberto, separado da garagem por elementos vasados e ligado diretamente ao térreo por uma escada.

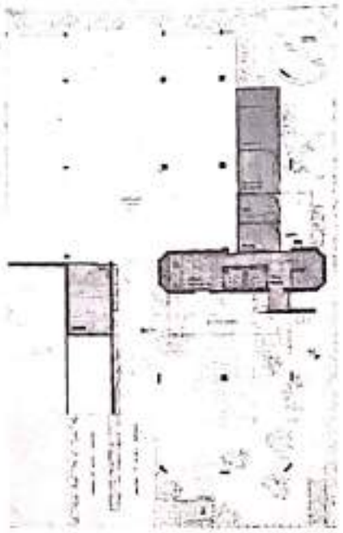
As paredes externas foram revestidas com mosaico cerâmico branco, menos na faixa correspondente às janelas de correr, deixada em tijolos aparentes.

Os pilares e vigas foram revestidos com massa de granito granulado, de côr cinza e as lajes do teto do pavimento térreo com massa raspada da mesma côr, em tom mais claro.

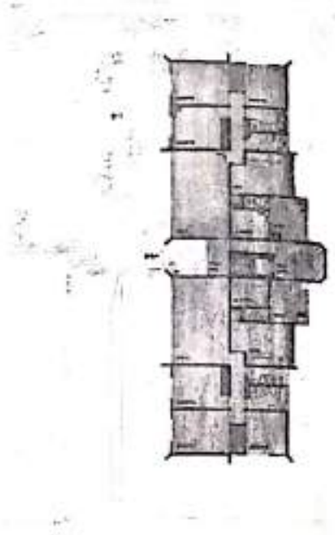
Menção

Edifício residencial na Penha - SP.





1



2



1 — Pavimento térreo.
2 — Pavimento tipo.

Menção:

Arq.ª Lajos Schmidt

Apartamento em Budapeste, Hungria

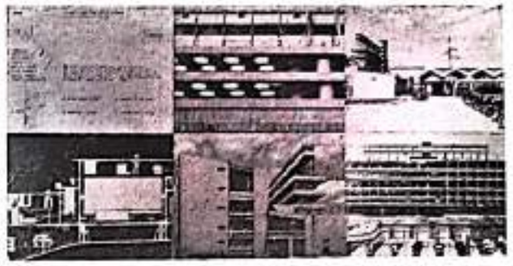


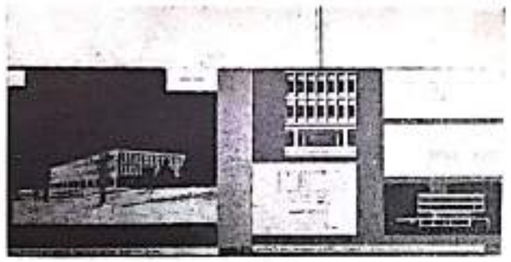
Edifício para fins Industriais

Diploma:

Arq.os Henryk Marconi, Jerzy Romanski e Stanislaw Turczynowicz

Fábrica de Fibra Sintética "Flana" - Torum, Polônia.





Menção:

Arq.o John B. Parkin Associes

Imperial Oil Limited, Toronto, Canadá.

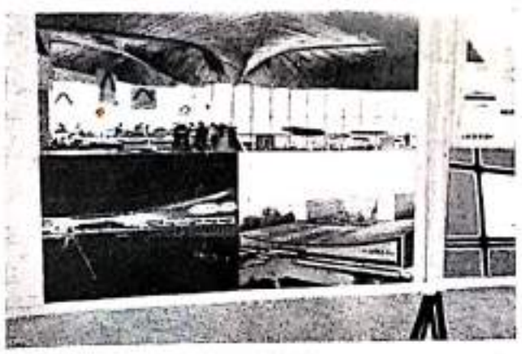
Edifício para fins Comerciais

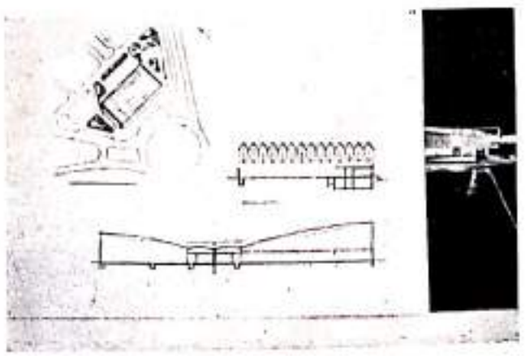
Menção:

Arq.os Maciej Krasinki, Jerzy Hryniewlecki e Ewa Krasinska

Supermercado em Varsóvia





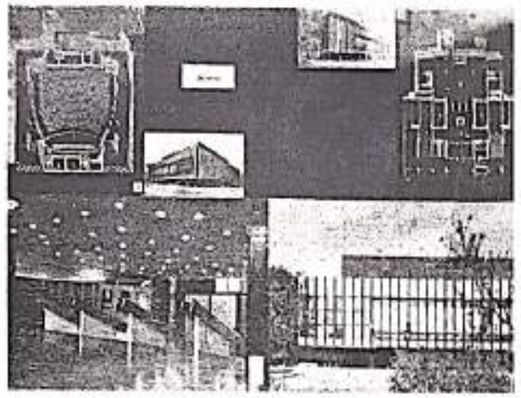


Fins de Recreação

Diploma:

Arq.o Peter Molnar

Cinema: Kerbanya, Budapeste, Hungria



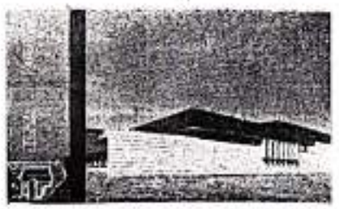
Fins de Ensino

Menção:

Arq.s Robert Fairfield e Macy Dubois

Escola de Arte, Toronto, Canada





Edifício para fins Religiosos

Menção:

Arq.o Bela Borvendeg

Sala Mortuária, Szeged, Hungria

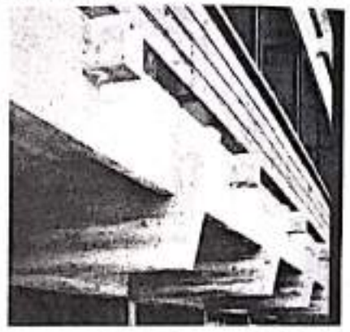


Fins de Saúde

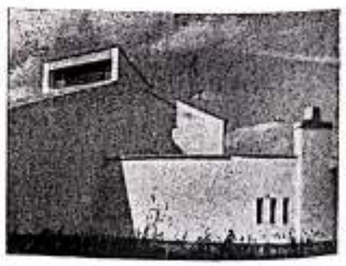
Diploma:

Arq.o László Ivanyi

Casa de Repouso Fuskás, Hungria.





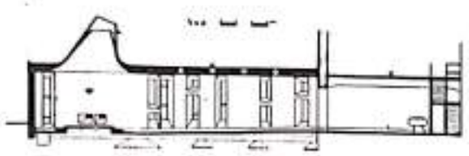


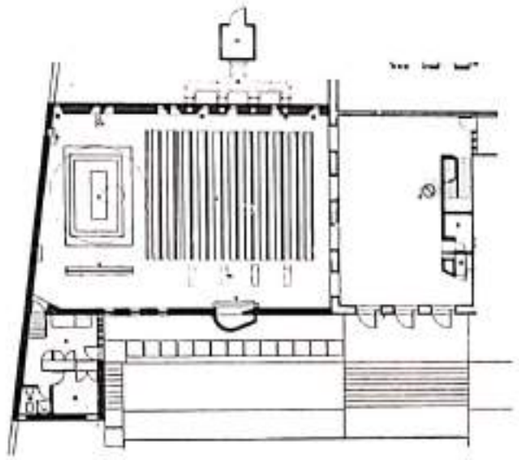
Fins Religiosos

Diploma:

Arqs.ª Jeronimo Bonilla e Israel Soncovski,

Capela da Colônia Francesa, São Paulo, Brasil.











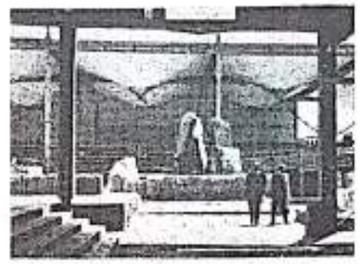


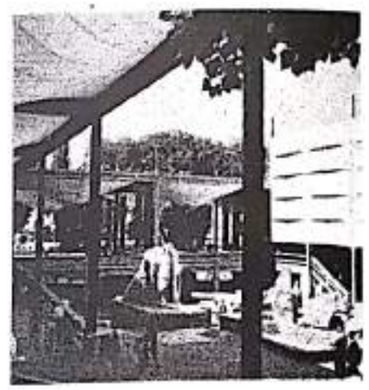


21

Problemas Vários







Diploma:

Arq.º Jacob Zwelfei

Paxilhão para exposições Suiça.



Menção:

Arqs.ª Jerzy Romanski e Alexsander Swejkowski

Pavilhão transportável para exposições, Polônia.

Menção:

Arq.ª Renato Primavera

Pavimentação de praças, GB. Brasil

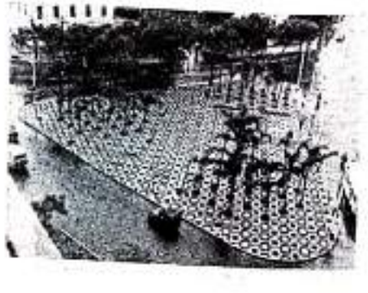


22



PAVIMENTAÇÃO DE PRAÇAS EM PEDRA PORTUGUÊSA
ESTUDO PAISAGÍSTICO





Salão Especial de Arquitetura

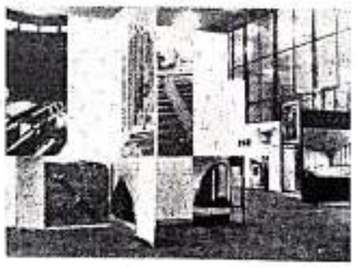


A 8.ª Bienal apresenta 3 salas especiais de arquitetura, enviadas pela Alemanha — "Novas Igrejas", EUA. — "Arquitetura Visionária"; e Polônia — "Embaixada em Brasília"; e 3 salas "hors-concours" dedicadas aos arquitetos brasileiros Carlos Millan, Oswaldo Arthur Bratke e Vilanova Artigas.

Polônia:

Embaixada em Brasília

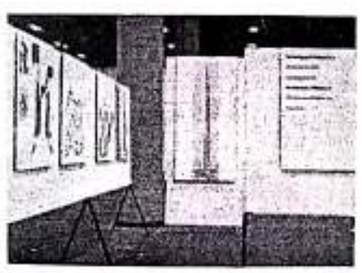




Novas Igrejas Alemãs

A exposição "Novas Igrejas da Alemanha" foi mostrada êste ano no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Hugo Schnell, apresentando a mostra, afirma que "a arquitetura assume hoje em dia especial relêvo, não só no que se refere ao edifício em si mesmo, como à sua localização no contexto e ambientes circundantes".

Arquitetura Visionária



A exposição "Arquitetura Visionária" preparada pelo Museu de Arte Moderna de Nova York e ali exibida pela primeira vez em 1960, compreende cêrca de 45 projetos de mais de 30 arquitetos de 7 nações: França, Grã-Bretanha, Alemanha, Japão, Holanda, Rússia e Estados Unidos. A exposição traz uma introdução histórica com conceitos de Leonardo da Vinci e Piranesi, como de outros arquitetos do passado "cujas visões provaram ser proféticas". Arthur Drexler, Diretor do Departamento de Arquitetura e Desenho do Museu de Arte Moderna, que preparou a exposição, assinala que: "O verdadeiro projeto visionário em geral é uma combinação de críticas à sociedade e forte preferência pessoal por determinadas formas. No passado tais projetos eram inexeqüíveis (...) por impossibilidade técnica, falta de justificação ou recursos financeiros da comunidade para sua execução. Hoje, tudo o que um arquiteto imagina, pode ser virtualmente realizado tècnicamente. O procedimento social, além dos recursos econômicos, determina o que é visionário ou não".

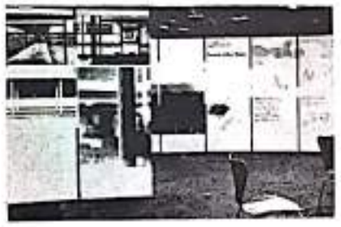
Entre os projetos expostos destacam-se a "Cidade Marinha" de Kiyonori Kikutake; a cúpula geodésica de Buckminster Fuller para a ilha de Manhattan; e combinação de estrada e edifício de Le Corbusier para o Rio de Janeiro e a Argélia; o edifício de uma milha de altura de Frank Lloyd Wright; a Cidade Centro de Louis Kahn; estudos de Sant'Elia, e muitos outros.

Salão Hors Concours



Oswaldo Arthur Bratke

A sala dedicada a Oswaldo Arthur Bratke é apresentada pelo arquiteto Lauro Bastos Birkholz e está focalizada em maior detalhe em outro local desta edição. *LBB*, consigna que "o trabalho agora apresentado (projetos para a região amazônica) é o resultado de uma concepção arquitetônica diretamente ligada às condições de solo e de clima, existentes na região. (...) A área encontra-se isolada, distante dos grandes centros culturais, comerciais e industriais e de abastecimento, existentes no País e não possuía tradição de construção, sendo êste o primeiro exemplo de um grande empreendimento realizado racionalmente nessa zona. Os núcleos habitacionais agora apresentados representam o embrião de um planejamento territorial em execução que orientará o desenvolvimento geral desta área".



Carlos Millan

Uma das salas "hors concours" é uma homenagem póstuma ao arquiteto Carlos Millan, com apresentação de Vilanova Artigas: "A sala de hoje é uma decorrência necessária. A exposição de uma obra de valor reconhecido. As últimas residências que construiu em São Paulo revelam uma tendência para o que a crítica, em especial européia, chama de brutalismo. Um brutalismo brasileiro, por assim dizer. Não creio que isto se justifique de todo. O conteúdo ideológico do brutalismo europeu é bem outro. Traz consigo uma carga de irracionalismo tendente a abandonar os valôres artísticos da arquitetura, de um lado, aos imperativos da técnica construtiva que se transforma em fator determinante; de outro lado, a forma arquitetônica surgida como um acidente da solução técnica. Como se o artista colhesse, na anarquia de soluções técnicas, os momentos de emoção que não predeterminou mais surgiram ao acaso. Na obra de Millan o uso dos materiais despidos e deliberadamente simples, são a abertura de uma perspectiva de avanço técnico, são — o artista orientando pelas suas formas o avanço técnico, dominando-o".



Vilanova Artigas

Flávio Motta apresenta Artigas: "Vilanova Artigas, nascido em Curitiba, em 1915 é um arquiteto paulista; paulista enquanto brasileiro; brasileiro enquanto artista capaz de inserir na história da cultura brasileira lances de universal significação (...) Suas obras, não raro, se fecham com rude e serena gravidade perante um mundo, por vêzes inóspito. Mas, nos interiores, mostram novas grandezas. Percebe-se, através do exame cronológico de seus trabalhos, a crescente movimentação do espaço interior ao qual se atinge por simples e acolhedores caminhos. É que os embates constantes, o atrito permanente, próprios de um meio social em rápido desenvolvimento, permitem ainda ao artista brasileiro garantir uma organização generosa e promissora que êle nos oferece, simplesmente. Sem a avidez arrogante ou generalizadora, traduz em cada solução — de viga, de abertura, de laje, de vão, de pormenores cuidados; de laje, cidades construtivas, por materiais e côres, formas, serviços, circulação; de possibilidades de vida, enfim — aquilo que é produto da experiência, como História, como individualidade, como sociedade, como racionalidade".



As razões da PNB-140

Arq.º Maurício Roberto — IAB-GB

Está em fase adiantada de elaboração a revisão da PNB-140. Nesta revisão, engenheiros das mais variadas especialidades, economistas e arquitetos, irmanados, procuram firmar uma norma que realmente venha de encontro ao interêsse dos profissionais, dos industriais da construção, dos incorporadores e do público comprador.

O trabalho exaustivo das comissões de profissionais que revisam a PNB-140 visa atingir aos seguintes objetivos principais:

1 — Proteger e esclarecer o *comprador*, fornecendo-lhe uma perfeita noção daquilo que está comprando e que está pagando.

A escala dêsse conhecimento vai aumentando à medida que o negócio vai se efetivando: desde a especificação geral de todos os componentes da incorporação, dos seus preços estimativos, do provável tempo de duração da obra e das plantas aprovadas pela repartição competente, exigidas na hora do registro, até à exigência de todos os projetos completos, das especificações, orçamento e cronograma definitivos, por ocasião da retificação do registro, seis meses após a assinatura do contrato.

Os *compradores* saberão tudo. Conhecerão, em detalhes, os projetos de arquitetura, de estrutura e de instalações. Saberão como os serviços serão executados. Saberão, antes do início, qual o prazo previsto para a duração da obra. Conhecerão todos os materiais que serão utilizados, suas respectivas especificações e seus custos.

Dessa forma, saberão perfeitamente como pagar e, principalmente, como e porque suas prestações serão reajustadas.

2 — *Os construtores* terão critérios uniformes para a execução dos seus orçamentos e dos seus serviços. A discriminação dos materiais e serviços nas fichas de inscrição, a posse de todos os projetos completos — arquitetura, estrutura e instalações — dar-lhes-ão a certeza do que vão executar. Isto tudo, anexado às especificações detalhadas, normalizadas, de todos os serviços e materiais lhes darão a indicação segura, indispensável aos seus orçamentos.

Os índices dos custos unitários, periòdicamente atualizados, fornecer-lhes-ão o dado final para que seus orçamentos, em benefício do cliente, sejam sempre os reais e os verdadeiramente atuais. Dessa forma, desaparece a possibilidade de projetos iguais, com especificações iguais, com facilidades e dificuldades de construções iguais, custarem preços diferentes. Lògicamente, sujeito a oscilações, restará apenas o custo operacional de cada emprêsa, que, naturalmente, varia de uma para a outra.

3 — Finalmente, as normas vêm — beneficiando o comprador, facilitando o trabalho e diminuindo a responsabilidade do construtor — valorizar, tornar bem claro e sempre presente o trabalho de todos os profissionais que participam de uma incorporação.

Os *arquitetos e engenheiros de tôdas as especialidades* — que sempre participaram do complexo de uma incorporação e tiveram, na maioria das vêzes, avultadas as suas funções — passarão, obrigatòriamente, a estar presentes, mostrando de modo claro ao *comprador* e ao *construtor* quais as suas obrigações e os honorários que cobrarão por elas.

Dêsse modo, o seu trabalho será pago por serviços que sabidamente terão de ser prestados e em troca de responsabilidades que sabidamente terão de ser assumidas.

É a segurança e valorização do *profissional*, é a segurança do *construtor*, é a segurança do *proprietário* e, conseqüentemente, a segurança do *empreendimento*.

Estas normas completam o espírito da Lei: o entrosamento, numa incorporação, das atividades profissionais que nela participam — *concepção técnica, indústria e comércio* — distintamente caracterizadas.

Com isso, um importantíssimo setor da construção civil, que vinha sendo tão rudemente avilt̃ado, voltará a tôda sua plenitude e dignidade. □

Um roteiro de pesquisas para o planejamento urbano - I

Arq.º Francisco Whitaker Ferreira, IAB-SP

O planejamento, entendido como processo de previsão, orientação racional e revisão das atividades necessárias à obtenção de um determinado resultado, comporta e supõe, necessàriamente, o conhecimento correto da realidade na qual se pretende intervir e dos meios de que se dispõe para essa intervenção.

A pesquisa, portanto, como técnica de levantamento dêsses dados, faz parte integrante, do instrumental a ser manipulado pelo planejador, qualquer que seja o seu campo de trabalho.

Não é sem dificuldades, no entanto, que aquêles que trabalham em planejamento sócio-econômico, no Brasil, em especial quando compõem equipes interdisciplinares, buscam definir métodos de pesquisa que, ao mesmo tempo em que se formulem a um nível verdadeiramente científico, com base nas técnicas de conhecimento das diversas ciências sociais, tenham também a operacionalidade capaz de fornecer conclusões nos momentos exigidos pelos acontecimentos. Como também levem em conta a escassez de recursos e a necessidade absoluta de, por êsse mesmo motivo, levantar sòmente os dados estritamente necessários às decisões a serem tomadas e à garantia de sua objetividade.

O roteiro de pesquisa que se procura apresentar não é senão a sistematização de um consenso mais ou menos assumido por bom número de profissionais de planejamento urbano que, com essas preocupações, puderam identificar, na atividade prática, alguns elementos a introduzir na técnica de pesquisa para o planejamento físico.

Parece possível que, enquanto sistematização, êsses elementos tenham um certo interêsse para os demais setores do planejamento sócio-econômico. Não pretenderemos, no entanto, senão apresentá-los.

De início cabe estabelecer alguns conceitos.

O conhecimento da realidade, condição essencial para a validade das decisões a tomar no processo de planejamento comporta, sem dúvida alguma, uma sistemática de aproximações sucessivas, que admitem sempre um grau maior de detalhe, ou supõem a possibilidade de um conhecimento cada vez mais correto e seguro da realidade, à medida que nos aprofundamos no seu exame.

Num primeiro momento do processo, a análise da realidade, tomada de forma global, com tôdas as suas facêtas e interdependências, pode nos conduzir à conclusão de que será necessário, ou oportuno, ou simplesmente válido, intervir nessa realidade. E pode ainda nos indicar quais as grandes opções a tomar, quanto ao sentido, à intensidade e à dimensão de nossa intervenção.

A partir dêsse conjunto de decisões, deveremos continuar nossa análise, agora para identificar exatamente onde intervir, e quantificar, de maneira precisa, a intervenção necessária, levando em conta os instrumentos disponíveis e introduzindo critérios quanto ao tempo e quanto ao sistema de utilisar os recursos e atingir os objetivos.

A execução das decisões resultantes dessa análise produzirá a modificação preconizada para a realidade, de forma mais ou menos completa, atingindo os resultados desejados, com maior propriedade. Caberá, então, uma terceira fase no nosso processo de conhecimento da realidade, desta vez para avaliar, segundo os resultados obtidos, a validade e a justeza das opções feitas.

Parece-nos que será possível identificar diferenças fundamentais entre êsses três momentos da pesquisa, de tal forma que o método de trabalho a ser utilizado em cada um ganhe, também, características peculiares: no primeiro e no terceiro momentos, procurando-se compreender a realidade como um todo que ela é, no segundo momento procurando-se precisar os instrumentos e variáveis a manipular.

No interêsse da fácil compreensão, poderíamos arbitrar os seguintes nomes: *pesquisas de avaliação*, àquelas correspondentes ao primeiro e terceiro momento, e *pesquisa preparatória da ação*, àquela do segundo momento.

Ambas estarão, naturalmente, integradas no processo de planejamento. Sem a pesquisa de avaliação não será seguro definir as intervenções a realizar. E a ação necessária só poderá ser identificada e dimensionada corretamente se fundamentada em uma pesquisa preparatória e adequada ao instrumental de intervenção.

Ora, nos últimos anos o planejamento sócio-econômico tem ganho importância em nosso país, exigido por aquêles que têm a seu cargo decisões de interêsse social; será oportuno adequar nossos métodos de pesquisa ao ritmo com que são tomadas essas decisões, para garantir-lhes um efetivo apoio no conhecimento correto da realidade. Assim, se as pesquisas de avaliação não podem deixar de ser realizadas em prazos mais largos e mais seguros, na pesquisa preparatória da ação dever-se-á buscar métodos que se caracterizem pela *rapidez* na obtenção dos seus resultados, e pela objetividade, relativamente às decisões que informará, de suas conclusões. E será da combinação dos resultados de umas e outras, interessadas ambas em fundamentar corretamente as opções do planejador, que se obterá ao mesmo tempo a segurança na observação e a eficiência exigida na ação.

O roteiro apresentado no presente trabalho será aplicável à pesquisa preparatória da ação, ou seja, à pesquisa levada a efeito por aquêle que vai intervir, na ocasião em que vai intervir, depois que já se decidiu que será necessário intervir.

Na pesquisa de avaliação, caracteristicamente contínua, levada a efeito por quem acompanha a realidade, ao longo de sua transformação, examinando-a criticamente do seu interior mas como se nela não fôsse tocar, será possível e necessário utilizar plenamente o instrumental já desenvolvido das diversas ciências sociais.

Deve ser dito, igualmente, que o roteiro de pesquisa preparatória da ação, que neste artigo se apresenta, se refere à ação integrada em uma perspectiva de *desenvolvimento*, compreendida esta palavra não no sentido estrito de modificação da estrutura econômica, mas expressando um processo contínuo, equilibrado e harmônico de alteração econômico-social, que se traduz pela elevação progressiva dos níveis de vida de uma população, e que busca dar a cada homem, em tôdas as suas dimensões, e a todos os homens, condições de plena realização humana.

Assim, a realidade a que nos referiremos será sempre a realidade sócio-econômica que compõe o quadro de vida de uma população. A ação preparada pela pesquisa será a ação que vise a alteração econômico-social através da qual se obterá a elevação dos níveis de vida da população considerada.

PRINCIPIOS GERAIS

Procuremos enumerar alguns princípios que orientam básicamente a construção do roteiro.

Qualquer ação que realizemos, qualquer que seja o seu tipo, determinará, forçosamente, uma modificação na realidade. Planejar ações será, portanto, planejar as modificações que pretendemos introduzir na realidade ou, como já dissemos acima, planejar intervenções na realidade.

Trata-se assim de modificar uma situação existente. Uma pesquisa preparatória da ação corresponderá então, em primeiro lugar, à identificação dos aspectos a modificar, à definição das modificações que será necessário introduzir na realidade.

As modificações visadas, por sua vez, além de se referirem a diferentes aspectos da realidade, podem ser obtidas pela intervenção em diferentes tipos de condicionantes da situação existente. O planejador físico, planejará a intervenção em condicionantes como a densidade, ou a distribuição de usos, para modificar uma determinada situação, num determinado aspecto da realidade; por exemplo: no aspecto das condições habitacionais da população. Ao planejador econômico caberia, para ficarmos no mesmo exemplo, planejar as modificações no sistema de distribuição da renda nacional. Isto se a situação a modificar nas condições habitacionais fôsse devida à densidade existente e à atual distribuição de usos e da renda nacional.

A pesquisa preparatória da ação corresponderá, portanto, à identificação das modificações a realizar mas já segundo os *diferentes aspectos* ou segundo os *diferentes tipos de condicionantes* da situação existente. Para o planejador físico, por exemplo, interessará, assim, conhecer fundamentalmente aquelas situações que, pela intervenção nas condições de implantação física, será possível modificar.

Em terceiro lugar, cabe dizer que se pretendemos modificar uma situação existente, nós o faremos — pelo menos é o que se supõe em geral — porque a situação existente já não satisfaz, e será necessário transformá-la em uma situação mais satisfatória. Partimos, portanto, de um julgamento de valor, e isto tanto na fase das pesquisas de avaliação, que definem a necessidade de intervenção e medem seus resultados, como na fase da pesquisa preparatória da ação, que estabelece qual o nível a ser atingido pela modificação possibilitada pelos nossos recursos.

A pesquisa para o planejamento, portanto, traz implícita ou explicitamente em seu bôjo um quadro de referências, correspondente ao *sistema de valôres* que adotamos, a partir do qual chegamos à conclusão da necessidade de modificar uma situação existente.

Enumerados êsses princípios, será possível passar à exposição do roteiro de pesquisa preparatória da ação que nos propusemos apresentar e que restringiremos, neste artigo, ao interêsse do planejador do espaço físico.

O ROTEIRO

Dividimos a pesquisa preparatória da ação em algumas fases fundamentais: a fase preliminar de visão de conjunto e de entrosamento com as pesquisas de avaliação, a que chamamos de fase de *contacto global*; a fase de *pesquisa propriamente dita*, em que levantamos os dados necessários à definição das diferentes alternativas de intervenção; a fase de coleta de *dados para a escolha da alternativa* desejável; por último, a fase de coleta de *dados para a montagem dos projetos* da execução.

Embora identificáveis separadamente, essas fases se interpenetram de forma intensa, na fidelidade ao dinamismo e ao princípio das aproximações sucessivas, que caracterizam o próprio processo de planejamento.

Nós as trataremos, no presente trabalho, de forma separada, certos de que não será essa subdivisão explicativa que levará a uma rigidez contraproducente na utilização do roteiro.

O CONTATO GLOBAL

A fase de contato global corresponde ao que habitualmente se define como pesquisa exploratória, ou preliminar, ou piloto, necessária a um primeiro contato mais ou menos estruturado com a realidade que se pretende conhecer.

Note-se que, se foi decidido realizar a pesquisa preparatória da ação, isto significa que as continuas pesquisas de avaliação, que acompanham a realidade ao longo de sua transformação, já haviam concluído pela necessidade de intervenção, e já haviam definido as grandes opções quanto ao seu sentido, intensidade e dimensão. Mesmo que essas pesquisas não tenham sido dirigidas de modo particular à situação considerada, e sim de modo geral ao conjunto de que ela faz parte.

Assim, no caso do "roteiro" em apresentação, o contato global tem dois objetivos principais: a) proporcionar ao pesquisador uma visão de conjunto da realidade em estudo, tanto mais completa quanto possível, e b) possibilitar a identificação dos aspectos da realidade para os quais se vai planejar a modificação, ou seja, dos aspectos carentes de uma intervenção.

A visão de conjunto é absolutamente indispensável, uma vez que o método é predominantemente analítico na maior parte de seu desenvolvimento, e será essa visão de conjunto inicial que garantirá referir as partes do todo ao seu contexto, à medida que fôr avançando o detalhamento da análise.

Ela não poderá ser, no entanto, simplesmente descritiva, já que deverá permitir a identificação de situações carentes de intervenção; sua perspectiva será assim essencialmente crítica.

Para o planejador físico, essa visão de conjunto será obtida na resposta, pelo menos, das seguintes questões:

1. Localização geográfica da área em estudo (1); posição da área no conjunto de que faz parte, em têrmos de polarizações, tipos e intensidade de ocupação e utilização, condições geográficas gerais da área em estudo, em têrmos de relêvo, clima e outros elementos; e vantagens ou desvantagens apresentadas por essas condições, relativamente à ocupação da área pelo homem.

2. Funções principais da área como um todo, em relação ao conjunto de que faz parte, (funções externas) e correspondente esquema de polarizações; funções que se desenvolvem internamente à área analisada (funções internas) e correspondente esquema de polarizações, características qualitativas e quantitativas fundamentais dessas funções; origem e evolução das funções verificadas; planos existentes quanto às mesmas, perspectivas previsíveis.

3. Características físicas fundamentais dos elementos materiais existentes na área, em têrmos de dimensões, componentes, conservação, etc; dados atuais, evolução verificada, planos existentes e evolução previsível, e sua adequação às funções da área.

A obtenção da visão de conjunto de maneira correta está muito ligada à capacitação técnica e cultural do pesquisador, e corresponde a uma tarefa que o próprio chefe da pesquisa tomará a seu cargo, uma vez que será a partir dela que se montará o instrumental de trabalho para as fases subseqüentes. Poderíamos, no entanto, estabelecer um caminhamento mínimo:

a) consulta a documentos e estudos existentes sôbre a área em questão. Será nessa fase que se analisarão as pesquisas de avaliação porventura existentes, em especial quando a opção de intervenção foi realmente determinada por uma pesquisa especificamente destinada a fundamentá-la;

b) visita informal a tôda a área em estudo. Nessa fase procurar-se-á penetrar no quadro de vida objeto do trabalho, cobrindo-lhe todos os seus aspectos e níveis. Será de grande utilidade procurar pontos altos dos quais se possa descortinar o máximo possível do território considerado. Entrevistas informais com líderes locais e moradores, de ocupações e níveis sociais diversos, ajudam a elucidar questões que a observação direta ou os documentos analisados fizeram aparecer;

c) levantamento específico de dados de interêsse para a compreensão global da área em estudo, que possibilitem atender com segurança às questões a que o contato global deverá dar resposta, formuladas acima.

Os dados assim colhidos poderão ser apresentados de forma ordenada, segundo o roteiro de questões já estabelecido mas, como se trata de uma fase interna do trabalho de pesquisa, não se deverá gastar tempo e recursos em representações gráficas e relatórios excessivamente cuidadosos. Trata-se, fundamentalmente, de compor textos ou traduções visuais que facilitem a compreensão das questões tratadas, como instrumento de trabalho da equipe de pesquisa.

A PESQUISA PROPRIAMENTE DITA

Completada a fase de contato global, será possível passarmos à pesquisa propriamente dita.

A sua preparação, no contrário do contacto global, já exige a utilização de um instrumental mais formalmente estruturado, que ajude a identificação precisa das tarefas a realizar.

Nesse sentido, poderemos estabelecer uma série de quadros e tabelas.

O primeiro será o quadro de referências para a identificação dos aspectos da realidade em que se deverá intervir. Se estabelecemos anteriormente que o processo de desenvolvimento resulta do oferecimento pela comunidade, a todos os seus membros, de condições propícias a plena realização humana de cada um, será necessário estabelecer uma relação daquelas condições que consideremos propícias.

As intervenções na realidade, nessa perspectiva, deverão ser aquelas que busquem garantir a cada vez mais pessoas, no menor prazo e no menor custo social e econômico, essas condições. Tais enumerações são tão pretenciosas quanto perigosas; mas é preciso estabelecê-las, a fim de que se possa construir o roteiro. (2)

No fim do presente trabalho, apresentamos a relação estabelecida pelo autor; o roteiro de pesquisa, no entanto, não se prende necessàriamente a esta relação, que tem como base um sistema de valôres específicos, segundo o que parece ser o consenso geral da época em que vivemos. O importante, realmente, é que ela defina todos os elementos que, para aquêle que vai realizar uma intervenção na realidade, signifiquem condições a obter.

De posse de uma relação convenientemente elaborada e da visão de conjunto

proporcionada pelo contacto global — visão de conjunto, como dissemos, essencialmente crítica — será possível ao pesquisador, passando ponto por ponto sua lista, identificar, em primeira aproximação, quais as condições que, no caso em exame, merecem uma intervenção, no sentido de uma melhoria.

Deve ser observado que, ao se fazer essa análise, serão levadas em conta não sòmente as situações existentes na área em estudo mas, também, aquelas situações previsíveis, decorrentes da evolução que se processará nessa área.

Naturalmente, a opção básica de intervir já deverá ter nascido de uma análise mais ampla, que terá considerado a importância, em têrmos gerais, das intervenções preconizadas para a área, relativamente ao conjunto de intervenções necessárias na zona mais ampla em que a área se integra, face aos recursos disponíveis e ao significado da interrenção, em têrmos de rentabilidade social e econômica do investimento correspondente.

Caso contrário, deve ser dado lugar, prèviamente, a essas considerações, tanto mais necessárias quanto menos racional ou planejada tiver sido a decisão de modificar a situação que estamos analisando.

Note-se também que o contacto global não se completa de uma vez só. Isto é, só se deve passar à identificação dos pontos carentes de intervenção depois que já se tenha uma visão razoàvelmente segura da realidade como um todo.

O contato global comporta, portanto, uma série de reverificações, que podem ser definidas inclusive no momento em que se está tentando, a partir dos dados conhecidos, identificar as condições a serem modificadas. Mas não será o caso de, no sentido inverso, levar êsse cuidado a um nível de exigência que impeça a rápida passagem dessa fase de pesquisa à fase seguinte. Em especial porque a pesquisa propriamente dita poderá incluir o levantamento de dados que no contacto global não tenham sido suficientemente verificados, como adiante se indicará. Trata-se portanto, mais do que tudo, de uma primeira triagem, a ser feita com segurança, mas igualmente com o máximo de rapidez possível.

QUADRO I —

A identificação das condições a merecer intervenção poderá ser anotada em um quadro de análise, a que nomearemos Quadro I, a ser utilizado também nos passos seguintes do roteiro. O Quadro I poderá ter a seguinte estrutura:

QUADRO I

Item da "Relação de condições a obter"	Condições a exigir intervenção, no caso analisado	Identificação das áreas ou grupos da população afetada pelas condições relacionadas		Identificação das variáveis que interferem nas condições relacionadas
		Áreas urbanas	Áreas rurais	

As colunas a preencher, nessa fase, serão as três primeiras.

Em acôrdo com a relação de condições a obter adotada pelo autor, que se apresenta ao final do artigo, seria possível desdobrar o Quadro I em quatro quadros, conforme se tratem dos seguintes dados:

Quadro I. 1 — Dados referentes à população da área (funções internas), em sua situação atual.

Quadro I. 2 — Dados referentes à população da área (funções internas), face à evolução previsível.

Quadro I. 3 — Dados referentes às funções da área como um todo, em relação ao conjunto em que se integra ou à população dêsse conjunto (funções externas), em sua situação atual.

Quadro I. 4 — Dados referentes às funções da área como um todo, em relação ao conjunto em que se integra ou à população dêsse conjunto (funções externas), face à evolução previsível.

Como dissemos acima, nem sempre o contato global nos terá permitido julgar com segurança tôdas as condições a exigir intervenção. Bastará, nessa circunstância, anotar no Quadro I a condição sujeita a dúvidas, com a observação "a verificar". Ter-se-á incluído essa certificação na pesquisa propriamente dita, sem que a mesma se prejudique e evitando-se que o contato global se prolongue excessivamente.

De posse dos dados anotados no Quadro, poder-se-á passar à identificação das variáveis que condicionam a situação deficiente encontrada, e que constituem, em última análise, os elementos que se vai efetivamente manipular, no processo de intervenção com vistas à melhoria das condições existentes.

Cada especialista, assim, manipula as variáveis correspondentes ao seu campo de trabalho.

Se a pesquisa está sendo realizada pelo planejador do espaço físico, verificar-se-á muitas vêzes que, entre as condições carentes de intervenção identificadas na realidade analisada, muitas não poderão ser modificadas por alterações na organização do espaço físico; ou seja, muitas das condições identificadas como precárias só poderão ser efetivamente alteradas pela interferência em fatôres de natureza econômica, administrativa, política, etc.

Assim, tomando um exemplo, se a deficiência encontrada nas condições habitacionais fôr relativa à suficiência no número de habitações disponíveis, poder-se-á fàcilmente verificar que caberá muito mais ao planejador econômico, manipulando variáveis que, entre outros efeitos, resultam na definição do nível de renda da população e da comunidade como um todo, a responsabilidade de definir as intervenções necessárias. Se, por outro lado, as deficiências encontradas, ainda no mesmo exemplo da condição habitacional, tiverem sido devidas a uma excessiva densidade ou a uma localização residencial inadequada, caberá ao planejador do espaço físico definir as intervenções, que se referirão fundamentalmente ao estabelecimento de padrões de zoneamento e densidade, adequados a uma melhoria das condições existentes.

Se o trabalho vem sendo realizado por um equipe interdisciplinar, tal identificação de diferentes interferências tem bastante interêsse. Da mesma forma se a pesquisa se destina a uma autoridade pública com condições amplas de atuação. A simples identificação de problemas e interferências poderá fàcilmente servir de base a um relatório indicativo, relativamente a todos aquêles pontos que na comunidade em foco demonstram estar deficientes.

Mas o roteiro ora apresentado se aplica fundamentalmente ao planejador de espaço físico; continuemos então nossa análise dentro dêsse campo específico.

De posse da enumeração das condições a exigirem intervenção, como dissemos, e que poderemos hierarquizar segundo a importância relativa de cada um, o planejador do espaço físico passará a identificar, entre essas condições, aquelas que dependem de sua intervenção para serem modificadas.

Quais seriam as variáveis manipuladas pelo planejador do espaço físico? O autor do presente trabalho pôde, até agora, identificar sete: a separação ou aglutinação de usos, a estrutura de ligações e atrações (polarizações), a localização dos usos, a dimensão das áreas ou dos complexos de usos, a densidade de ocupação do solo, a estrutura viária e, por último, a composição da terceira dimensão do espaço (a paisagem, tomando esta palavra no seu sentido mais amplo).

Ao final apresentaremos uma maior explicação dessas variáveis.

Completar-se-á o preenchimento do Quadro I anotando-se, na sua quarta coluna, as variáveis que em cada caso interferem, isoladamente ou combinadas.

Êsse preenchimento corresponderá a uma segunda triagem, já que muitas das condições, como indicamos acima, não poderão ser alteradas pela organização do espaço físico. Restarão, assim, sòmente aquelas condições que o planejador físico poderá efetivamente visar, no seu campo de trabalho.

A relação das condições a exigir intervenção e, dentre estas aquelas que podem ser alteradas pelas variáveis manipuladas pelo planejador físico (Quadro I) corresponderá assim a uma enumeração dos itens que deverão ser objeto da pesquisa propriamente dita, *reduzida estritamente àqueles aspectos que devem ser considerados no planejamento de um determinado tipo de intervenção, no qual se manipulando variáveis específicas de um determinado campo de trabalho*. Ganha-se assim em objetividade e rapidez, e a pesquisa poderá ser realmente caracterizada como *preparatória* da ação.

QUADRO II

Passemos ao Quadro II de nosso roteiro, aproximando-nos cada vez mais do trabalho de levantamento de dados.

Como já dissemos anteriormente, na pesquisa propriamente dita nós precisamos conhecer os dados necessários à definição das diferentes alternativas de intervenção. Será o momento, então, de quantificarmos a modificação necessária. O Quadro II corresponderá à enumeração precisa das quantificações a realizar. A sua montagem poderá ser a seguinte:

QUADRO II

Item da "Relação das condições a obter"	Dados a levantar	Processo de levantamento e forma de apresentação

Na primeira coluna, a referência ao item da "Relação das condições a obter" permitir-nos-á sempre voltar ao Quadro de Referências geral.

Na segunda coluna define-se o dado a ser levantado. Assim, por exemplo, qual a insuficiência na densidade de ocupação, face à implantação da rêde de distribuição de água, ou qual as deficiências na estrutura viária quanto à intensificação de tráfego nas áreas próximas às escolas primárias.

O preenchimento dessa coluna deve ser cuidadoso, uma vez que as questões devem ser formuladas referindo-se sempre à variável em consideração, para cada condição em que a mesma interfere. A partir da quarta coluna do Quadro I (identificação das variáveis), toma-se cada variável ou conjunto de variáveis referentes a cad.. item da segunda coluna (condições a exigir intervenção) em que as mesmas interfiram, formulando-se então o que se pretende conhecer da situação em que se encontra a variável ou conjunto de variáveis, na sua interferência no item considerado.

Ora, quando identificamos os dados a serem conhecidos podemos verificar que, para se obter certos dados, é preciso anteriormente que se obtenham outros, que lhes servem de base; por exmplo, para se verificar, no exemplo dado, a insuficiência na densidade relativamente à implantação da rêde de água, é preciso que em primeiro lugar saibamos quais são as áreas não servidas por rêde de água, e também qual é a relação desejável entre a densidade e o custo de implantação. É preciso que saibamos quais são as perspectivas de crescimento da cidade, quais são as áreas com tendência de serem ocupadas, qual o ritmo de ocupação das áreas de baixa densidade.

Será de posse de todos êsses dados que poderemos então passar à análise, para definir em que áreas há insuficiência, qual é o nível dessa insuficiência e quais são as perspectivas dessa insuficiência vir a ser superada pelo próprio crescimento natural da cidade.

As questões definidas incluem, portanto, dados que poderíamos chamar de *dados-meio* e dados que poderíamos chamar de *dados-fim*.

Para facilitar a utilização do Quadro II poderemos anotar as questões referentes aos *dados-fim* a partir do limite esquerdo da coluna, e os *dados-meio* a partir do meio da coluna. E como haverá dados-meio que por sua vez também exigem o conhecimento prévio de outros dados-meio, êstes últimos identificaremos com um símbolo adequado, escrevendo-os, por exemplo, entre colchetes. Assim, o Quadro II ficaria com a seguinte aparência:

QUADRO II

Item	Dados a levantar	Processo de levantamento, etc.
1.13.	— [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] (A) + [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] (B) — [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] (A)	

As letras, A, B e C identificam se a questão é totalmente independente (A), se depende de um dado-meio (B), se depende de um dado-meio que por sua vez depende de outro dado-meio (C), e assim por diante.

Se completarmos o Quadro II, com o preenchimento de sua terceira coluna, em que se especifica o processo de obtenção e de apresentação, teremos um esquema completo do que será necessário realizar, como trabalho de levantamento de dados.

NOTAS:

(1) — Interessa estabelecer o que o planejador físico compreenderá por área de estudo: o espaço estará sendo tomado como um "continuum", em que diferentes graus de complexidade de ocupação e utilização caracterizarão as suas diversas porções, no sentido de uma ocupação mais urbana ou mais rural. Sem que, no entanto, seja necessário estabelecer limites entre essas duas tendências de ocupação: a cidade e o campo farão parte do mesmo espaço, um único espaço.

(2) — Êsses e outros temas tratados no presente artigo estão sendo desenvolvidos em maior detalhe em monografia que o autor prepara atualmente para a "Fundação Getúlio Vargas". □

Arquitetura e Paisagismo na Amazônia

Leandro Tocantins

O autor possui extensa obra de proposição, análise e interpretação dos assuntos que conformam a paisagem e o problemática amazônica, destacando-se "O Rio Comanda a Vida", "Formação Histórica do Acre" (Prêmio Joaquim Nabuco da Academia Brasileira de Letras), "Amazônia: Natureza, Homem e Tempo" e "Santa Maria de Belém do Grão Pará". (Prêmio de Artes Gráficas da VIII Bienal de S. Paulo).

Venho, há tempo, insistindo na criação de uma arquitetura amazônica ecologicamente amazônica, assustado com a proliferação, em Belém e Manaus, e outras cidades do Vale, de casas inadaptáveis ao clima tropical, verdadeiras arrogâncias de mau senso, a causarem problemas de higiene, de saúde, de bem-estar, nem sempre percebidos pelos moradores ou proprietários, muito ancheos em desfrutar uma casa "moderna" ou "funcional", como erròneamente julgam, porque o moderno nem sempre se casa com o funcional e nem o funcional se expressa daquela maneira no clima quente e úmido do Equador.

Casas que seus orgulhosos proprietários denominam de funcional, poderá sê-lo nos países frios e temperados e nunca na Amazônia tropical, que repudia placas de cimento armado, vastas superfícies de vidro ocupando espaços, onde, normalmente, deveria haver abertura para a circulação de ar. O que resulta numa atmosfera interior sufocante, viciada, anti-higiênica.

Muito bom negócio para os fabricantes de vidro plano do sul do País, porém de efeitos desastrosos para a população regional, lembrando-nos aquêle episódio comercial dos ingleses, após a abertura dos portos brasileiros ao livre comércio das nações, quando êsse povo abarrotou o mercado nacional de grossas casimiras, meias e suéteres de lã, capotes, luvas de couro, dignos do frio londrino, e tudo o mais necessário e útil ao clima europeu.

As casas-estufa de Belém e Manaus são cópias servis de construções do Rio, São Paulo, e até dos Estados Unidos, implatadas artificialmente em "terras ardentes", sem nenhum conexão com o meio. Seu afastamento das vocações e sugestões regionais é completo.

Existe em Belém uma vila de casas, ditas populares, na Estrada de Val-de-Caens, construídas há quinze anos atrás. São uma verdadeira fornalha e fonte de resfriados e tuberculose, principalmente para a infância. O povo diz, na sua ingenuidade, que o bairro é doentio. Mas não é o bairro o culpado e sim a mente de quem propôs e executou obra tão disforme dos princípios de higiene e de ecologia.

Autênticos caixões de tijolo e cal, as casas não possuem janelas suficientes, o que priva a circulação do ar e torna a atmosfera interior abafada e propícia à propagação de doenças respiratórias. Outros erros crassos de arquitetura transformam-nas em bons modelos do que não deve ser uma arquitetura tropical.

Em contraposição, vejam-se as barracas da população pobre, herança do taperi indígena. Muito embora elas aparentem falta de confôrto, às vêzes até falta de asseio, detalhes creditados às falhas do sistema social, jamais agridem a natureza, sempre se harmonizam com os ventos, com a vegetação, com a água, com o tipo de solo.

E se as barracas tomam o aspecto de favelas nas cidades de Manaus e Belém, é porque, torno a insistir, entra o fator da distorção social, com tôdas as más consequências estéticas e higiênicas.

A barraca, em seu estado de pureza, demonstra uma visível harmonização com o meio tropical amazônico. É um valor regional em que o homem utiliza e valoriza ao máximo a paxiúba, a madeira, a palha, o cipó, fàcilmente encontrados na mata. Uma habitação ecológica do começo ao fim.

Com a sua primitividade e inspiração indígenas, a barraca e o seu aumentativo de grau social, o barracão, não representam motivo de condenação *in limine*, ou apenas uma curiosidade etnográfica. Representam, sim, fonte de estudos para arquitetos e urbanistas desejosos de criar tipos de habitação que revelem perfeita integração de valôres: uma ambiência e um *habitat* traduzindo a verdade ecológica.

Estou propositalmente falando de um tipo habitacional adequado para o trópico porque é uma das problemáticas fundamentais a serem encaradas, e, também, em virtude da atualidade nacional do problema, pôsto em relêvo com a criação do Banco Nacional de Habitação.

Não será o novo organismo o instrumento eficaz, na Amazônia, para realizar estudos e pesquisas em tôrno da criação da casa regional que satisfaça tôdas as condições já apontadas?

Sou daqueles que vêem a Arquitetura como um fenômeno global. Não simplesmente estético. A arquitetura é uma soma de valôres, começando pelo seu sentido social, em que não pode faltar o engenho, a arte, o bom gôsto, a harmonização ecológica. A casa é mais do que uma simples morada, como disse o sociólogo Mauro Mota, na apresentação que fêz na mostra sôbre a moradia urbana e rural de Pernambuco, sob o patrocínio do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. E prossegue em seu pensamento: "Seja qual fôr a sua categoria, a casa possui uma estrutura moral e uma expressão social, que se projetam dos interiores, dos pátios, do piso, dos ornamentos, dos telhados, da localização".

Tamanha é a importância dada pelos técnicos daquele Instituto ao problema, que organizaram uma exposição em que todo o material foi recolhido em demolições. "Mas aqui é como que se as peças se reintegrassem nos corpos primitivos", esclarece o Diretor do Instituto, que assim conclui: "A saúde e a vida humanas condicionam-se em vários pontos ao estado de habitação. De acôrdo com o professor Leroux, a habitação é preliminarmente um problema de neurologia, diante das calmas física, térmica, sonora e visual exigidas pelo repouso e pelo sono".

Uma perfeita integração de todos os fatôres do meio-ambiente significa ir as raízes culturais e naturais mais profundas. Para isso devem trabalhar de mãos dadas o arquiteto, o engenheiro, o cientista social, o higienista, o urbanista, o sanitarista, o paisagista, o artista.

Há pouco li um artigo do escritor francês George Patrix, publicado no jornal "Le Monde", em que êle afirma: "É necessário compreender que é urgente reintegrar ràpidamente os valôres sensíveis em suas manifestações. Se pela primeira vez no mundo uma civilização é reconhecida como disforme, é porque pela primeira vez os técnicos estão separados dos artistas. Os arquitetos, por vocação, têm um papel determinado no planejamento territorial (.....). Se o programa da realização é verdadeiramente pensado, em sentido estético, a família, ao decidir-se às suas diversas obrigações de trabalho, encontrará sua nutrição cultural no próprio quadro da vida diária, e se o planejamento da cidade e do local de trabalho é bem feito, êles se transformarão em

locais de cultura. Somos dos que pensam que a arte nunca foi fruto dos museus, mas, sim, bem de consumo universal, uma necessidade essencial que, se não está entre os gêneros de primeira necessidade de um operário não qualificado, êle é, todavia, fundamental para que venha a ser um homem".

Por tudo isso é que não deixo de sorrir diante das declarações do Presidente do Banco Nacional de Habitação, nas quais parece haver uma certa confusão entre "luxo" e planejamento, estética, condições ecológicas, bom senso.

Com efeito, publicada em quase todos os órgãos da imprensa do Rio de Janeiro, no dia 28 de janeiro de 1965, encontra-se esta declaração curiosa: "O Banco Nacional de Habitação respeita o seu gôsto e seu mau gôsto", isto é o do construtor e o do comprador, pois "a beleza das casas, as dimensões superiores a 150m² e os estilos não são de preocupação do Banco".

Mais adiante a Presidente do Banco assevera: "Não concordo com o Estado invasor". É preciso, antes de tudo, que se estabeleça um campo divisório entre a verdadeira invasão e o desempenho indispensável de certas tarefas inerentes ao Estado moderno: planejar, orientar, disciplinar, coordenar. O Banco é um organismo criado para executar uma política eminentemente social, que é a da habitação. Se êle dispõe sôbre as normas a serem observadas no projeto, isto não significa invasão arbitrária na arena da iniciativa privada. Do contrário, seria a licenciosidade produzindo todos os vícios na construção.

Como o Banco alhear-se, conscientemente do aspectos capitais que longe de serem artifícios de arquitetos esnobes, ou de luxo burguês, são tópicos de uma correta política habitacional? A atitude do Banco será a de estímulo a uma espécie de *laissez aller, laissez faire*, em matéria de casas populares?

Que pensa o Banco sôbre a realidade geográfica, humana, social e ecológica do Brasil? Êle, por acaso, a iniciativa privada desejar construir um só tipo de habitação para a Amazônia, Rio Grande do Sul, Goiás e Pernambuco, o Banco o aceitará, porque sua diretriz é só construir casas de qualquer maneira e de qualquer estilo?

As responsabilidades do Banco Nacional de Habitação devem pesar na consciência de todos. É o setor, a meu ver, de maiores implicações sociais e políticas que o Govêrno terá de arcar em longo prazo. Vejo a necessidade urgente de ser instaurado no Banco um planejamento realístico de habitações para a Amazônia, assim como para as outras áreas ecológicas do país, fundado em pesquisas e estudos regionais.

Sabemos que os grupos econômicos da construção civil, encarregados pelo Banco de executar os programas habitacionais, não estão muito preocupados com os princípios que venho tentando expor nesta palestra. Seu interêsse é o do empresário capitalista: o lucro imediato e seguro.

Isto não significa ser contra a iniciativa privada, mas tão-sòmente exigir planejamento técnico, e disciplinar as atividades dos construtores no setor de influência do Banco, a fim de que não se repitam erros e equívocos encontrados naquelas casas sepulcrais em Belém do Pará, de que falei há pouco. Erros e equívocos que se multiplicam País afora.

É lamentável que na Amazônia se esteja tão atrasado no problema da moradia ecológica. São tantas as sugestões do meio e os exemplos de outros povos da Ásia e da África que encontraram o seu conúbio com a natureza, e ainda as lições do português colonial que, tudo isto, nos coloca em situação de atraso incompatível com a inteligência e o senso plástico do brasileiro.

Os portugueses, na época da Colônia, ergueram tipos de casa bem mais adaptáveis do que êsses modernosos que só enfeiam as vias públicas de Belém e Manaus, trazendo problemas à saúde e ao bem-estar humanos.

O naturalista Alfred Russel Wallace, que veio a Belém no ano de 1848, soube apreciar a arquitetura portuguêsa, achando-a própria para a região: "Os quartos espaçosos e altos, com poucos móveis, tendo cada um meia dúzia de portas e janelas, a princípio poderão parecer pouco confortáveis, porém são muito bem apropriadas a uma clima tropical".

É que os lusos, quando transplantaram de seu país estilos e formas de arquitetura para a Amazônia, já possuíam uma experiência tropical na África, na Índia, na China. Em seu próprio território há temporadas com sol arrogantemente tropical e calor acentuável. Lembro-me de Lisboa que visitei em pleno verão, irradiando luzes e aparências de uma Belém grande. Trouxeram, assim, os portuguêses, valôres europeus, e de faixas tropicais, adaptando-os inteligentemente ao meio amazônico: pátios, alpendres, beirais salientes, telhados esparramados, calhas, pisos de cerâmica, azulejos, pé direito alto, fontes de água, muitas janelas, portais largos, venezianas, gelosias, urupemas, olhos-de-boi.

Agora, vejamos uma casa de estilo modernoso em Belém e Manaus: pé direito baixo, placas de vidro distribuídas em grandes desvãos de fachadas, lajes de cimento no teto, reduzido número de janelas. Quando o sol de trópico se põe a pino, a casa vira estufa, a menos que se refrigere todo o ambiente. Nas noites sempre agradáveis e nas manhãs refrescadas pelo orvalho, o ambiente interno fica insensível à essa cordialidade climática da natureza.

Penso que está em andamento uma experiência vitoriosa de casa ecológica na Vila Amazonas e em Serra do Navio, comunidade do Território do Amapá. Aí foram construídas habitações verdadeiramente tropicais, assimilando bem os fatôres de terra, vento, vegetação, luz. A emprêsa de mineração ICOMI entregou a tarefa de projetá-las ao arquiteto paulista Oswaldo Bratke.

O profissional contratado passou dias a medir, a sentir, a observar o local: os primeiros à beira de um braço do Rio Amazonas, o segundo em plena floresta, zona do Planalto Guianense.

Foi muito feliz o arquiteto Oswaldo Bratke. Seu trabalho volveu-se numa formulação ecológica muito clara. Reflete as diversas etapas da evolução social da região, desde a simplicidade da arquitetura primitiva do índio, incorporando, a seguir, valôres regionais, europeus e extra-europeus. É uma inteligente mesclagem de formas e estilos adaptáveis ao meio amazônico.

Não posso esquecer a agradável sensação de permanência nas casas da ICOMI. Durante o dia, a qualquer hora, mesmo nos momentos mais quentes, sente-se uma leve aragem a favorecer nossa intimidade doméstica. De noite, precisa-se até puxar o lençol, principalmente durante as frescas madrugadas.

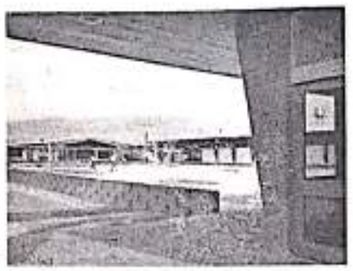
A sua arquitetura denota formas de simplicidade e de clareza estrutural. Tôda ela denota a intenção de criar condições para uma ventilação permanente. A abertura de grandes vãos para o exterior, revestidos de tela fina para evitar a passagem de insetos, e resguardados por persianas de madeira, em tôda a extensão, permite a circulação contínua de ar, regulado pelo sistema flexível dessas mesmas persianas. Pequenos pátios ao redor dos quais se estendem jardins, onde crescem árvores de pequeno e médio porte, que assistem à parte exterior do edifício, emprestando-lhe manchas de sombra e um certo sentido estético.

A ventilação cruzada, graças ao sistema de persianas móveis, assegura uma temperatura quase uniforme, sempre deleitável. Usando telhado de duas águas, o arquiteto Oswaldo Bratke levantou as paredes das fachadas até a altura do fôrro, para deixar inteiramente aberto o trecho da parte inferior do telhado propriamente dito. O processo permite que se forme um colchão de ar renovado, entre o telhado e o fôrro, que é de madeira. Isto evita a propagação para o espaço interno da casa do calor irradiado pelas telhas de cimento amianto.

A simplicidade formal, a eficiência técnica, unem-se à estética, pois a aparência das casas é bastante atraente. Reunem-se assim, nos grupos de residência e de escritório em Vila Amazonas e Serra do Navio, os elementos precisos em habitação ecológica. É uma experiência que deve ser levada avante. Constitui o ponto de partida para a criação de reclamável caso ecológica na Amazônia.

Para complemento da habitação amazônica integrada é preciso construir o jardim ou parque, que traduzem, da mesma forma, uma íntima comunhão com a natureza. Neste particular, Belém já possuiu uma arte de jardinagem ou de paisagismo perfeitamente ecológica, na época do Intendente Antônio Lemos, um dos maiores administradores que a Cidade teve até hoje. Essa esplêndida lição, no entanto, foi esquecida, e o que vêio depois, além da destruição dos elementos básicos do paisagismo de Antônio Lemos, foi o mau gôsto, a falta de percepção social e estética dos governantes municipais acêrca dos problemas de urbanismo.

Em livro que publiquei recentemente, destaquei a obra integrativa do Intenden-











le Antônio Lemos. Chamei-o, então, de príncipe de ideais, de formas, de operosidade; instintivamente um misto de Agache e Burle Marx. Porque Lemos se antecipou, no tempo, a certos conceitos de urbanismo e paisagismo de nossos dias. Por exemplo: a função estética e social dos parques e jardins públicos, o favorecimento à recreação, que se constitui em renovador de energias humanas, em oposição à tendência de mero espectadorismo, fazendo participar os habitantes da Cidade das vantagens higiênicas e sociais da vida ao ar livre, estimulando o amor pelas árvores e flôres. Estas, apresentadas em sua versão regional, isto é, aproveitando ao máximo os efeitos de côres, de formas e de sombras, da flora amazônica.

Havia, ainda, a beleza selvagem do Bosque Rodrigues Alves, espécie de reino encantado do Curupira, o gênio das florestas amazônicas. O Bosque deixava de ser simplesmente uma feira vegetal exótica, revelando a mata primitiva de Belém, para ser um animado parque de diversões, onde a população ia encontrar a réplica dos símbolos românticos daquela época: a cabana de Peri e Ceci, a gruta encantada, a cabana de Paulo e Virgínia, a barraca de Robison Crosué, o pavilhão de Diana, a grande "cascata". Divertimentos que se antecipam no tempo à famosa Disneylândia, em Hollywood.

O atual govêrno do Município de Belém, que se mostra bastante dinâmico e desejoso de reencontrar-se com o autêntico espírito da Cidade, está capacitado para iniciar um programa visando a emprestar à capital paraense uma fisionomia justificável pela natureza e as constantes culturais que se aproximem do equilíbrio ecológico, já tentado em outra época pelo Intendente Antônio Lemos.

Cidade com maiores tradições e monumentos históricos e artísticos do que Manaus, a capital paraense possui um rico manancial sociológico e artístico, digno de ser conservado e valorizado. Em meu livro "Santa Maria de Belém do Grão Pará", procurei realçar alguns de seus aspectos mais característicos, muitos dêles ameaçados de desaparecimento pela falta de um esfôrço comum do Estado, do Município, do povo, e também do Govêrno Federal, responsável pela continuidade do patrimônio histórico-cultural. Agora, com a presença atuante da Faculdade de Arquitetura do Pará, é de prever-se um movimento de solidariedade a essa riqueza arquitetônica, e de melhor compreensão do que ela significa em cultura e tradição.

Manaus, no particular da iniciativa urbanística foi menos feliz. Possuindo, também, grandes administradores no passado, como Eduardo Ribeiro, o pai da Manaus moderna, e quem fêz o bom traçado da cidade, não ganhou, entretanto, uma expressão ecológica na arte dos parques e jardins públicos. A Avenida Eduardo Ribeiro, plantada de "ficus benjamin", é exemplo de como não deve ser feita arborização numa cidade tropical. A espécie não possui nem as soluções sociais indispensáveis à presença da árvore em via pública, nem o valor estético recomendado para incentivar a imaginação, nem a ca-





racterística de regionalidade da planta — três valias ecológicas a levar em conta no urbanismo amazônico.

Os jardins ns praças públicas de Manaus ainda são pobres de espécies regionais e de intenções sociais, como são também os de Belém, depois de esquecidas as lições de Antônio Lemos. Restam, sòmente, na capital paraense, as frondosas mangueiras plantadas pelo seu grande Intendente, fazendo parte hoje do patrimônio histórico, ecológico e sentimental da Cidade, muito embora alguns prefeitos de mau gôsto as tenham ameaçado de corte. Sendo a mangueira de origem tropical indiana, ela, porém, se portou na Amazônia de tal modo que hoje é um símbolo heráldico da região, brazonando cidades, vilas, povoados, seringais, sítios.

Manaus, cidade mais ortodoxamente amazônica que Belém, já possuiu suas mangueiras, sombreando, com acêrto e poesia, as vias públicas. Derrubadas por administradores pouco sensíveis aos seus significados mais amplos na vida da comunidade, elas hoje rareiam na cálida urbe amazonense.

Quando aprecio a arte admirável de um Burle Marx, sinto nela a essência poética dos versos de Edgar Allan Poe que, livremente traduzidos, podem se expressar assim:

No fascínio multiforme e colorido das
[flôres e das árvores
O poeta reconheceu o mais poderoso e
[direto esfôrço
Sôbre a natureza em físico esplendor e
[nesse esfôrço
— Na forma com que se revestia para os
[olhos mortais
Ele sentiu a mensagem — porque deveria
[empenhar-se
Até mesmo acima de suas fôrças
Para cumprir não apenas o seu destino
[de poeta
Mas também o divino propósito
Que implantou no homem
O sentimento da poesia.

Proponho que se traga Burle Marx a Manaus e a Belém, para lançar na região uma arte amazônica de paisagismo. Que mundo extraordinário de sugestões estéticas nas plantas e nas flôres, belas, estranhas, caprichosas em formas e coloridos, poderiam surgir e incorporar-se aos parques e jardins públicos!

Nota-se que o arquiteto-paisagista Burle Barx recolheu na paisagem amazônica algumas idéias para fazer a arrumação florística e dar forma ondulante aos canteiros tufados de verdura. Aquêles bancos de continuidade linear, mas de ritmo serpeante, empresta-nos a imagem de um rio amazônico, sinuoso, divagando na planície. Aliás, bancos na tradição de formas flexuosas, macias, do barroco brasileiro que é, por sua vez, um barroco ecológico. Daí encontrarmos uma intenção compositória amazônica em certos aspectos da arte de Burle Marx, que sabe aproveitar um sem-número de plantas da Amazônia.

Aliás, já é do conhecimento público que o Governador Arthur César Ferreira Reis, filho de Manaus, e como tal se desvelando pelo seu progresso, acaba de convidar o arquiteto Luiz Carlos Antony, descendente de tradicional família do Amazonas, para vir a Manaus fazer estudos com o objetivo de dotar a Cidade de um plano regulador à altura de sua beleza e importância social e econômica na vida brasileira.

Luiz Carlos Antony, que pertenceu à equipe de urbanistas de Sérgio Bernardes, chegará a Manaus, acompanhado de técnicos, com a missão de elaborar Planejamento Físico, Regional, Urbano e Arquitetônico para o Plano Diretor da Cidade e dos centros satélites agroindustriais.

Faço votos que a cooperação oferecida pelo atual Governador do Amazonas à sua capital logre o desejável efeito na comunidade manauense: libertar-se do empirismo e da rotina, lançando-se na conquista de horizontes novos, que trarão enriquecimento espiritual e material ao antigo e histórico "Lugar da Barra".

Outro arquiteto contratado pelo Governador amazonense é Severiano Mário Vieira de Magalhães Pôrto, a quem foi entregue os planos do nôvo edifício da Assembléia Legislativa, da reforma do Palácio Rio Negro, do estádio, e da sede da Secretaria de Agricultura, êste um conjunto de edifícios no meio de um parque onde existirão muitas árvores e um lago, formando uma unidade ecológica satisfatória.

No mundo moderno a arquitetura e seu complemento, o paisagismo, desempenham um papel importante. É fator de estabilização psico-social, porque cria na sociedade as necessárias harmonias para uma vida mais feliz, mais rica de produção. O arquiteto está, assim, integrado culturalmente na sociedade e no processo de transformação das áreas subdesenvolvidas.

Um editorial, aparecido há pouco na revista ARQUITETURA, tem o arquiteto por "um ser preocupado verdadeiramente com os valôres sensíveis e espirituais da sociedade a qual pertence. A estrêita vinculação a êsses valôres", continua o articulista, "foi entretanto prejudicado pelo conceito que se tinha, e infelizmente ainda se tem, da Arte e especialmente da Arquitetura. A Arquitetura continua a ser considerada por muitos como um setor das Belas-Artes, dentro de uma conceituação caduca, anterior à transformação operada pelas revoluções industriais".

Terminando, o editorialista coloca a questão nos têrmos em que venho procurando situar nesta palestra a importância e o papel da Arquitetura no progresso e desenvolvimento da Amazônia: "É certo que não aceitamos esta redução do sentimento da beleza, de verdade e de valôres sensíveis, próprios do ser humano. O homem é um ser dotado de sensibilidade e, portanto, de senso estético. Nós, arquitetos, colocamos êsses valôres sensíveis numa faixa de importância semelhante à dos fatôres sociais, econômicos e técnicos".

Neste ponto vou concluir minhas observações, já demasiadamente estendidas em muitos minutos que tivestes a paciência de me conceder. Minhas palavras são afirmativas e criativas. Nunca teriam o intuito de construir frases no bom e ultrapassado estilo romântico. Nem elas se exprimem em atitude contemplativa ou meramente acadêmica.

As idéias e sugestões que lanço com a intenção de criar algo de útil para o progresso social e econômico da Amazônia, coincidem, em sua essência filosófica, com o nominalismo franciscano, que o sociólogo Gilberto Freyre define como filosofia que "opõe o particular ao universal, o concreto ao abstrato, o especificamente regional ao abstratamente universal".

Um pouco daquele "saber de experiência feito", de Camões, o qual, na opinião do mestre de "Casa Grande & Senzala", foi um discípulo do nominalismo franciscano, "experiencial e experimental, em oposição ao dominicano mais aristotélico, mais acadêmico e mais hieràticamente conservador".

Cria-se, na Amazônia, pelo trabalho cultural de suas Universidades, a do Pará e a do Amazonas, e de sua Escola de Agronomia, uma consciência identificada com o meio e os problemas da área. As novas gerações que aqui se exercitam para os embates da vida não buscam sòmente as abstrações universalistas, como os homens de recente passado, mas desejam, muito a propósito, conhecer e compreender, com maior profundeza, o especificamente regional. Suas energias e habilidades vão abrir o caminho para a construção de uma nova Amazônia. □

Casa ecológica da Amazônia consagrada na Bienal de São Paulo



Vista parcial da exposição realizada pelo arquiteto Oswaldo Arthur Bratke na VIII Bienal de São Paulo, focalizando os painéis iniciais da mostra relativa aos projetos urbanísticos de Vila Amazonas e Serra do Navio.

O arquiteto Oswaldo Bratke foi distinguido de maneira significativa pelos promotores da VIII Bienal de São Paulo, certame artístico que reúne, na capital paulista, as mais expressivas manifestações do avanço na arte moderna. Convidaram-no para que expusesse em sala especial, de Arquitetura um trabalho seu. Autor dos projetos urbanísticos e arquitetônicos de Vila Amazonas e Serra do Navio, no Território Federal do Amapá, onde criou o tipo de residência apropriada à região e que é hoje considerada a "casa ecológica da Amazônia", Oswaldo Bratke escolheu-os para a exposição, já que receberam os maiores elogios quando foram realizados.

A apresentação é feita através de fotografias, mapas e legendas explicativas, e tem sido um dos "stands" mais concorridos na Bienal de Arquitetura, positivando o enorme interêsse despertado pelo empreendimento que implantou a civilização na zona tropical brasileira.

Dão início à seqüência duas placas contendo uma só fotografia da floresta que circunda a Vila de Serra do Navio, seguidas de um mapa do Brasil, no qual se destaca o Amapá, e, neste, Vila Amazonas e Serra do Navio, com indicações de clima, latitude, precipitação pluviométrica e grau de humidade, tudo visando precisar a localização geográfica daqueles núcleos residenciais. Vêm, em seguida, placas com detalhes das construções e dos projetos, continuadas por uma vista aérea de Vila Amazonas e uma foto de mineração. Finalmente, uma série prolongada de aspectos de habitações, escolas, clubes, hospital, ruas e construções para serviços, colocando em destaque pormenores arquitetônicos.

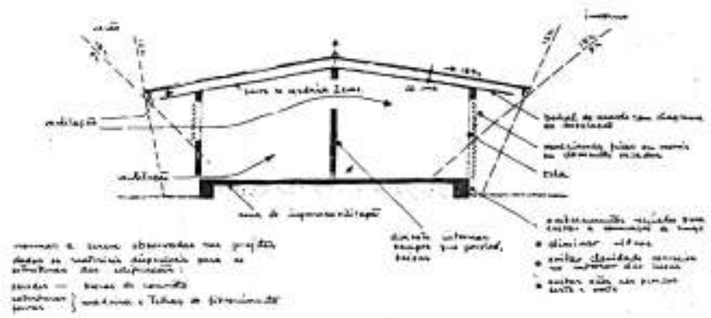
OBRA DECISIVA PARA A INTEGRAÇÃO DA AMAZONIA

Nas placas seguintes são apresentadas explicações relativas ao planejamento das obras realizadas pela Indústria e Comércio de Minérios S. A. - ICOMI, arrendatária, por concorrência pública, das jazidas de manganês de Serra do Navio, situadas quase no centro geográfico do Território do Amapá.



Ao lado, outro aspecto da apresentação dos projetos das vilas construídas pela ICOMI no Amapá.

Embaixo, corte esquemático de residência adequada ao clima tropical, que foi denominada "casa ecológica da Amazônia.



As duas vilas construídas por essa emprêsa para seus empregados e familiares, estão localizadas uma às margens do Rio Amazonas, próximo a Macapá e junto ao embarcadouro de minérios, e a outra ao lado da mina, a cêrca de duzentos quilômetros para o interior. Nunca teriam sido feitas sem que se realizasse, em primeiro lugar, um saneamento completo das duas regiões e logo se desse, também, uma assistência médica eficaz aos trabalhadores. Tudo isso foi elaborado, e não se parou aí, pois hoje estão em pleno funcionamento, nas duas vilas, núcleos integrados de saúde, que seguem os métodos mais modernos de medicina preventiva e curativa, com um hospital completo em Serra do Navio e um centro cirúrgico-obstétrico de emergência em Vila Amazonas.

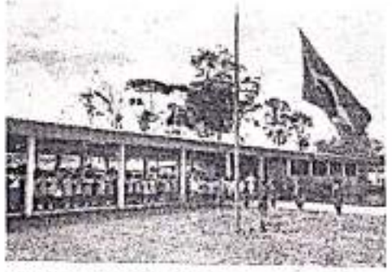
Para atender às atividades sociais dessas comunidades, foram construídos clubes com piscinas, salões de dança, restaurantes, cinemas, campos de esporte, supermercados, etc.

A CASA ECOLÓGICA

Dentro das residências, mesmo com o sol a pino e na época mais quente do ano, há

Visão panorâmica das casas destinadas aos operários na "Vila Amazonas".





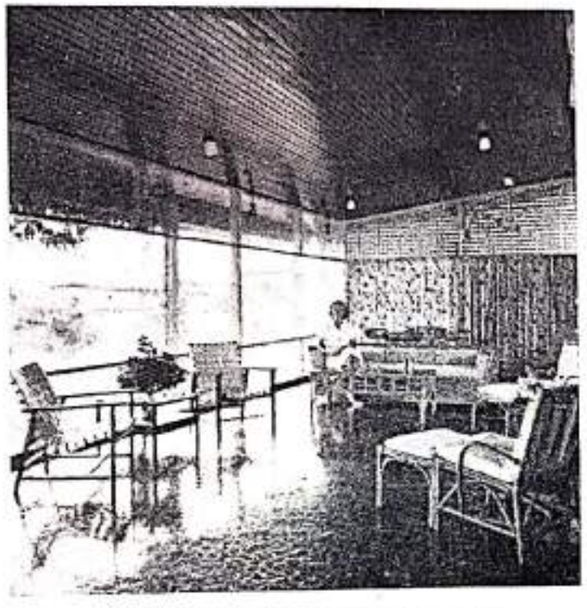
Cerimônia cívica que se repete diàriamente: hasteamento da bandeira nacional no grupo escolar de Serra do Navio.



Casa residencial típica dos empregados mais categorizados em ambas as vilas da ICOMI.



Vila Amazonas — pequena cidade dotada de todo o confôrto moderno, situada próximo ao embarcadouro de minérios de Santana.



Vista interna da residência do gerente em Vila Amazonas.



Aspecto do "living" de uma casa de funcionário graduado, com os móveis também fornecidos pela Companhia.



Amplitude, confôrto e bom-gôsto, é o que mostra o interior das casas em Serra do Navio e Vila Amazonas.

Clareira aberta na mata, Serra do Navio propicia aos seus quase 3.000 habitantes tôdas as comodidades e serviços dos grandes centros urbanos.



sempre uma temperatura agradável, por fôrça da arquitetura das casas, cujos telhados são separados dos forros, havendo sempre entre êles uma camada de ar em constante circulação, o que impede o aquecimento do ambiente interno pelo calor solar. Os prédios de uso comum são construídos com os mesmos requisitos técnicos, estando as escolas rodeadas por jardins e "play-grounds" para maior confôrto e alegria das crianças que ali estudam.

No Amapá objetivou-se fazer da Arquitetura, sempre presente na vida cotidiana da comunidade, um elemento capaz de concorrer para a sua elevação cultural.

Dadas as condições climáticas peculiares à região, os projetos consideraram também, com especial ênfase, os fatôres solo, humidade e insolação, a fim de se obter as condições ótimas de habitabilidade.

Após o encerramento da Bienal, o que ocorrerá no fim de novembro próximo, a exposição será transferida para outro local em São Paulo, seguindo depois para o Rio de Janeiro e o Norte, a fim de ser vista por uma quantidade maior de brasileiros, pretendendo-se, depois, levá-la para países da América e da Europa. □

Em Defesa do Patrimônio

Os poderes públicos têm tomado como norma de suas administrações a realização de obras. Das grandes cidades aos mais modestos municípios, de acôrdo com os recursos disponíveis e, conforme as circunstâncias, fazem-se planos e êstes planos tendem a resultar em obras. A intensidade dessas realizações costuma ser cíclica, sendo períodos de apatia e inércia compensados por meses de atividade, sempre próximos do chamado confronto nas urnas. É bastante clara, neste quadro, a motivação dos planos. Em nada coincide com as razões básicas do planejamento, por princípio um instrumento de longo alcance, cuja eficiência decorre de uma visão global dos problemas de uma comunidade. Não pretendemos aqui nos alongar sôbre o planejamento. Fiquemos nas obras decorrentes do pretenso planejamento. São de modo geral fragmentárias, isoladas do contexto comunitário e têm, com freqüência, caráter suntuário. Sua implantação tende a ser regida por princípios publicitários e nem sempre coincide com as necessidades da população. Pretendem melhorias e se tornam novcias. Julgam resolver quando, na realidade, adicionam problemas. Estas obras são agregadas e não integradas. Confunde-se progresso com novidade.

Os depoimentos que seguem, colhidos na imprensa diária, mostram claramente as conseqüências desastrosas dessa visão setorial e imediatista. Revelam, ainda, a crescente formação de uma atitude de vigilância e participação da opinião pública diante dos problemas físicos das comunidades. Acrescentamos que êstes depoimentos, verdadeiras denúncias, constituem um dos meios mais importantes para a defesa do nosso patrimônio urbano. Por enquanto são ainda esporádicos e insuficientes. Estes, aqui publicados, referem-se a Ouro Prêto. Existem inúmeras outras cidades sujeitas a semelhante agressão feita em nome do "progresso". Por vêzes menos famosas, igualmente consideráveis, estão a espera de seus defensores, dos depoimentos críticos, das denúncias corajosas e sistemáticas, da conscientização dos responsáveis, ou melhor, da própria população.

O ocorrido no Pelourinho, em Salvador, narrado por Carlos Drumond de Andrade é significativo e estimulante: o sucesso dessas iniciativas é imediato quando a comunidade é sensibilizada e participa de forma consciente. Só serão alcançados resultados através de ações efetivas.

Sentar-se e aguardar a intervenção dos "responsáveis (quando se vêm dilapidadas obras da antiga arquitetura, costuma-se atribuir o mal ao DPHAN, parecer precipitado, desmentido pelos depoimentos que publicamos) é cômodo e condizente com mentalidades afeitas ao paternalismo no qual muito se espera e pouco ou nada se faz.

A.N.

LER E GUARDAR

Reuna valiosa biblioteca colecionando FICÇÃO
— revista para ser lida pelo prazer da leitura e depois guardada como um bom livro.

Neste número 2, já nas bancas, entre outros, contos de:
Nelson Rodrigues
José Condé
Sérgio Pôrto
Adonias Filho
— 10 histórias completas.

Leia FICÇÃO agora.
E depois guarde-a para sempre.

Queixa de Mariana

Carlos Drumond de Andrade

De Belo Horizonte, um amigo escreve-me contando que a alegria pela inauguração do Estádio Minas Gerais foi ainda maior que o estádio, terceiro do mundo em tamanho. Os corações e os municípios ficaram felizes. A fecilidade seria geral, se Mariana dela participasse. Mariana, porém, ficou triste, pela voz de seus cônegros. A velha e arquiepiscopal cidade queixa-se de não a terem incluído entre as atrações recomendadas aos turistas que foram ver a festa do estádio. "Aproveite e dê uma esticada a Sabará, a Congonhas, a Ouro Prêto" — sugeriu o Departamento Estadual de Turismo aos visitantes. Não chegou a ponto de aconselhar: "Evite Mariana". Seria excessivo. Preferiu não dar um pio sôbre Mariana, primapobre de Ouro Prêto, que a gente visita se sobrar um tempinho, para voltar no mesmo dia aos cômodos ouro-pretanos ou belo-horizontinos.

Primeira sede brasileira de bispado, com São Paulo rutilando nos esplendores do Aureo Trono Episcopal; primeira vila mineira, cidade onde o poeta Alphonsus de Guimaraens, príncipe de Grã-Melancolia, passeou seu sonho de tôrres altas e floridos cinamomos, pobre e querida cidade do Ribeirão do Carmo, bem merecias melhor trato. Consola-te, porém: Ouro Prêto, que te arrebatou o poder e a glória, embora figure nos prospectos turísticos como a suprema coisa de arte do Brasil, só em parte é objeto de carinho e respeito. Lá está a DPHAN, lutando há anos por defendê-la contra o tráfego pesado de veículos, que lhe abala os monumentos e chegou mesmo a tirar um náco da Matriz do Pilar. A duras penas, êsse Serviço conseguiu o projeto de desvio para os caminhões no rumo do Saramenha, e o traçado da rodovia de contôrno, mas não consegue evitar que a Rua das Lajes, parte integrante do conjunto tombado, receba uma camada de asfalto eleitoreiro, que lhe desfigura o aspecto tradicional e atrai para o centro da cidade, tão frágil quanto preciosa, nova procissão de veículos. Coisa igual foi tentada pelo prefeito da Bahia: asfaltar o Pelourinho. O clamor foi tão grande que se evitou o atentado modernizante. Mas Ouro Prêto, faltou-lhe sorte.

E é esta a sorte, ou falta de sorte, das coisas tombadas no País. Sempre expostas à incompreensão, ao desinterêsse e ao desamor, por muito que a heróica e desarmada repartição que as tombou vele por preservá-las, restaurá-las, valorizá-las, dentro dos limitadíssimos recursos humanos e das verbas difíceis de soltar, que para ela constituem tradição. Falta educação popular para que êsses bens sejam devidamente conservados e estimulados. Mas nem sempre é o povo que desadora os seus monumentos. Autoridades públicas também precisam aprender a amálos. Há casos em que a própria autoridade religiosa é a primeira a ofender com obras inconvenientes o semblante das construções sacras, que os peritos de arte buscam manter em sua feição autêntica. Não é fácil conciliar tais valôres com a ausência de valôres ou a confusão dêles. O bom Rodrigo, que envelheceu na luta, sabe bem disso. Paciência, Mariana!

Correio da Manhã - 10/09/65.

O Sr. José Gomide Alves, de São Paulo, diz que deseja denunciar "mais um atentado contra o precioso patrimônio artístico mineiro, que representa o conjunto arquitetônico e urbanístico de Ouro Prêto, com o asfaltamento, pelo Departamento de Estradas de Rodagem de Minas Gerais, de tôda uma rua da Cidade, justamente no trecho que representa o que de mais típico tem a velha cidade".

Afirma o leitor que o atentado ocorreu com a conivência e por insistência das autoridades municipais da Cidade, que continuam mantendo "uma luta inglória e funesta contra o Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, única entidade que vem lutando bravamente, através dos anos, para manter intatos os bens artísticos e históricos que os nossos antepassados nos legaram". Diz, ainda, o Sr. José Gomide que pessoas amigas suas, residentes em Ouro Prêto e proprietários, lá, de um hotel típico, tentaram impedir a consumação do atentado, através de um telefonema à Direção do Patrimônio Histórico, "mas foram ameaçadas, se o fizessem, de terem apedrejada sua residência, através de telefonemas anônimos".

— Trata-se de uma assunto realmente grave — continua o leitor — para o qual o Govêrno, infelizmente, fecha os olhos. Ouro Prêto está sendo destruída cada vez mais ràpidamente e qualquer providência mais enérgica, tomada pelo Patrimônio Histórico, esbarra na politicagem eleiçoeira e tudo vai por terra, como aconteceu com o recente processo em que se viu envolvido o Prefeito da Cidade, porque alterou as características paisagísticas da Cidade, construindo um grupo escolar em estilo moderno.

"Assim é que — prossegue — desejo fazer daqui um apêlo: um apêlo ao patriotismo e à sensibilidade de nossos homens de Govêrno, parlamentares e à imprensa em geral. Façam alguma coisa por Ouro Prêto, antes que se perca, como inúmeras outras cidades históricas mineiras, o pouco que resta da antiga Cidade dos Inconfidentes e de Marília e Dirceu. Que se constitua, na Câmara, uma CPI destinada a investigar tais atentados e as razões pelas quais os processos movidos contra seus autores desaparecem misteriosamente. Salvemos Ouro Prêto!"

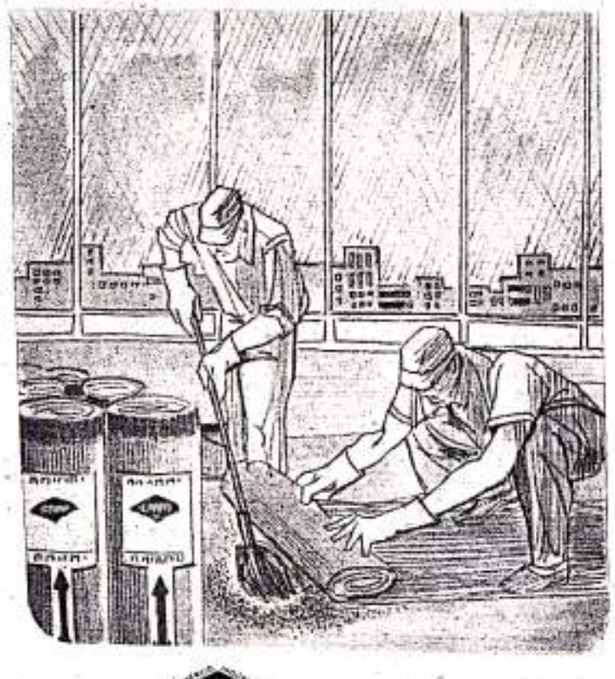
Jornal do Brasil — 11/09/65.

QUE EXISTE MELHOR DO QUE A CAVO EM IMPERMEABILIZAÇÃO?

Nada. A não ser a própria CAVO. Como? É que a CAVO criou um novo setor, dentro de sua organização, para atender exclusivamente a problemas de impermeabilização. Trata-se da Comércio e Indústria - CAVO S.A., que, daqui por diante, fará tôdas as impermeabilizações que antes estavam a cargo da CAVO - Companhia Auxiliar de Viação e Obras. Quer dizer: a Comércio e Indústria CAVO S.A. é totalmente especializada. E incorpora a técnica e a experiência adquiridas pela emprêsa de que descende: a Companhia Auxiliar de Viação e Obras.

COMÉRCIO E INDÚSTRIA CAVO S.A. SIGNIFICA:

★ impermeabilização de terraços, marquises, piscinas, subsolos, caixas d'água e calhas, pelo sistema membranas; ★ fabricação de feltro betuminoso; ★ mais de meio século de eficiência técnica.



COMÉRCIO E INDÚSTRIA CAVO S.A. - MATRIZ: RUA SANTA LUZIA, 685 - 10º ANDAR - TEL.: 32-2270 - TELEG. "NEUCHATEL" - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - BELO HORIZONTE - CURITIBA - BRASÍLIA

Destaque

O Sr. Amâncio Soares, de Belo Horizonte, lamenta que o atual Govêrno, "tão cioso em moralizar o que lá andando mal e irregularmente no País, esteja permitindo a continuação dos atentados contra o conjunto arquitetônico da Cidade de Ouro Prêto".

— Li, há alguns dias, uma carta de um leitor de São Paulo denunciando o asfaltamento de uma das ruas de Ouro Prêto, a mando da própria Prefeitura local, sem o consentimento da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, poucos dias depois de ter lido uma crônica de Carlos Drumond de Andrade, no Correio da Manhã — crônica, aliás, melancólica — reclamando contra o mesmo fato.

Pergunta, depois, o Sr. Amâncio Soares, "pelas autoridades mineiras, pelas autoridades federais, por todos a quem cabe a responsabilidade de velar por aquêle precioso patrimônio artístico-cultural que nos legaram nossos antepassados".

"Se os nossos homens de Govêrno se esqueceram de seu dever para com os pósteros — prossegue — e vão permitir que, a trôco de simples favores eleiçoeiros, um grupinho surrado de políticos do interior continue a destruir, em busca dos votos e do apoio de uns poucos "nouveau-riches", sem sensibilidade e sem patriotismo, que se instalaram na antiga Vila Rica dos Inconfidentes, se êsses homens de Govêrno vão permitir a destruição gradual do que de mais autêntico restou de um passado que nos cabe preservar e cultuar, só nos resta dizer que a nossa gente, o nosso País, os nossos intelectuais, estão de pêsames. Pois que benefícios poderá esperar a Nação de um Govêrno que ignora a cultura tão friamente?"

Acrescenta o Sr. Amâncio Soares que conhece uma página de Rui Barbosa "escrita quando se fêz a mudança da Capital de Minas de Ouro Prêto para Belo Horizonte, na qual o grande escritor, já naquela época, pedia a atenção das autoridades públicas para Ouro Prêto, que ficara abandonada e morria aos poucos, depois de despojada de sua condição de capital."

— Rui Barbosa dizia, então — prossegue o leitor — que, se Ouro Prêto acabasse, o Brasil inteiro haveria de chorar, um dia, a perda de um dos bens mais preciosos, do maior orgulho de seu povo.

— E parece que êsse dia está chegando — termina.

Jornal do Brasil — 14/09/65.

Módulo Paralizada

Lamentamos profundamente a comunicação da Direção da Editôra Módulo Ltda., que resolveu suspender a edição da revista MÓDULO, após a expedição do n.º 38, comemorativo de seu 10.º aniversário.

"Tal medida", informa a Direção de MÓDULO, "nos foi imposta pela decisão adotada pelo Ministério das Relações Exteriores de não renovar o convênio que há sete anos vinha mantendo com esta Editôra, para expedição da revista a tôdas repartições consulares do Brasil no exterior, principais bibliotecas e universidades estrangeiras, o que agravou de forma insuperável os problemas que vinhamos enfrentando para manter em circulação uma revista do nível e do padrão gráfico-artístico de MÓDULO".

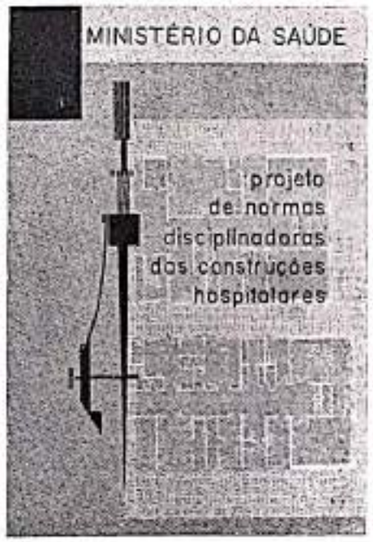
A divulgação da arquitetura e artes brasileiras perde com esta decisão um veículo pioneiro e precioso, e todos nós desejamos o retôrno da edição de MÓDULO para o mais breve possível. □

A. L. B.

Notícias

● NORMAS HOSPITALARES

"A instituição das "Normas Disciplinadoras de Construções Hospitalares" pelo Ministério da Saúde, é iniciativa de alta importância e significação. Num país como o nosso, onde há necessidade de entrosamento e conjugação da iniciativa particular e dos recursos públicos, a falta de padrões oficiais dá margem, freqüentemente, a abusos e cria, para os órgãos governamentais situações delicadas e pouco claras. Daí o malogro de muitas iniciativas que se



têm transformado em oportunidades perdidas de se resolverem, satisfatòriamente, problemas que dizem respeito ao bem-estar da coletividade. "Com estas palavras o IAB abre o seu pronunciamento sôbre as normas recentemente elaboradas pelo Ministério da Saúde. O IAB participou do exame das normas, antes de sua edição, através dos arquitetos Ary Garcia Rosa, Jorge Machado Moreira e Rino Levi.

Prosseguindo em seu pronunciamento, o IAB afirma: "Estas normas representam a primeira etapa de um importante trabalho e não constituem assim obra completa nem definitiva. A evolução da técnica das construções hospitalares, o vulto do problema assistencial em nosso país, a necessidade de encarar com realismo as sensíveis diferenças regionais e a escassez freqüente de recursos humanos, financeiros e técnicos, impõem sejam feitos, posteriormente, os reajustes indispensáveis, sobretudo aquêles decorrentes das condições peculiares a cada região. Teremos então, de fato, um trabalho de âmbito nacional."

"É importante ressaltar a justa intenção de que as presentes normas sejam thosòmente orientadoras dos projetos hospitalares, sendo oportuno e necessário fazer uma advertência sôbre a interpretação a ser dada as plantas de unidades modêlo. Estas são apenas representações gráficas de uma programa de exigências mínimas de conforto e de ordem técnica a serem consideradas no projeto, como necessárias ao bom funcionamento das diversas unidades. Sua apresentação, entretanto, pode levar a falsa impressão de que, para um hospital bem projetado, bastará reunir as unidades modêlo".

A solução de cada problema, — acentua o pronunciamento do IAB, — decorre de um programa e de condições especiais a êle inerentes. Ao arquiteto cabe interpretá-las, coordenar todos os elementos e resolver, com a colaboração de outros técnicos, o problema proposto, inclusive no que diz respeito às técnicas construtivas e ao uso dos materiais".

O Instituto de Arquitetos do Brasil conclue sua manifestação congratulando-se o Govêrno Federal por uma iniciativa que bem reflete o interêsse do Ministério da Saúde na melhoria das condições da atendimento do nosso povo, no importante setor da assistência hospitalar.

● CONCURSO INTERNACIONAL PARA UMA UNIDADE DE HABITAÇAO

A Comunidade Européia do Carvão e do Aço lançou um concurso internacional para elaboração de um projeto de unidade de habitação que responde às exigências de uma família composta por casal e dois filhos e mais um adulto. O tipo de construção a ser adotado deverá ter as características de elementos pré-fabricados leves, que possam ser utilizados para casas particulares, conjuntos de casas e casas plurifamiliares.

O Concurso será em duas etapas. A primeira fase do Concurso será de idéias. A segunda fase concorrerão de 6 a 10 dos concorrentes selecionados da primeira epata.

Calendário:

Primeira etapa:
inscrições de 10/10/1965 a 31/12/1956
consultas até 31/1/1966
respostas às consultas antes de 15/3/1966
envio dos projetos antes de 15/7/1966

Prêmio —

Está reservada uma soma de 60 mil francos luxemburgueses para os participantes selecionados na primeira etapa. O vencedor da segunda etapa receberá um prêmio de 20 mil francos luxemburgueses.

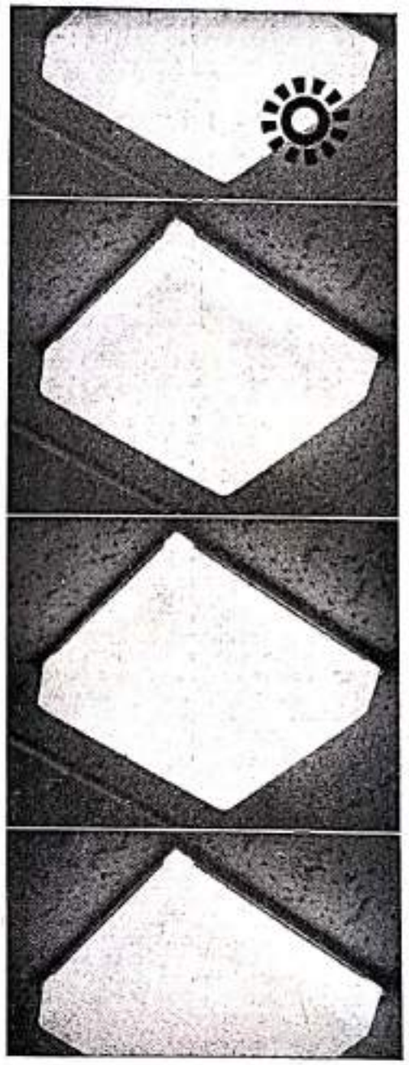
O Júri será composto pelas seguintes personalidades:

Pierre Vago (UIA), I. Gardella (Milão), R. Lenz (Luxemburgo), L. M. J. R. Stynen (Anvers), W. Henn (Braunschweig), A. O. Schuil (Onderzoek), M. Baeschlin (Zurich), J. Bender (Paris), G. T. Wuppermann (Leverkusen), P. Coheur (Liège), L. Cercarelli-Balbo (Milão).

● HABITAÇÃO EM RELATORIO

O arquiteto Roderico Pimentel integrou uma delegação da ADESG (Associação dos Diplomados pela Escola Superior de Guerra) que recentemente estêve na Europa, em viagem de estudos. Dessa viagem, *RP* apresentou ao Conselho Superior do IAB um relatório do qual destacamos a seguir alguns tópicos.

Na Espanha, o Ministério de Vivienda conta em seus quadros com 1.050 funcionários, onde 400 são de grau universitário, mas dêstes, 175 são arquitetos, a cuja responsabilidade está a direção de todos os planos. Professôres, advogados, economistas, etc., são assessôres dos planejadores em todos os setores do Ministério.



LUMINÁRIAS "DECORLITE" EM PLÁSTICO ACRÍLICO

DECOR NEON

departamento de vendas:
av. nilo peçanha 12, grupo 423
Tels.: 22-9079, 42-0549, 52-4838

Em tôda a Europa, habitação é parte integrante do urbanismo, e dos países visitados, França, Alemanha, Espanha, para resolver devidamente o problema, fazem-no sob a égide de ministério próprio, com soluções semelhantes, onde o ministério pesquisa, levanta dados completos, planeja áreas, desapropria, etc., entregando à iniciativa privada o assunto, sem preocupação de "propriedade" para o usuário, mas incentivando, isto sim, os investidores a construirem e muito, casas destinadas à venda ou à renda, e só entrando com recursos estatais para completar a demanda dos candidatos de menor renda.

A Espanha já construiu nos últimos 15 anos, 4 milhões de residências e a Alemanha 7 milhões.

Releva notar que tôdas essas moradias, graças ao planejamento global, têm transportes fáceis para os locais de trabalho, são situadas em centros ajardinados, com grandes parques, escolas, mercados, praças de esporte, enfim, tudo o necessário à vida de seus ocupantes.

Até mesmo em Lisboa, onde devido a contingências (recursos destinados às Províncias) não conseguiu o Govêrno abordar o problema em sua generalidade, em um grande plano de integração nacional, são idênticas as condições dos conjuntos residenciais, onde os diversos tipos de moradia, em uma mesma área, não segregam classes por situação econômica, muito ao contrário, se elas vivem em apartamentos de preços diferentes, estudam, se divertem e fazem esporte em conjunto, nas dependências coletivas e sociais dessas áreas.

A documentação que recolhemos nestes países entregamos ao IAB, órgão da classe dos arquitetos brasileiros, muito pouco ouvido nos assuntos de habitação em nosso País...

Em linhas gerais, esta documentação permite verificar: a menor área de casa está acima de 50 m² o custo de construção na Alemanha, Espanha e Portugal está abaixo da equivalente no Brasil; a mão-de-obra mais cara é nossa, pois na Europa, ela varia entre 30 e 40% do orçamento global da construção, enquanto na Alemanha o empregador contribui para a assistência social com metade da contribuição do operário, em Portugal e na França o empregador paga 3 vêzes a contribuição do operário, e na Espanha esta contribuição se faz em partes iguais".

Roderico Pimentel assinala ainda em seu relatório que todos êsses países chegaram à conclusão da necessidade de criar um ministério próprio para enfrentar os graves problemas de desenvolvimento urbano e habitação e pergunta, — citando como exemplo a Espanha que, segundo êle, apresenta características semelhantes as nossas, — por que não aproveitar a experiência "destas linhas de ação, e evitar os erros que fatalmente outros já cometeram no início?".

● SEMINARIO DE HABITAÇAO EM BUCARESTE

Por proposta do Comitê Executivo da UIA realizar-se-á em junho do ano próximo, em Bucareste, um seminário de habitação que tem como tema prioritário o estudo dos problemas de habitação nos países em via de desenvolvimento.

Em carta enviada ao Conselho Superior do IAB o arquiteto Joaquim Guedes, titular da Comissão Nacional de Habitação do IAB, informa que "a Comissão de l'Habitat foi "convidada" pelo Comitê Executivo a alargar a reunião chamando 2 ou 3 especialistas de renome internacional no assunto e convidando 15 a 20 parnal no assunto e convidando 15 a 20 participantes que deveriam ser designados pelos países em desenvolvimento, que se encarregariam das despesas de seus representantes. O programa provisório será estabelecido na reunião de Paris, em janeiro próximo, com o concurso do presidente do Comitê de Ligação das Comissões de Trabalho. Trata-se de um primeiro ensaio para modificar a fórmula atual das Comissões, de reservar uma parte das somas consagradas até aqui à recepção dos membros da Comissão e destiná-la à preparação cuidadosa dos trabalhos e ao *concurso remunerado de alguns especialistas de problemas de habitação nos países em via de desenvolvimento*. Paralelamente, um apêlo será feito a êstes países pelo canal das instituições especializadas das Nações Unidas, para convidá-los a delegar certo número de auditores".

Frisando o trecho acima grifado *JG* informa, como dado importante para nós do Brasil, "que um dos especialistas internacionais remunerados proposto nominalmente pelo Sr. Jean Pierre Vouga, em nosso último encontro foi o Sr. Constantino Doxiadis". Prosseguindo, *JG* lembra, com muita razão, que "vê-se, também, claramente, que êsse encontro é uma promoção, uma vez mais, dêsses especialistas no âmbito do mercado internacional de trabalho profissional, sobretudo em relação aos governos ou delegados oficiais dos países em vias de desenvolvimento, com tôdas as consequências e implicações que conhecemos".

A Comissão Diretora do Departamento da Guanabara tomando conhecimento da informação do arquiteto Joaquim Guedes, diretor da Comissão Nacional de Habitação, dirigiu-se ao Conselho Superior do IAB, dando integral apoio às sugestões ali feitas, inclusive quanto à necessidade de expressar junto à UIA nosso repúdio pela promoção que o Sr. Constantino Doxiadis vem fazendo através da UIA, junto aos países ditos subdesenvolvidos, o que contraria os interêsses dos arquitetos locais que, ao mesmo tempo em que perdem uma oportunidade de trabalho de grande interêsse nacional, são desprestigiados, contraria os interêsses do país que paga caro por trabalhos que não coincidem com o seu proposto desenvolvimento cultural ou que só podem ser superpostos à realidade e aproveitados pelo esfôrço e pela competência dos excelentes profissionais que existem nesses próprios países".

● BANCO NACIONAL DE HABITAÇAO TEM NOVO PRESIDENTE

O jurista Luis Gonzaga Nascimento e Silva foi nomeado presidente do BNH em substituição à Sra. Sandra Cavalcanti. O Sr. *LGNS* presidiu recentemente a comissão interministerial que estudou assuntos relativos à crise da construção civil no Brasil e a qual o IAB enviou um expediente que inclui sugestões para enfoque e encaminhamento de soluções para os problemas de habitação, de planejamento urbano e da construção civil.

● CONGRESSO NACIONAL DE ARQUITETOS EM 1966

O IAB promoverá em Salvador, no próximo ano, sob os auspícios do Departamento da Bahia, mais um congresso nacional de arquitetos. O tema do congresso será "A cidade e o meio ambiente" tema escolhido para o IX Congresso da UIA a realizar-se em Praga em 1967.

O Conselho Superior do IAB está disposto a incluir outros assuntos no temário do Congresso de Salvador, para tanto solicita que as unidades federadas se manifestem.

● IAB PROPOE NOME DE REIDY PARA O ATERRO

Acatando uma proposta do arquiteto Ruderico Pimentel (IAB-GB) o Conselho Superior do IAB dirigiu-se à Assembléia Legislativa carioca propondo seja dado o nome do arquiteto Affonso Eduardo Reidy ao Parque do Aterro da Glória-Flamengo.

ARQUITETURA faz sua a proposta feita pelo Conselho Superior do IAB. Dificilmente seria encontrado melhor nome para designar uma obra como a do Aterro que o do arquiteto Affonso Reidy. Não só pela sua decisiva participação no planejamento desta obra como pelo exemplo de Reidy como arquiteto que dedicou quase exclusivamente sua vida profissional ao então Distrito Federal e hoje Estado da Guanabara.

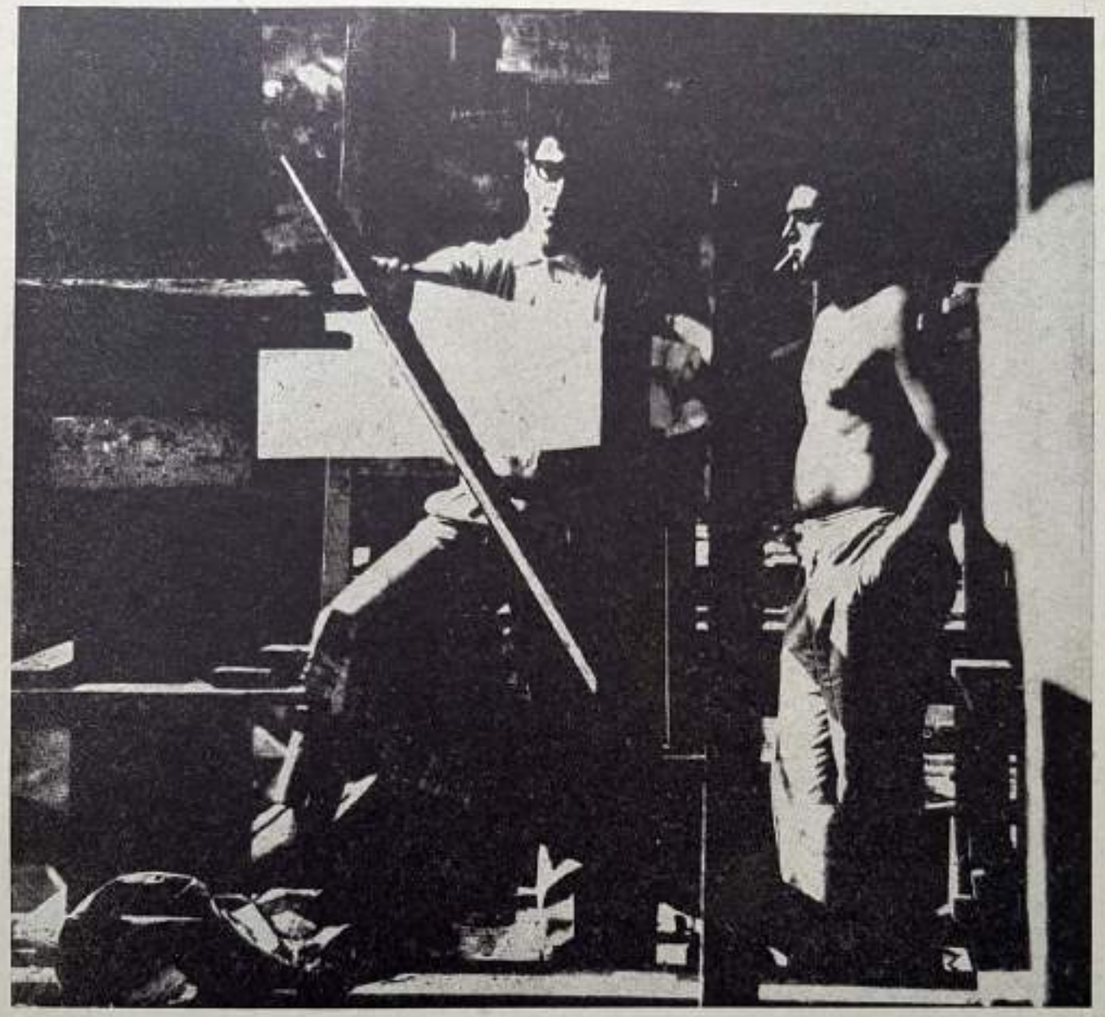
ARQUITETURA, ao reverenciar a memória de Reidy, em seu número de dezembro de 1964, consignou: "Servidor municipal desde cedo, Reidy criou a maior parte de sua obra como funcionário público. Participando, ainda como estudante de arquitetura, da equipe de urbanista francês Alfred Agache, iniciou uma vida profissional que foi quase totalmente devotada à Cidade do Rio de Janeiro e à sua população. Infelizmente, os valores cultuados por nossa sociedade não são de molde a levar a comunidade a reconhecer à importância de uma obra como a que realizou um arquiteto da estatura de Affonso Eduardo Reidy. No entanto, os planos de urbanização da área resultante do desmonte do Morro de Santo Antônio, da faixa conquistada ao mar, ao longo da Avenida Beira Mar, entre a Ponta do Calabouço e o Morro da Viúva, os conjuntos residenciais do Pedregulho e da Gávea, os inúmeros projetos isolados que elaborou, e sua ação no Departamento de Urbanismo — em cuja direção estêve por diversas vêzes — constituem uma tarefa digna do maior reconhecimento e um exemplo fundamental a ser reverenciado. Sua vida fecunda e criadora é a própria antítese da imagem que comumente se faz do funcionário público".

● CONCURSO INTERNACIONAL PARA PLANEJAMENTO DO CENTRO DE VARNA

Acham-se abertas até o dia 1.º de dezembro, a todos os arquitetos filiados às seções nacionais da UIA, as inscrições para um concurso internacional que têm como problema o planejamento do centro da cidade de Varna, na Bulgária. As inscrições poderam ser solicitadas ao Conseil Populaire Municipal de Varna — Departamento d'architecture et d'urbanisme — Varna, Bulgária, mencionando "Concours International".

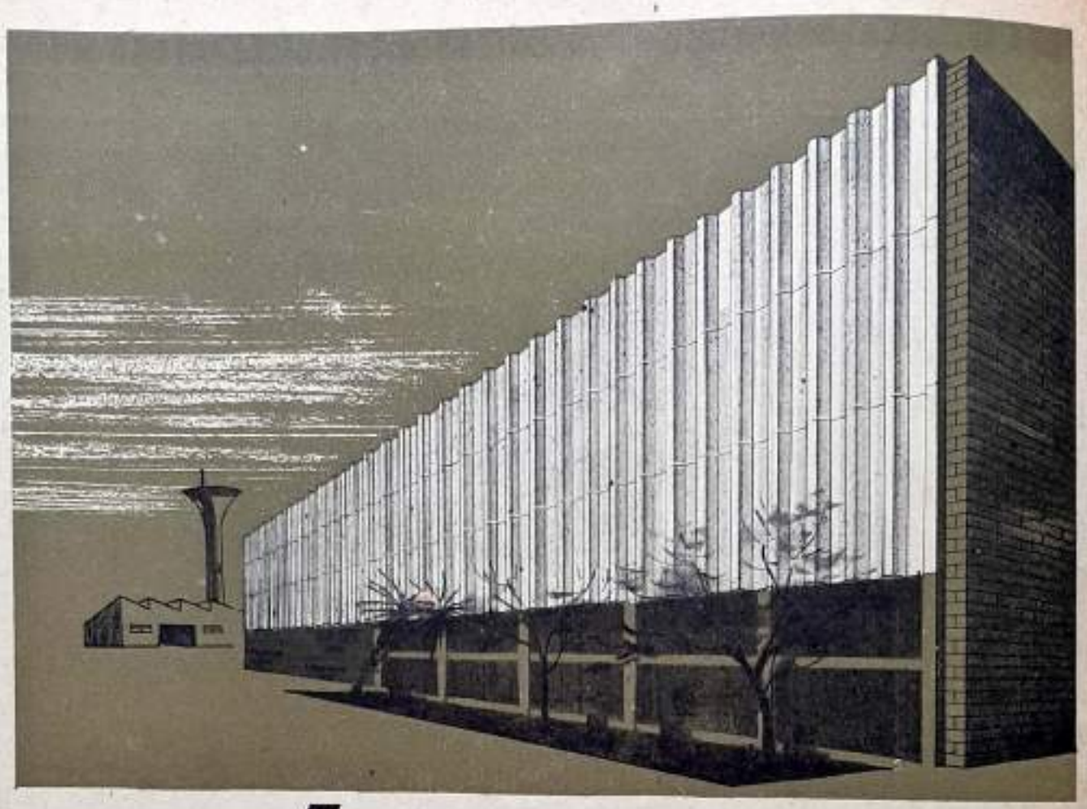
Maiores detalhes poderão ser obtidos na Secretaria do Conselho Superior do IAB, Av. Rio Branco, 185, grupo 817, Rio de Janeiro.

O ARQUITETO É QUEM ESPECIFICA



O senhor sabe o que é especificar?

Especificar, em linguagem de arquiteto, significa indicar, no projeto, como detalhes e caracterização, o tipo, a qualidade, e a marca dos materiais a serem aplicados na construção.
Isto significa que o arquiteto é quem decide sôbre a utilização (ou mais precisamente, a compra) de cada tipo de material de construção.
E quando o arquiteto decide, êle não determina a compra de um banheiro de tal tipo, de alguns metros quadrados de piso ou fôrro, ou de uma pia, ou de uma lata de tinta, como uma dona de casa, ou um leigo qualquer. A sua decisão envolve sempre uma compra de vulto, em larga escala. Uma compra que vale a pena disputar.
Arquitetos e construtores são os verdadeiros clientes de quem fabrica ou vende materiais utilizados em construção, acabamento e decoração.
Arquitetos e construtores são o publico leitor certo e garantido da Revista ARQUITETURA que é o seu órgão oficial.
ANUNCIE EM ARQUITETURA E VEJA COMO VALE A PENA.



chapa trapezoidal
de alumínio para revestimentos e coberturas

Material
Produzida em liga de alumínio extra-duro 3M-H correspondente a ASTM - B209 - 61 - Alloy 3003, com encruamento máximo por laminação.

Características Mecânicas
Carga de ruptura: 20 a 22 kg/mm2 - Limite de elasticidade: 16 a 20 kg/mm2 - Alongamento: 1 a 4%.

Isolamento Térmico
Oferece maior grau de isolamento térmico por reflexão. Refletindo cêrca de 90% da luz solar incidente, chega a reduzir no verão, de 15° C, a temperatura interior.

Funcional
Devido à forma de sua seção transversal, permite obter, quando comparada com outros materiais de cobertura:
1 - maior escoamento de águas pluviais
2 - maior resistência ao flexionamento

Econômica
Pode ser normalmente produzida em comprimentos de até 12 metros, o que permite ao arquiteto obter, com economia, grandes efeitos plásticos em coberturas e revestimentos laterais de fachadas.

CBA
Companhia Brasileira de Alumínio
PIONEIRA DA INDÚSTRIA NACIONAL DE ALUMÍNIO
Av. da Luz, 297 - 11º and. - Tels.: 36-3100 - 36-3101 e 36-1146 - S. Paulo
Av. Presidente Vargas, 309 - 20º and. - Tels.: 52-2074 e 23-2611 - R. de Janeiro